Djalma Motta Argollo

A TRAJETÓRIA EVOLUTIVA DO SER

O Caminho Cíclico da Alma
Entre as Dimensões Física e Espiritual

- 1999 -

Dedicatória:

Ao

Espírito de Leonardo Da Vinci,

cuja influência generosa me inspira sempre visões grandiosas sobre Deus, a Vida e os Fenômenos Universais, envolvidas no mais puro sentimento evangélico, minha singela homenagem e gratidão.

“Da mesma forma que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, ele reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente”.

“O simples fato da possibilidade da comunicação com seres do mundo espiritual tem conseqüências incalculáveis, da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se revela a nós, e que tem tanto mais importância por atingir a todos os homens, sem exceção”.

“Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, porque está sobre a Terra, porque sofre temporariamente, e ele vê, por toda a parte, a justiça de Deus”.

(Allan Kardec, La Genèse, cap. I)

“À medida que o homem compreende melhor a vida futura, a apreensão da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão sobre a Terra, ele espera seu fim com mais calma, resignado e sem receio. A certeza da vida futura dá uma outra direção a suas idéias, um outro objetivo a seus trabalhos; antes de ter essa certeza, ele apenas trabalha para a vida atual; com essa certeza, trabalha com vista ao futuro, sem negligenciar o presente, porque sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que dê ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar as relações que tiveram sobre a Terra, de não perder o fruto de qualquer trabalho, de progredir sem cessar em inteligência e em perfeição, lhe dá a paciência de esperar e a coragem de suportar as fadigas momentâneas da vida terrestre. A solidariedade que vê se estabelecer entre mortos e vivos lhe fazem compreender a que deve existir entre os vivos; a fraternidade tem, desde então, sua razão de ser, e a caridade uma finalidade no presente e no futuro.

(Idem, Le Ciel e L’Enfer, cap. II, item 3)

Índice

Prefácio

A segunda Revolução Mediúnica (RM) tem como marco miliário as Irmãs Fox, e como resultado os atuais conhecimentos sobre o Espírito e a vida espiritual. Assim como o mundo mudou após a primeira, durante o Pleistoceno Médio, pois em função dela surgiram a magia e - por via de conseqüência - a religião, da mesma forma a Humanidade passa por transformações profundas em razão da segunda RM. Um aspecto imediato é a comprovação da persistência da individualidade, de forma integral, após o decesso físico. Isto porque, desde a primeira RM, que fez o homem descobrir a imortalidade pessoal, o problema do Espírito foi posto em causa pelo surgimento do materialismo - com o rompimento da interação entre o ser humano e a Natureza, após as construções do ambiente artificial das cidades -, e pela falência das religiões em sustentar aquela descoberta, por terem seus representantes, os sacerdotes, transformado-as em "instrumentos de dominação".

As pesquisas mediúnicas, assim como o movimento protestante capitaneado por Martinho Lutero no Século XVI, propõe a reformulação da questão religiosa, indo além, isto é, advogando a completa reforma das bases filosóficas e científicas do sistema de pensamento em vigor.

Nossa colocação está isenta de qualquer característica de "espírito de partido". Nasce da meditação do significado real da RM em andamento, e nas conseqüências naturais dos princípios levantados pelas comunicações espirituais, cujas aplicações vem, gradativamente, transformando setores específicos da cultura humana, principalmente no campo da Psicologia.

Disciplinas científicas, voltadas para o estudo das faculdades transcendentes do homem, como a Metapsíquica, a Parapsicologia e a Psicotrônica, são enclaves estabelecidos nos campos da Ciência e vêm, pouco a pouco, vencendo resistências sistemáticas dos dogmas e preconceitos próprios do setor.

O milênio entrante será testemunha dos resultados inevitáveis da luta que está sendo travada para consolidar o princípio espiritual como fator básico e necessário à renovação cultural da Humanidade. Filosofia, Ciência e Religião, os três setores em que se divide o conhecimento, serão ampliados, penetrando novas dimensões e realizando descobertas inconcebíveis até então, as quais produzirão um salto qualitativo no complexo sociocultural, do qual emergirá uma nova civilização.

Este nosso trabalho, em seguimento aos já publicados, é uma modesta contribuição para esse processo renovador. O esteio filosófico em que se estriba é o Espírita, através do qual o problema da continuidade existencial após a morte é enfocado, analisado, na certeza de que já está definitivamente estabelecido pelo imenso acervo de pesquisas levadas a efeito por inúmeros estudiosos, desde os tempos heróicos dos estudos psíquicos, na metade do século XIX.

Analisando o problema da "morte", da vida espiritual e do renascimento, procuramos ajudar os que se debatem nas vascas desesperadas do medo que ainda inspira, e da angústia causada pela "perda" de entes queridos. É necessário que o ser humano se conscientize de que só existe vida, sendo a morte física uma simples mudança de dimensão, a qual não implica em separação definitiva, pois além da certeza da própria continuidade existencial, existe a do reencontro com os que nos antecederam na "grande jornada". Mais ainda, a separação dos que se foram, ou ficaram, não é de modo algum absoluta, pois a

faculdade mediúnica permite o estabelecimento de comunicação entre “vivos” e “mortos”, com troca de informações e consolo, amenizando a dor da saudade e fazendo desaparecer receios e pavores da “ceifadora impassível”.

Ilhéus, verão de 1997.

Introdução

Ao começarem as modernas comunicações mediúnicas, em 31 de março de 1848, as entidades espirituais não apenas trouxeram a notícia de que continuavam vivas, guardando intacta a inteligência, as emoções e a personalidade; disseram existir num mundo contíguo ao nosso, onde aconteciam fenômenos semelhantes como acidentes geográficos, flora, fauna e habitações, as quais se distribuíam por cidades diversas, onde moravam junto com parentes e amigos reencontrados, bem como pessoas outras, ali conhecidas. Os Espíritos sempre divergiram quanto a detalhes, porém, de forma geral, as descrições possuem alto grau de congruência: "As descrições cosmológicas dadas por ou através de diferentes médiuns, divergem entre si, consideravelmente, em matéria de detalhes, porém no todo, as semelhanças genéricas são mais fortes do que as diferenças particulares" [1] .

É a mesma conclusão a que já chegara Ernesto Bozzano [2]: "...os desacordos aparentes, de natureza secundária, que se notam nessas revelações, provêm evidentemente de causas múltiplas, fáceis de serem apreendidas e inteiramente justificáveis".

E sobre o assunto, Allan Kardec elucidara com bastante clareza e precisão, que: "A contradição (entre as comunicações mediúnicas), além do mais, não é sempre tão real quanto possa parecer". "Os Espíritos superiores não se prendem absolutamente à forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo". "Deixemos, portanto, de dar a coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para nos ligarmos apenas ao que é verdadeiramente sério e, não raro, a reflexão fará que se descubra, naquilo que parece o maior disparate, uma semelhança que havia escapado a uma primeira inspeção" [3] .

O ponto comum de concordância entre a quase totalidade dos Espíritos é a inexistência do Inferno e do Diabo. Desde as mensagens iniciais, todas em ambiente protestante na América do Norte, são taxativos: o Demônio é uma figura mitológica, representando a idéia do Mal. Quanto ao inferno, imaginado como um lugar de eterno sofrimento, é descartado por irreal, uma crença nascida na mente conturbada de Espíritos criminosos que, sob o impacto das angústias e remorsos, se acreditam condenados para sempre.

A existência de locais onde se agrupam Espíritos desequilibrados, em regime de expiação das faltas cometidas durante a encarnação, todos são unânimes em afirmar. Mas também coincidem quanto ao fato da estada nesses locais ser temporária e que, após períodos variáveis, os Espíritos infelizes se arrependem, mudando para nível mais elevado, ou reencarnando na busca da retificação dos delitos cometidos. Este detalhe é de se destacar: o progresso conseguido no mundo espiritual, tanto pelos Espíritos inferiores, que estão nas regiões de sofrimento, quanto pelos que estão em níveis de equilíbrio relativo. Os Espíritos não permanecem estacionários numa mesma posição mental. Sempre existe mudança ascendente, portanto positiva, no rumo dos planos mais elevados, como diz poeticamente o Espírito de Castro Alves, através de Francisco Cândido Xavier:

"Tudo evolui, tudo sonha,
Na imortal ânsia risonha
De mais subir, mais galgar" [4] .

Os Espíritos descortinaram, pois, um panorama de contínuo aperfeiçoamento moral, quando ainda a evolução biológica era um sonho na mente de alguns vanguardeiros da ciência. E mesmo esta foi antecipada por eles, no Livro dos Espíritos [5], cuja 1ª edição é de 1857, enquanto o A Origem das Espécies, de Darwin, é de 1859.

A estrutura do mundo espiritual vem sendo descrita como formada de planos consecutivos e graduados, em densidade decrescente, no sentido positivo da evolução, geralmente denominados "esferas". Elas se desdobram desde as inferiores, onde vivem os Espíritos de consciência perturbada por ações morais negativas durante a ligação com o corpo físico, até as habitadas por Espíritos nobres, como Jesus Cristo.

É ainda de se ressaltar que as mensagens mediúnicas primitivas, apesar de transmitidas através de médiuns protestantes - voltamos a frisar -, afirmam não ser possível, para a imensa maioria dos desencarnados, um encontro direto com Jesus. Quanto à visão de Deus, como pretendem as religiões cristãs tradicionais ou derivadas, é uma coisa absolutamente impossível, em relação aos Espíritos saídos da Terra. Uma quacre desencarnada, Elizabeth Tuaining, psicografou por Isaac Post em 1851: "Eu estava, de alguma forma, embebida da idéia de que iria encontrar meu Deus, a quem havia tentado servir leal e fervorosamente, e de quem eu tinha toda a certeza de que havia freqüentemente recebido advertências, envolvido de glória extrema... e de sua exaltação eu esperava receber a sentença do servo bom e fiel: entrar no gozo do seu senhor. Julguem minha surpresa; quando da chegada ao lar espiritual, fui bem acolhida, com toda afeição possível de se conceber; estava surpresa e encantada, além da minha capacidade de expressão, pela mudança. Quando estava plenamente assegurada que esse era a continuação do meu lar, perguntei por Deus, a quem havia tão lealmente servido... Meus companheiros me informaram não possuir qualquer localização dele, sabiam isto: que fazer o bem, cultivar o amor e a bondade, devotar-se em fazer outros felizes, é felicitar-se a si mesmo enquanto na terra é muito necessário para entrar na vida renovada, em condição de melhorar nessas enobrecedoras virtudes" [6].

Imagine-se o quanto deve ter sido chocante para os seguidores da Bíblia no seu aspecto literal, verem desmentidas suas crenças mais caras, suas ilusões de um encontro face a face com Deus, como os patriarcas bíblicos, nos relatos que tinham de cor. Afinal, não se lhes ensinava que a Fé conduzia, inquestionavelmente, à salvação? E os santos, eles assim se julgavam (e julgam), não veriam a Deus, de acordo com as *sagradas* promessas? Esses mitos foram varridos pelas comunicações de Além-túmulo, com a força de um ciclone iconoclasta.

As próprias entidades espirituais nos dizem, quando inquiridas: "Os Espíritos vêem a Deus? *Os Espíritos superiores, apenas, vêem e compreendem; os Espíritos inferiores sentem e adivinham*" [7].

Os *Espíritos Superiores* da resposta são aqueles que já se libertaram completamente da influência da matéria, liberados portanto da necessidade de reencarnar.

A vida continuava, após a sepultura, com possibilidades maravilhosas e perspectivas fantásticas, mas dentro de um padrão de normalidade, onde não cabiam milagres, mas apenas o sistemático império de leis, Divinas em essência, mas absolutamente naturais. Outro motivo de surpresa para a Elizabeth deve ter sido o legalismo - execrável heresia para as correntes Protestantes [8] - que seus amigos, e talvez antigos correligionários enquanto na carne, lhe transmitiram: a necessidade da realização de *obras*, como a caridade, para aprimoramento espiritual. Todos os pregadores evangélicos deveriam tomar conhecimento de mensagens deste tipo, para melhorarem a posição doutrinária, para não

continuarem a se iludir com o falso dogma de que somente a Fé é necessária para a *salvação*.

Os Espíritos também começaram por uma perfeita concordância a respeito do corpo que possuíam. O corpo espiritual, por muitos chamado de alma, era uma réplica do que havia morrido, mantendo a mesma aparência, apenas melhorada e, muitas vezes, rejuvenescida, bela e forte como nos melhores anos da existência no planeta.

A morte, em vez de um *break poin*t em situações permanentes, se transformou numa passagem para outro plano, transitório entre duas encarnações, onde são aferidas as experiências. Ela faz parte do contexto material. Tudo o que existe numa forma determinada - e tudo, mesmo a energia, tem uma forma -, passa pelo fenômeno de desaparecimento da sua manifestação morfológica. Mesmo o elétron, que possui imenso tempo de vida, termina por sofrer uma transformação de forma quando, por exemplo, encontra um pósitron, ou seja um seu simétrico.

O homem, ao atingir a capacidade de pensar e raciocinar sobre si e o seu em torno, defrontou-se com a existência da morte, tanto sua como dos demais seres vivos. Ele próprio tornou-se o agente da morte dos animais, e de seus semelhantes. Com essa finalidade, criou e aperfeiçoou os mais sofisticados instrumentos letais, no propósito de matar com eficácia e segurança.

A natureza sempre agiu sobre os seres vivos, num ciclo inexorável de nascimento, maturidade, envelhecimento e morte. Por outro lado, desde os primórdios da vida na Terra, a Lei de Seleção Natural, de maneira implacável, vem eliminando os seres que não se adaptem a novas exigências do meio ambiente ou aprendam a superar suas armadilhas letais.

O indivíduo, ou seus familiares, parentes e amigos, geralmente enfrentam situações terminais na forma de acidente, senilidade e doença, onde a morte implacável se torna uma presença impossível de ser afastada.

Toda nossa história pode ser resumida numa série de esforços inúteis para evitar a ocorrência da cessação da vida física.

Analisando a si próprio, e a natureza a sua volta, o homem tem se perguntado, desde tempos imemoriais: Será que tudo termina com a morte? existirá um outro modo de vida para a nossa consciência? é o túmulo o fim dos nossos sonhos, esperanças, trabalhos, lutas, paixões, ódios e amores?

Essas questões se fizeram necessárias porque desde cedo o ser humano se sentiu limitado por duas realidades paradoxais: de um lado o corpo a decair, perdendo as condições viçosas da mocidade, a força dos músculos, sofrendo deformações morfológicas, tornando-se um caos de dores e dificuldades ao menor esforço. Por outro, a inteligência, aprimorando-se mais e mais pelo acúmulo de experiências, fortalecendo e ampliando a capacidade de analisar e concluir com precisão e objetividade a respeito das circunstâncias da vida social, como também sobre as atividades de sua especialização.

Todos os povos primitivos sempre tiveram em alta conta as opiniões dos anciãos, costume passado aos povos civilizados, os quais mantiveram em suas instituições políticas um órgão consultivo, integrado por pessoas idosas, que recebeu dos romanos o título de *Senado*, permanecendo até os dias de hoje com esse nome, entre os Ocidentais.

Contrariando toda a lógica, quando a inteligência atinge o seu máximo, o organismo tangencia o mínimo de suas forças, exaurindo-se na falência metabólica. E o homem, desde os tempos mais remotos, detectou esta incongruência, concluindo que não seria possível a extinção pura e simples da consciência, justamente quando atingia o apogeu. Hoje, a Física,

com a lei da conservação da energia, colocou uma pá de cal na esdrúxula concepção do “morreu, acabou”. Somente os que perderam o senso da realidade, presos à dogmática materialista, são capazes de sustentar tal ilogicidade.

Algo porém chama a atenção. Existe, desde os penumbrosos tempos pré- históricos, um conjunto de rituais e crenças envolvendo seres e entidades que deveriam existir num “outro mundo”. E entre tais foi colocada a alma do homem. Por conseguinte, o indivíduo não era só o corpo físico, a se desfazer, como os seres vivos em geral, nos processos da decomposição, após a cessação da vida orgânica.

Claro está que a estrutura conceptual de um mundo supra-sensível não surgiu por acaso, nem repentinamente. Foi o resultado de longo processo, através do qual fatores variados convergiram para lhe dar forma. Mas, como teria surgido essa noção de vida invisível aos olhos normais, entre seres que apenas se ensaiavam nos processos da *mentação contínua*? Isto é que o vamos procurar entender nos itens seguintes, utilizando os recursos de pesquisa e compreensão que os ensinamentos espirituais oferecem, sem ter a pretensão de resolver completamente o assunto. Uma coisa porem é certa: a resposta à magna questão do aparecimento da idéia de um princípio formador e mantenedor do mundo, e da sobrevivência espiritual, já está esboçada pelo trabalho de todos os que se dedicam à tarefa de investigar as mensagens de Além-Túmulo, procurando entender as leis que regem a vida nos dois planos da existência.

1. A Faculdade Mediúnica

Conceito de Mediunidade

Como a faculdade mediúnica é o instrumento que permite conhecer o que acontece durante a crise da morte, e o que se lhe segue, nada mais natural nos determos em algumas considerações sobre ela, e sua ação desde os primórdios da existência humana, para verificarmos a influência que exerceu na formação das crenças e superstições dos povos.

A mediunidade é uma faculdade psicossomática inerente a todas as criaturas humanas como percepção difusa de intuição e inspiração. Quando aguçada permite a conexão entre os planos físico e parafísico, com trânsito de informações entre eles.

Por mais longe que recuemos na História ela se faz presente no cotidiano existencial como força decisiva na construção dos destinos individuais e coletivos: “Vemos a mediunidade em todos os tempos e em todos os lugares da massa humana. Missões santificantes e guerras destruidoras, tarefas nobres e obsessões pérfidas, guardam origem nos reflexos da mente individual ou coletiva, combinados com as forças sublimadas ou degradantes dos pensamentos de que se nutrem” [9] .

A comunicação mediúnica entre os desencarnados e encarnados está na base das mitologias e religiões, passadas e presentes.

A percepção de entidades Espirituais varia de indivíduo para indivíduo por razões naturais, que o Espiritismo e a Psicanálise explicam perfeitamente, quando a segunda se deixa envolver e permear pelos aclaramentos das questões psíquicas, do primeiro.

Psicologicamente a captação mediúnica se processa através das camadas inconscientes da personalidade, arrastando os materiais psíquicos por via associativa, compondo-se com eles e projetando-se no consciente revestida pelos condicionamentos socioculturais do médium.

Da mesma maneira os Espíritos se apresentam à sensibilidade medianímica com estereótipos os mais diversos, por causa da plasticidade do corpo espiritual ou indução telepática, levando o percipiente a categorizá-los dentro do contexto de suas crenças pessoais.

Nesse caso, ocorre uma manipulação do médium por parte do Espírito comunicante que, através de tal artifício, pretende interferir na sua vida de forma negativa ou positiva. Por exemplo, se um espírito obsessor deseja perturbar a mente de seu desafeto, pode corporificar-se numa forma aterrorizante ou projetá-la, por transmissão mental (um deus cruel, o diabo, gnomo, bruxa, vampiro, lobisomem etc.), gerando medo e desequilíbrio; no caso de uma entidade boa ou elevada, pode apresentar-se como uma figura veneranda, um gênio bom, um deus generoso, um anjo, ou criar uma forma ideoplástica de alguma configuração religiosa, relíquia etc., para edificar e conduzir quem o percebe a atitudes éticas mais nobres.

No outro, o sujeito da percepção é quem traduz o percebido de acordo com seus conceitos e preconceitos socioculturais. Exemplo: vendo um espírito de aspecto desagradável o nomeia como um dos seres maléficos da crença a que pertence; se o Espírito apresenta-se luminoso e com ar de bondade, o interpreta como um dos personagens bons do seu panteão religioso. É assim que um cristão tradicional verá em todos os Espíritos envoltos em fluidos negros ou cinzentos o diabo ou uma alma do purgatório; um hinduísta, qualquer ser demoníaco do imenso rol apresentado pela sua religião ou superstições populares em que foi educado. Já o Espírito de aparência radiante será um santo para o cristão ou um deus, um avatar etc. para o hinduísta.

A aplicação dos conceitos auferidos através da mediunidade aos problemas humanos, leva à uma analise mais profunda das crenças e crendices dos povos, dando-lhes uma nova interpretação [10]: “A intervenção dos seres incorpóreos nas coisas da vida particular faz parte das crenças populares de todos os tempos. Por certo não entra na mente das pessoas sensatas tomar ao pé da letra todas essas lendas, todas as histórias diabólicas e todos os contos ridículos que se repetem prazerosamente ao pé do fogo. Entretanto, esses fenômenos, dos quais somos testemunhas, provam que tais contos se baseiam em alguma coisa, pois aquilo que hoje se passa deve ter se passado em outras épocas. Tire-se deles aquilo que de maravilhoso e fantástico lhes deu a superstição e ter-se-ão todos os caracteres, fatos e gestos de nossos Espíritos modernos: uns bons, benfeitores, obsequiosos, gostando de servir, como os bons Brownies; outros, mais ou menos maliciosos, brincalhões, caprichosos e mesmo maus, como os Gobelins da Normandia e que se encontram na Escócia sob o nome de Bogles, na Inglaterra como Bogherts, na Irlanda como Cluricaunes e na Alemanha como Pucks” [11] .

Dá-se o mesmo aqui no Brasil, e os seus nomes são Caipora, Mula-sem-cabeça, Iara, Saci-Pererê, Exus, Orixás, Pomba-Gira etc.

No Estudo psicológico das posições morais dos Espíritos, abordado na classificação de suas diferentes ordens, na Escala Espírita, Kardec é taxativo, quando aborda a 10ª classe, a dos Espíritos Impuros: “Certos povos fizeram deles divindades malfazejas, outros os designam sob o nome de demônios, gênios maus, Espíritos do mal”.

E apresentando a 2ª ordem, a dos Espíritos Bons: “A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares sob os nomes de bons gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, fizeram deles divindades benfazejas” [12] .

Esse *approach* espiritual-sociológico das lendas, mitologias e crenças dos povos é sobremodo fundamentada, nasceu da comprovação, levada a efeito pelos dedicados pesquisadores da fenomenologia mediúnica, acima de qualquer dúvida razoável, da persistência da individualidade após a morte física. Este trabalho descerrou os véus que ocultavam o mundo dos Espíritos e ressaltou sua interação com o mundo material, daí derivando uma série de esclarecimentos sobre inúmeros problemas sociais, históricos e psicológicos, para ficarmos apenas na área cultural, que contestam a visão materialista do mundo.

A Humanidade compõe-se de dois grandes grupos de seres: os Espíritos encarnados e os libertos do corpo. Entre eles existe uma profunda interrelação, caracterizada pelas influências recíprocas permanentes, além de um processo de permuta dialética, pois, através do nascimento e da morte físicos, se alternam periodicamente no fluxo contínuo do tempo.

A mediunidade, que possui na intuição seu mecanismo basilar, conforme afirmamos no início, é o veículo natural de comunicação entre os dois níveis da vida. Por causa dela os Espíritos ligados ao corpo material e os livres permutam sensações e idéias em regime ininterrupto, cujos reflexos abrangem um intervalo de amplitude praticamente infinito, pois dizem respeito a todos os aspectos existenciais.

Os fatos físicos, psíquicos e culturais estão subordinados a esta constante transação interdimensional, conforme elucidam as comunicações espirituais: "Os Espíritos têm influência sobre os nossos pensamentos e sobre nossas ações? *A esse respeito, a influência deles é maior do que podeis acreditar, porque, muito freqüentemente são eles que vos dirigem*" [13] . Esta informação é da maior importância, pois remete ao plano da abstração teórica a tentativa de estabelecer uma dicotomia entre fenômenos anímicos e mediúnicos, em caráter absoluto.

Em adição ao que estamos estudando deve-se ainda ter em mente que os Espíritos estão em permanente comunicação oculta, nos seus respectivos *hábitat*, através de ondas psíquicas específicas, ainda não devidamente estudadas, a não ser em suas manifestações superficiais. Tal fenômeno é devidamente levantado pelos seres espirituais, quando tratam da *transmissão oculta do pensamento* [14] . Por vias ainda incógnitas os Espíritos partilham sentimentos, idéias, emoções e pensamentos, de acordo com princípios determinados pela *Lei de Afinidade*, como conceitua André Luiz [15] : "Emitindo uma idéia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, idéia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir".

Face ao exposto, podemos rastrear a mediunidade na História, de acordo com uma nova teoria do mito, devidamente lastreada por fatos, e não criações imaginárias como as que são encontradas geralmente nos tratados de Filosofia da História, de Sociologia ou Antropologia, de cunho reducionista e preconceituosas.

Primeiras Evidências da Mediunidade

Esta parte do assunto é fruto mais de inferência do que de fatos concretos, como aliás a maioria dos estudos da fase Pré-histórica do Homem.

Entre os especialistas é generalizada a certeza de que o fato de se enterrarem os mortos, com atitudes ritualísticas, é forte indício de consciência da continuidade extrafísica da alma: "O fato mesmo do enterro e do cuidado aos defuntos, por motivo deste ato,

demonstra uma crença firme num mais além, em que a existência não termina com o último alento, e em que o morto segue existindo de alguma maneira. (...) As sepulturas e os ritos que as acompanham permitem outras deduções: a primeira é o convencimento de que os mortos conservam no outro mundo a consciência de sua personalidade, porque a volta à vida cósmica, a confusão da matéria do corpo e da energia ou alma com os elementos físicos e energéticos que constituem o universo, eqüivaleria à destruição total do homem, e não justificaria o cuidado com seu cadáver nem com sua alma" [16].

O primeiro indício concreto da preocupação do ser humano com a imortalidade pessoal e influências invisíveis em sua existência é encontrado entre os neanderthalensis [17]. O Homo Sapiens neanderthalensis viveu no período entre 100.000 e 30.000 anos atrás, em condições climáticas extremas, pois a Terra passava pelo seu último período glacial, obrigando nosso ancestral a habitar em cavernas - donde a designação de troglodita, que lhe foi dada. Esta circunstância favoreceu a preservação de inúmeros restos fossilizados do Homem de Neanderthal, bem como artefatos e vestígios dos restos de seu cardápio diário. Foi um ramo evolutivo humano bem difundido, sendo os seus fósseis encontrados em toda a Europa, Oriente Próximo e Ásia.

O fato que nos interessa foi descoberto primeiramente numa caverna na montanha do Zagros, no Iraque. Ali, por volta de 60.000 anos, aconteceu um episódio, provavelmente já corriqueiro entre os neanderthalensis: O sepultamento de um cadáver, de forma incomum para a época. Richard E. Leakey e Roger Lewin descrevem-no da seguinte maneira: "A umidade da caverna estava longe de ser favorável à preservação do homem morto; mas os grãos de pólen sobrevivem muito bem sob essas circunstâncias, e pesquisadores do museu do Homem, em Paris, que examinaram o solo ao redor do Homem de Shanidar descobriram que junto com ele foram enterradas diversas espécies de flores. De acordo com a distribuição ordenada dos grãos de pólen em volta dos restos fósseis, não há dúvida de que as flores foram deliberadamente arranjadas, excluída a hipótese de terem caído ao acaso na sepultura, quando o corpo estava sendo coberto. É como se a família, os amigos do homem morto, e talvez os membros da sua tribo tivessem ido ao campo e trazido ramalhetes de mil-folhas, escovinhas, cardos-de-são-barnabé, tasneirinhas, jacintos, rabos-de-cavalo-de-pau e um tipo de malva. Os ramos madeirosos do rabo-de-cavalo-de-pau são particularmente adequados para se tecer uma esteira, na qual parece que foi deitado o corpo, e as flores brancas, amarelas, vermelhas, azuis e roxas das outras plantas devem ter contribuído bastante para a cena pungente. **O fato de ter sido um sepultamento intencional é sem dúvida interessante, porque revela uma aguçada autoconsciência, e uma preocupação com o espírito humano**. E ter o cadáver sido enfeitado com flores, acrescenta um enorme significado. Porém o mais intrigante de tudo isso é que, das várias espécies de plantas usadas no sepultamento de Shanidar, diversas têm sido usadas até pouco tempo, na medicina vegetal local" [18].

Em vários outros sítios arqueológicos neanderthalensis se encontraram indícios de sepultamento ritual: Em Le Moustier escavou-se o esqueleto de um adolescente, deitado do lado direito, cuja cabeça descansava sobre o braço, e uma pilha de lascas de sílex servia de travesseiro. Perto da mão havia um machado de pedra, bem talhado, enquanto ossos pertencente a gado selvagem lhe estavam ao redor, enterrados com ele, provavelmente para servir de alimento no Além. Em Teshik Tash, no Uzbequistão, o esqueleto de uma criança com ferramentas de pedra, sugere antropofagia ritual; foi sepultada entre ossos de íbex, estando a cabeça circundada pelos chifres do animal. Na Dordonha, em La Ferrasie, apareceu o corpo de uma criança decapitada, em posição flectida. Estava num nicho de

calcário, cuja superfície de baixo fora pintada de ocre vermelho, exibindo no topo dezoito sinais pequenos [19].

As citações mostram que os especialistas consideram o fato do Homem de Neanderthal enterrar os mortos uma prova de que acreditavam na existência do Espírito e sua imortalidade. Mas, como surgiu tal concepção? Vários sociólogos, filósofos, antropólogos culturais, historiadores e psicólogos pretendem que haja nascido de circunstâncias naturais (!), como as opiniões que se seguem:

Animismo - E. B. Tylor, em **Primitive Culture** (1871), acredita que a idéia de alma surgiu dos sonhos, das alucinações, do sono e da morte, estendendo-se a tudo o que existe.

Animatismo - de R. R. Marrett, em **The Threshold of Religion** (1914), imagina a existência de uma fase pré-animista, onde a admiração do homem face ao desconhecido gerou a idéia de uma força vital animando tudo.

Culto dos Fantasma - de R. F. Spencer, em **Method and Perspective in Antropology** (1954), defende que a noção de Espírito derivou do culto dos ancestrais, associado ao medo de fantasmas.

Fracasso da Magia - J. Frazer, em **The Golden Bough**, postula que o fracasso do primitivo em dominar o ambiente por meios mágicos, levou à idéia da existências de forças ocultas poderosas.

Vício de Linguagem - de Max Müller, entendia haver no homem uma tendência inata para venerar, personificando, todos os fenômenos aterrorizantes. Como era lingüista, concluiu que um erro de lingüística gerou os deuses, pois o homem teria trocado a ênfase da frase **alguma coisa fez isso** pela forma de dizer: **ALGUMA COISA fez isso**.

Estupidez Primeva - idealizada por Preuss e outros: a incompetência do primitivo o fez acreditar, por erro de avaliação dos fenômenos naturais, em forças sobrenaturais.

Fetichismo - que vem do século XVIII, graças aos mitólogos da natureza e folcloristas, defende um paganismo psíquico, ou seja, os homens primitivos atribuíram qualidades espirituais aos corpos celestes e objetos naturais, a esta posição denomina-se, também, **panteísmo antropomórfico**.

Instinto Religioso - diz que o sentimento religioso existe como impulso instintivo, sendo o responsável pelo medo do sobrenatural, bem como por um terror e ansiedade primordial, gerando uma visão mística inicial.

Integração Social - devida a Durkheim, teoriza que o culto totêmico foi o mais primitivo e responsável pela unidade dos clãs, e manutenção de sua identidades coletivas.

Deus Altíssimo - aventada pelo padre Schmidt, cabeça da escola difusionista alemã: teoriza que existiu um primitivo culto monoteísta, o qual se degradou nos cultos politeísticos e mágicos, sendo mantido apenas pelo povo hebreu.

Rei Deus Morto - devida aos difusionistas ingleses, pretendia que toda a idéia religiosa nasceu do tema de um rei que, tendo sido morto, foi depois ressuscitado.

Projeção da Experiência Infantil - surgiu da teoria freudiana do parricídio original, como gênese do tabu e do totemismo, pretende que a religião nasceu da figura paterna austera, disciplinadora, que premia e castiga, a qual assumiria, desde a infância do primitivo, o aspecto sobrenatural de uma força incoercível e superior reforçada pela pressão da sociedade [20].

Juan B. Bergua resume as teorias supra em cinco principais:

A Naturista, de Max Müller.

Animista, de Tylor.

A Mágica ou Preanimista, de Marett.
A Totemista, de Durkheim, e
O Monoteísmo Original, do padre W. Schmidt [21] .

Vemos, neste limitado rol de teorias sobre a gênese da religião, de quanta tolice está recheada a cultura humana. E o pior é que tais absurdos são subscritos por "cientista" muito considerados.

Sem o elemento básico da imortalidade pessoal, esta sim, devidamente comprovada, é impossível uma explicação racional de muitos problemas culturais e psicológicos, sendo o nascimento da religião um deles. Senão, vejamos.

A Primeira Revolução Mediúnica

Naturalmente os rituais de sepultamento do Homem do Neanderthal não significam que, precisamente naquela época, tenha se dado a descoberta do Espírito. Ela deve ter sido fruto de uma evolução lenta e gradativa, e o sepultamento dos neanderthalensis uma etapa superior dessa evolução. Segundo o Dr. Hernâni Guimarães Andrade [22] , o homem descobriu o Espírito por volta de um milhão de anos, em pleno Pleistoceno, durante o Glaciário de Gunz, quando um resfriamento geral da Terra - devido a algum fenômeno de saturação da atmosfera com grande quantidade de poeira lançada por explosões vulcânicas, ou a passagem do planeta através de uma nuvem espessa de poeira cósmica, ou qualquer outro fator ainda desconhecido -, fez avançar os gelos polares e as geleiras das montanhas, provocando drástica mudança no ecossistema. A região equatorial tornou-se de clima temperado, sujeita a violentos períodos pluviais, como demonstrado pelos estudos geológicos.

A dramática mudança nas condições atmosféricas afetou o comportamento da flora e da fauna, sendo o homem primitivo daquela época obrigado a se refugiar em cavernas naturais, se protegendo das temperaturas extremas.

No interior dessas novas e improvisadas habitações, os hominídeos sofriam o problema da fome, pois a caça rareava e os alimentos vegetais se tornavam escassos. O confinamento favorecia, por sua vez, o surgimento de doenças e epidemias, tornando mais crítica a situação. A atuação da Lei de Seleção Natural, fazendo os mais aptos sobreviverem, criou aprimoramentos biológicos importantes, desenvolvendo uma melhor estrutura orgânica de defesa e estimulando a capacidade mental, o que fica patente nos recursos que inventaram para defender a existência.

A situação difícil e penosa ensejou a manifestação dos fenômenos mediúnicos que, como se sabe, é favorecido por circunstâncias de crise psico-biológica: acidentes, doenças, inanição, debilidade orgânica, proximidade da morte física, tensão nervosa, excitação emocional etc.

Nas grutas onde habitava, o "Homo Erectus" vivenciava experiências mediúnicas muito intensas, principalmente de ectoplasmia, de caráter material e promovida, geralmente, por Espíritos ainda ligados às sensações físicas. "**Os Espíritos que produzem essa espécie de efeitos** (os físicos) **são sempre Espíritos inferiores, que ainda não estão inteiramente desligados de toda influência material"** [23] .

A justificativa desta posição está na condição psicológica do antigo primitivo, voltada para o concreto, cuja mente só absorvia experiências muito densas, quase palpáveis,

pois sua capacidade de raciocínio abstrato era por demais primária, podendo ser minimizada. Assim, vivenciando fenômenos de materialização, deslocamento de objetos, pneumatofonia, e outros do gênero, hominídeos, como o Pitecântropo, confrontaram-se com a idéia, ainda muito vaga, de que a morte não é o fim da vida.

As ectoplasmias comumente apresentam traços indefinidos nas extremidades, diluídas em forma vaporosa e difusa. O aspecto, dependendo da vibração específica do médium e do Espírito comunicante, geralmente é acinzentado, e o rosto coberto por uma espécie de véu.

Na vidência, igualmente, os Espíritos parecem flutuar, sem que os pés ou mãos apareçam, e o rosto, de acordo com o grau evolutivo da entidade, envolto numa névoa cinzenta, impedindo a percepção clara. A forma imprecisa e nebulosa das aparições está na origem da crença no Hades, ou Ínferos, para onde iriam as **sombras** dos que morriam. Esta explicação é mais lógica, e consentânea com a realidade, do que se imaginar que os antigos evoluíram para ela do simples perceber uma sombra a acompanhá-los, quando expostos à luz.

Com o passar do tempo, e o aprimoramento do corpo e da mente, a mediunidade ia acumulando provas da continuidade da vida Além-túmulo, por via de experiências diretas e contundentes. À mediunidade de efeitos físicos se somaram as percepções dos fenômenos de efeitos inteligentes, como o desdobramento, os sonhos mediúnicos em que o homem primitivo entrava em contato com amigos e parentes que vivem no mundo dos Espíritos, e também com os Espíritos protetores do seu grupo, além de ser perseguido pelos eventuais inimigos invisíveis, talvez mortos por ele, naquilo que poderíamos chamar de primórdios da obsessão.

Outros fenômenos, como vidência, clarividência, sonhos e visões precognitivos, audiência e clariaudiência, em repetição constante, foram consolidando a certeza da imortalidade pessoal e da existência de um outro mundo invisível, semelhante ao nosso, O aspecto físico dos mortos que voltavam, com vestimentas, armas e utensílios semelhantes aos que haviam deixado na Terra, juntando-se às visões de montanhas, vales planícies, lagos, rios e mares por ocasião do desdobramento natural pelo sonho ou paranormal, originaram os rituais funerários dos neanderthalensis. A antropofagia ritual tinha por finalidade a absorção das virtudes do morto, ou, quando realizada após sacrifícios a deuses e seres sobrenaturais, a comunhão com as forças transcendentes, pela transubstanciação da carne da vítima.

Quando, antes de Darwin, o Filósofo Herbert Spencer pensou a sociedade humana como produto de evolução através do tempo, abordou a gênese da religião como necessidade de integração dos elementos sociais heterogêneos. Os primeiros deuses teriam sido inspirados pelos sonhos e pelos fantasmas, criados pelo medo do primitivo diante das forças naturais. O sono, a morte, o êxtase teriam sugerido a existência, no homem, de um duplo, e um chefe poderoso, depois de morto, estaria na base da idéia de deus.

Como podemos ver, o filósofo inglês perfilhou e desenvolveu as teorias de Tylor. Naturalmente, Spencer ignorou a contribuição dos fenômenos mediúnicos, que aconteciam à sua volta por todo o mundo, desde 1848. Esta situação o fez divagar no absurdo, como todos os que lhe têm seguido as pegadas. Entretanto, seu discípulo italiano Ernesto Bozzano teve a inteligência de incluí-los na apreciação do problema. Estudou-os com afinco, elaborando uma teoria consistente e lógica do nascimento da noção de Espírito, da magia, do sacerdócio e da religião.

J. Herculano Pires, o único filósofo espírita realmente digno desse nome na história do movimento espírita brasileiro, analisa a ligação de Spencer e Bozzano nos seguintes termos: “As origens da crença na sobrevivência, para Spencer, são estes fatos comuns da vida primitiva: o sonho, quando o selvagem se sentia liberto do corpo e agindo em lugar distante; a sombra que o seguia nas caminhadas ao sol e a sua imagem refletida na água, quando se debruçava nas bordas de um lago; eco de sua voz, repetida pelos desfiladeiros e as cavernas. Bozzano acrescenta, ao sonho comum, o sonho premonitório, que faz ver com antecedência um acontecimento futuro; ao fenômeno da sombra e do reflexo na água, os fenômenos de vidência, de aparição e de materialização de espíritos; ao eco, o fenômeno da voz direta. E acrescenta, ainda, à força imaginária de Mana ou Orenda, a prova concreta das ectoplasmias. Como se vê, a tese spenceriana desdobra-se, amplia-se, atingindo os fatos metapsíquicos, que escapavam a Spencer. Com essa ampliação, a gênese da crença na sobrevivência não deixa o terreno do concreto, dos fatos sensoriais, em que Spencer os colocara. Mas, ao mesmo tempo, o problema da indução, que implica o uso do pensamento abstrato, é substituído pela experiência imediata, mais acorde com a mentalidade primitiva. O selvagem não precisava induzir, dos vários fenômenos citados por Spencer, uma suprarealidade, pois esta se impunha a ele através dos fenômenos espíritas ou metapsíquicos, direta e imediatamente”[24] .

A Pré-história, pois, foi testemunha da primeira grande revolução mediúnica, geradora da crença na imortalidade da alma e dos elementos básicos da magia e da religião. Dos médiuns primitivos nasceram os xamãs, pajés, feiticeiros e sacerdotes de todos os cultos conhecidos ou já desaparecidos. De igual maneira, dela derivam as crenças num mundo espiritual, na influência de Espíritos bons e maus, enfim dos deuses com que se ornaram as mitologias de todos os povos.

As mensagens mediúnicas, como se pode ver, dão importante contribuição à etnologia e à antropologia cultural para solução de enigmas com que estas e outras ciências da cultura se debatem abrindo um novo campo à investigação e pesquisa, respondendo às indagações ancestrais sobre o destino, a morte, a dor e a razão de viver.

Registros Mediúnicos Entre os Povos Antigos e Modernos

Por ser a mediunidade um atributo natural do ser humano, as comunicações entre o mundo físico e o espiritual acontecem normalmente desde a primeira RM. Assim, os sinais de sua presença devem ser encontrados nas crônicas de todos os povos, antigos e modernos, ao correr do fluxo da história. A fim de verificar a veracidade desta afirmativa realizemos um rápido levantamento de notícias referentes a comunicações mediúnicas, nos registros de alguns povos e civilizações. comprovaremos, então, como a mediunidade tem estado na base de todos os cultos e religiões, desde os nebulosos tempos do homem primitivo.

Pré-história

Já tratamos do surgimento da crença na continuidade da vida no Além, no período que vai do Homo Erectus até o de Neanderthal. Vejamos agora o que acontece no nível seguinte da evolução humana.

Quando das escavações num sítio arqueológico, a caverna de Mugharet es Tabun (Caverna do Forno), no Monte Carmelo, foram descobertos dois esqueletos típicos do Homem de Neanderthal, datando de 45 mil anos; à distância de cem metros, na caverna de Mugharet es Skhul (Caverna das Cabrinhas), foram exumados restos de dez indivíduos de difícil classificação. Apresentavam uma mistura de traços neanderthalensis e de "Homo Sapiens", e uma idade em torno de 40 mil anos. Mais para o interior, perto da cidade de Nazaré - de tão gratas recordações para nós cristãos -, na grande caverna de Jebel Qafzeh, as escavações revelaram ossos de onze pessoas, de aparência moderna, porém com claros sinais arcaicos e de idade, também, de 40 mil anos. Uma discussão acadêmica entre duas teorias [25], cujos detalhes não abordaremos, vem sendo travada entre os especialistas uma afirmando que as descobertas representam uma transição entre o Homem de Neanderthal e o Homo Sapiens, e outra negando. A nossa opinião é de que se trata de uma forma de transição, uma mutação, que deu origem ao homem do Cromagnon, nosso ancestral mais direto. Por que entendemos assim? É o que buscaremos responder a seguir.

O estabelecimento da existência do Espírito deu início a um processo de revisão das posições científicas e filosóficas, imperantes no mundo. A análise das relações entre o mundo espiritual e o físico, deixa claro que o primeiro abrange todo o cosmo, sendo a vida um patrimônio natural das duas dimensões. Aliás só existe uma vida, a do Espírito, e várias modalidades dela se apresentar, nos diversos níveis dimensionais da Natureza. É o que afirmam as comunicações espirituais: "Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora deste que nós vemos? Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas. Qual é dos dois, o mundo espírita ou o mundo corporal, que é o principal na ordem das coisas? O mundo espírita; ele é preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal poderia cessar de existir, ou não haver jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita? Sim; eles são independentes, contudo suas correlações são incessantes, porque reagem continuamente um sobre o outro" [26].

O mundo espiritual é permanente, porque os Espíritos o são. Estes se distribuem por toda a parte do Cosmo material, o que ratifica a pluralidade dos mundos habitados. E, naturalmente estes mundos permutam habitantes entre si, como entre nós acontece entre os diversos continentes, países e cidades, de acordo com um contexto de solidariedade dos seres encarnados. Os planetas habitados permutam entidades espirituais por motivos evolutivos individuais ou de grupos, em geral por necessidade de resgate e expiação; elas podem ser exiladas em mundos de evolução primária, onde expungem seus complexos de culpa ajudando a acelerar o progresso de habitantes que ainda estão no horizonte primitivo.

Esta Lei de Solidariedade entre os Mundos Habitados gera um constante fluxo de imigração entre os planetas, como acontece em nossa Terra do plano material para o espiritual e vice-versa: "Existe então, emigração e imigração coletivas de um mundo a outro. Isto resulta na introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos; de novas raças de Espíritos, que vêm se mesclar às raças existentes, constituindo novas raças de homens. Ora, como os Espíritos não perdem jamais o que hão adquirido, eles chegam com a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuíam; imprimem, por conseqüência, seus caracteres à raça corporal que vêm animar. Eles não têm necessidade, para isto, que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; pois que a espécie corporal existe, eles a encontram pronta a recebê-los" [27]. "Em se admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual de seu novo hábitat, o invólucro é modificado, embelezado nos detalhes, embora conservando a forma geral de conjunto (n.º 11). Os corpos melhorados, em procriando, se reproduziram

nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas; eles deram nascimento a uma nova espécie, que se foi pouco a pouco afastando do tipo primitivo, à medida que o Espírito progrediu"[28].

O item indicado no texto é ainda mais esclarecedor quanto à transformação do corpo por influência do Espírito nele encarnado: "...é preciso dizer que é o Espírito, ele mesmo, quem conforma seu invólucro e o apropria a suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, desenvolvendo e completando o organismo à medida que sente necessidade de manifestar novas faculdades; em uma palavra, ele o põe sob o talhe de sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais: cabe a ele trabalhá-los; é dessa forma que as raças avançadas têm um organismo, ou se o quiserem, um aparelho cerebral mais aperfeiçoado que as raças primitivas"[29].

De acordo com o exposto, defendemos que, muito antes do período em que viveu o Homem de Neanderthal, Espíritos de inteligência desenvolvida foram transferidos para o nosso planeta. Aqui chegados, ambientaram o plano espiritual terrestre com suas mentes aprimoradas, passando a conviver com as entidades espirituais dos primitivos, quando desencarnadas, naturalmente dominando-as e subordinando-as aos seus caprichos, e, sob a orientação de Jesus e sua equipe dirigente do planeta, começaram os ensaios de encarnação no seio dos neanderthalensis.

Os recém chegados precisavam de um equipamento fisiológico que permitisse a exteriorização de suas capacidades mentais, o que não seria possível com a estrutura cerebral da raça predominante e suas congêneres. Dada a diferença vibratória dos corpos espirituais de ambas as espécies espirituais, bem como pela necessidade da criação de um código genético que contivesse aprimoramentos essenciais no neo-córtex - com desenvolvimento dos centros de associação do córtex frontal -, ocorreram muitas tentativas frustradas de encarnação, desencadeando um grande número de abortos espontâneos, e mortes em tenra infância por deficiências orgânicas diversas, antes que um grupo mutante conseguisse fixar a nova espécie. Partindo desse grupo inicial as reencarnações foram se tornando mais fáceis pela melhor aptidão de sobrevivência proporcionada graças aos caracteres genéticos adquiridos. Surgiu então o Homo Sapiens Sapiens, dominante na Terra até os nossos dias.

Os abortos e as mortes prematuras, bem como o intercruzamento genético, levaram à extinção a espécie primitiva em pouco tempo, substituída pela mais aprimorada do Homem do Cromagnon.

A nova raça tinha a conformação óssea que nos é comum. O volume do cérebro varia entre 1300 e 1500 cc, assim como o nosso. A face apresenta simetria, com o maxilar inferior bem desenhado, e a testa ampla, projetada, indica o desenvolvimento das áreas do raciocínio abstrato. A arte atinge tal beleza que suas produções causam admiração até hoje. Devem ser destacados os trabalhos de escultura, de incrustações de armas e ferramentas, de confecção de adornos e ilustração de utensílios.

Inúmeras grutas e cavernas na Europa, no Oriente e na Ásia guardam desenhos e pinturas de animais com perfeição extraordinária. Muitas estão localizadas no mais profundo das cavernas, em locais de difícil acesso, indicando possuírem um sentido mântico inegável, o que é reforçado por desenhos de lanças e flechas, bem como sinais tradutores de ritual para agir sobre as presas por meios sobrenaturais, tornando mais fácil sua captura. Isto nos leva a crer que, no interior das cavernas, como fora delas, os feiticeiros, médiuns exponenciais dos clãs, já haviam desenvolvido uma idéia empírica sobre a ação mentomagnética à distância, por revelações espirituais, pela prática sistemática

do mediunismo, e pelas lembranças intuitivas que traziam os Espíritos, aqui chegados, de crenças vividas em seus Orbes de origem.

A capacidade intelectual desses imigrantes espirituais pode ser avaliada pela rapidez do progresso rumo à civilização. Revolucionaram a produção de ferramentas e armas, aperfeiçoando a industria dos instrumentos de sílex, donde sua época ser chamada de Neolítica, (nova pedra) ou Era da Pedra Polida.

Em pouco tempo inauguraram a Idade dos Metais, trabalhando o cobre, desenvolvendo o bronze e a metalurgia do ferro. No plano social principiaram a sedentarização com a domesticação e criação de animais, a invenção da agricultura, origem da estabilidade social e a construção das primeiras cidades.

Seguindo-se ao neolítico, a Idade Dos Metais apresenta uma variedade de mitos e rituais. O enterro dos mortos com adornos, roupas, comida e armas prossegue, numa demonstração de crença na sobrevivência. Uma variação introduzida no trato com os cadáveres é a incineração, que faz passar o morto pela purificação através da ação do fogo, facilitando sua penetração nas esferas espirituais sutis, segundo se acreditava. Foi mais comum na Idade do Ferro, como parece demonstrar o "povo dos campos das urnas", provavelmente vinculados aos Celtas.

Por essa época aparecem em maior quantidade os megálitos, construções ciclópicas de pedra, como os Dolmens, e uma variedade deles: os cromlechs, ou simplesmente grandes pedaços de granito trabalhado: os menhires. Essas construções e monumentos estão, quase sempre, ligados a crenças religiosas. Os sepulcros megalíticos apresentam câmaras, geralmente retangulares, com tamanhos variados, contendo um corredor, ou então, circulares e cobertas de terra. Semelhantes edificações, bem como os menhires, espalham-se por inúmeros países europeus, significando uma expansão de crenças, senão semelhantes, pelo menos aparentadas.

A Bíblia testemunha a utilização da pedra em rituais religiosos, quando fala nos "altares de pedra não trabalhada" erguidos desde o tempo dos Patriarcas, para marcarem eventos mediúnicos importantes e homenagear a Divindade.

A mais impressionante estrutura desse período é Stonehenge, na Inglaterra, onde enormes blocos verticais de pedra, colocados em círculo, sustentam grandes e pesadas lousas. Parece estar ligado ao culto astral, pois o alinhamento se enquadra na função de observatório dos movimentos do sol e das estrelas.

Muitos dos cultos e rituais mágicos primitivos exigiam o sacrifício de vítimas votivas humanas, para aplacarem os deuses e espíritos. Uma constante no estado primevo da evolução dos povos, comprovado pelas práticas dos Astecas, Incas, Maias, e outros povos pré-colombianos. Apesar do relativo progresso econômico, cultural, artesanal e de construção, bem como político-social, realizavam essa crueldade inominável.

Tal costume, inspirado por entidades espirituais pervertidas, se bem que inteligentes, foi usado com o objetivo de exploração de fluido vital, para atender seus baixos instintos e sensações, como também manter o controle obsessivo sobre larga faixa de homens e mulheres, manipulados facilmente em virtude das orgias sanguinárias a que se entregavam. Esses rituais serviam, igualmente, a propósitos de vinganças e perseguições a encarnados, presos a processos cármicos dolorosos, possivelmente dentro dos mesmos padrões de insipiência religiosa. Encontramos aí a chave explicativa, em termos da Lei de Causa e Efeito, para o extermínio das civilizações americanas pela bárbara conquista Espanhola.

No período da Antigüidade Clássica, os fenícios e seus descendentes cartagineses, bem como seguidores de divindades sanguinárias entre outros povos Cananeus, mantinham oferendas de vítimas humanas, geralmente crianças, como demonstrado pelo terrível cemitério de crianças sacrificadas, descoberto em Cartago.

O episódio da prova de Abraão (Gn 22, 1-14) indica que esse costume cruel fez parte da evolução religiosa do povo Hebreu pois, com toda certeza, um Deus, Justo e Bom, em caráter infinito, não poderia sequer imaginar um critério tão sádico de verificar a fé e submissão de uma sua criatura. Mais ainda, sendo Deus conhecedor de tudo, tanto do passado quanto do presente e, principalmente do futuro, sabia que Abraão tinha fé, sem necessitar lhe pedir provas.

É preciso que se tenha perdido a racionalidade, subordinando o pensamento a um fanatismo cego e obscurantista, para se aceitar tal procedimento como partido de Deus que, no dizer de Jesus, é Pai de Amor, a ofertar, generosamente, boas coisas aos seus filhos. Verifique-se que, enquanto os cristãos Paulo e Tiago, o irmão carnal de Jesus, se utilizam do episódio em suas elucubrações teológicas, o Mestre Galileu, vexilário do Amor e da Paz, nunca sequer o mencionou. Sabia ele que tal solicitação havia partido de entidades inferiores, ou do obsessor pessoal do Patriarca hebreu, salvo do crime por intervenção, isto sim, de Espíritos elevados.

Mas, voltamos a considerar, o fato denuncia, entre os ancestrais da nação hebraica, o costume de se sacrificarem crianças e adultos, sendo mais tarde, por influência dos Espíritos Superiores, transformado em sacrifício de animais.

Mediunidade nos Inícios da Civilização

A evolução social levou à edificação dos primeiros núcleos de Civilização, nas proximidades do delta do Tigre e do Eufrates, bem como por toda a extensão do Nilo. A característica que nos interessa aqui, é que as primeiras cidades-estado da Mesopotâmia, Ur, Uruk, Lagash etc., eram dirigidas por Reis Sacerdotes, ressaltando a importância do fator religioso naquela época, bem como um aprimoramento na função dos feiticeiros tribais, transformados então em elementos de uma hierarquia religiosa de grande poder. Esta conquista não poderia ter acontecido de uma hora para outra, mas foi o resultado de um processo gradual, por méritos mediúnicos em primeiro lugar, para depois se tornar uma profissão ligada a um contexto ritualístico, elaborado no curso dos milênios, representando, aflorações no consciente de experiências registradas no inconsciente dos Espíritos imigrantes.

Os sumérios, povo que formou esta constelação de cidades-estado, vieram, tudo indica, da Ásia Central, em torno de 3000 a.C. Foram mais tarde dominados pelos Acádios, que adotaram sua língua e escrita, formando o Império Sumério-Acadiano. Na Epopéia de Gilgamesh, existe um momento, depois do herói perder a oportunidade de conseguir a imortalidade, em que ele evoca o Espírito do seu amigo Enkidu, na cidade de Erekh, para pedir informações sobre o Além, mas este se recusa a dá-las. O episódio indica que havia a crença de que os mortos podiam se comunicar com os vivos, e a prática do intercâmbio com eles.

Após período de domínio dos Assírios, os Hititas, povo de origem indoeuropéia, exerceram um temporário mas poderoso domínio sobre o norte da Mesopotâmia e a Ásia Menor, chegando a confrontar com o poderoso Império Egípcio; possuíam ritos onde os

fiéis e sacerdotes, estimulados por hinos, ruídos cadenciados de instrumentos musicais, discursos e preces emocionados, se entregavam a paroxismos de excitação psíquica - que é uma forma primária de contato mediúnico com o mundo espiritual -, semelhante às práticas de certas seitas protestantes, e da carismática católica. “No que diz respeito ao mais além, ainda não é muito o que sabemos com certeza, parece que tinham idéia da ressurreição (baseada no modelo do mito do deus agrícola) seguida do castigo ou do prêmio segundo as obras desta vida” [30] .

Na área que vai do Sinai até a parte alta da Mesopotâmia, envolvendo a Fenícia e a Síria, sempre houve uma mistura de povos, ali aportados em diversas épocas. Os Cananeus foram um deles. Seus sacerdotes eram especializados em diversos aspectos do culto. Alguns, médiuns naturalmente, exerciam a atividade de profetas, caindo em transe, e alcançando, às vezes, estados de excitação bem próximos à loucura.

Os Fenícios cultivavam a crença na manifestação dos deuses através dos sonhos, forma comum de comunicação mediúnica. Os Cartagineses, descendentes dos Fenícios, tinham entre seus sacerdotes e sacerdotisas os videntes e os profetas que faziam prognósticos e revelavam o futuro.

A mais conhecida forma religiosa dos persas está contida no Avesta, atribuído a Zoroastro ou Zaratustra. Falando da imortalidade da alma, assim se resume o ensinamento do Avesta: Antes de se separar do corpo, a alma se demora três dias e três noites junto ao cadáver. Nesse período, as ações praticadas durante a vida aparecem aos olhos do Espírito como uma bela mulher, se ele foi bom durante a vida. Se foi mau, a forma que se lhe apresenta é de uma mulher horrenda, uma verdadeira harpia.

Os Hebreus não possuíam uma idéia muito nítida sobre o Além, comumente chamado de “Vale da Sombra da Morte”. O Antigo Testamento, porém, está repleto de fenômenos mediúnicos, como o da Pitonisa de Endor, e os profetas eram portadores de excepcional mediunidade, a qual desenvolviam, pelo menos durante o período de existência do profeta Samuel, numa escola preparada para esse fim. Atentemos, conforme a Bíblia, que os profetas não apenas viam o futuro, mas faziam revelações sobre a vida atual e passada dos consulentes, inclusive descobrindo objetos e animais perdidos.

Entre os gregos existia a crença de que os mortos iam para o “reino de Plutão”, situado no interior da Terra: o Hades, ou lugar onde ficava a “sombra” ou alma dos homens. Também haviam referências à “Ilha dos Bem-Aventurados”, para onde iriam as almas dos que foram bons, durante a existência. As ligações culturais com o Egito fizeram que, desde cedo, a Hélade conhecesse a “metempsicose”, ou a doutrina segundo a qual as almas voltariam à Terra em novos corpos, mesmo em corpos de animais. Pitágoras, o criador do termo Filosofia, ensinava tais idéias em sua comunidade. Os fenômenos psíquicos eram conhecidos de há muito, sendo médiuns as Pitonisas - cuja principal era a de Delfos -, bastante consultadas pelos Reis e Potentados da época. Platão se refere ao “daimon” de Sócrates, um Espírito que lhe dava instruções, conselhos e avisos. Da mesma forma, fala sobre a reencarnação, tendo o seu Mestre desenvolvido uma pedagogia, a maiêutica, fundamentada em que todos já possuímos conhecimentos, armazenados na memória profunda, fruto de outras existências, conforme descrito no “Menon”. Descreve também o “Mundo das Idéias” como uma região do mundo espiritual de belezas conceituais que as almas contemplavam antes de reencarnar, ficando a visão impressa no inconsciente, servindo de estímulo aos esforços de aprimoramento moral durante a vida física. Na República, o discípulo de Sócrates descreve um fenômeno de quase morte, do personagem

de nome Er, o qual narra uma série de acontecimentos e peripécias vividos no Mundo dos Espíritos.

"Pois vou contar-te uma história; não uma narrativa como a que Ulisses fez a Alcínoo, mas a de um bravo homem, Er filho de Armênio e panfílio de nação. Morrera ele em batalha e dez dias depois, quando foram recolher os cadáveres já putrefatos, o seu foi encontrado intato e levado para casa a fim de ser enterrado. E no décimo segundo dia, já estendido na pilha funerária, retornou à vida e contou o que tinha visto no outro mundo. Disse que, depois de sair do corpo, sua alma se pusera a caminho com muitas outras, chegando por fim a um lugar maravilhoso onde apareciam na terra duas aberturas que comunicavam entre si e, em frente a elas e no alto, outras duas no céu. No espaço intermediário estavam sentados uns juízes que, depois de pronunciar suas sentenças, escreviam-nas em rótulos que penduravam sobre o peito dos justos, e os mandavam subir através do céu, pelo caminho da direita; e aos injustos ordenavam que descessem pelo caminho da esquerda, levando também, mas às costas, o sinal de tudo quanto haviam feito. Ao aproximar-se Er, disseram-lhe que seria ele o mensageiro encarregado de relatar aos homens as coisas do outro mundo e convidaram-no a olhar e escutar tudo o que ali sucedia; e assim viu como, depois de julgadas, as almas se retiravam por uma das aberturas do céu e outra da Terra; e como, por uma das restantes, saíam da Terra cobertas de sujeira e de pó, enquanto pela última desciam mais almas do céu, limpas e brilhantes. E as que iam chegando pareciam vir de uma longa viagem; espalhavam-se jubilosas pela pradaria, acampavam como numa imensa feira, e todas as que se conheciam abraçavam-se e conversavam, perguntando às que vinham da Terra pelas coisas do além e as do céu, pelas lá de baixo. E contavam umas às outras o que havia sucedido em caminho, as primeiras entre prantos e gemidos, recordando as coisas vistas e ouvidas durante sua viagem subterrânea, que durara mil anos; as que vinham do céu falavam de sua bem-aventurança e de visões de inenarrável beleza". "Disse ele que cada uma pagava em décuplo a pena de todas as injustiças e ofensas feitas aos demais, e cada vez pelo espaço de cem anos, que é a duração computada para a vida humana - um total, pois, de mil anos por delito". "Ora, depois de passar sete dias naqueles prados, cada um tinha de levantar acampamento no oitavo e seguir viagem; e quatro dias mais tarde chegavam a um lugar elevado, de onde podiam divisar uma linha de luz, reta como uma coluna, estendendo-se através do céu e da Terra, e de cor muito parecida com a do arco-íris, se bem que mais brilhante e mais pura. Mais um dia de jornada e estavam lá, no meio da luz; viram então as extremidades das cadeias que partiam do céu, pois essa luz o cingia inteiramente, mantendo unida toda a sua esfera como as ligaduras das trirremes". "E, contou que todos eles, uma vez chegados ali, deviam dirigir-se para Láquesis; que um certo profeta os colocava previamente em fila e, depois de apanhar no regaço da própria Láquesis umas sortes e uns modelos de vida, subia a uma alta tribuna e dizia: "Esta é a palavra da virgem Láquesis, filha da Necessidade. Almas efêmeras, eis que começa para vós um novo ciclo de vida mortal. Não é o fado que vos escolhe, e sim vós que escolheis o vosso fado. Que o primeiro indicado pelo sorteio seja o primeiro a eleger o seu gênero de vida, ao qual ficará inexoravelmente unido. A virtude é livre, e cada um participará mais ou menos dela conforme a estima ou o menosprezo em que a tiver. A responsabilidade é de quem escolhe; Deus está inocente nisso'". "Tal, dizia ele, era aquele curioso espetáculo em que as almas, uma por uma, escolhiam suas vidas - curioso, e ao mesmo tempo lamentável, ridículo e estranho: porque a maior parte escolhia de acordo com os hábitos que trouxera da existência anterior". "Uma vez presa ao seu destino, era levada a Átropos, que torcia os fios e os tornava irreversíveis;

daí, sem se virarem para trás, passavam sob o trono da Necessidade e, tendo chegado todas ao outro lado, encaminhavam-se para o Campo do Esquecimento, debaixo de um calor abrasador, pois esse campo era uma planície despida de árvores e de tudo o que produz a Terra. Ao cair da tarde acampavam junto ao Rio da Despreocupação, cuja água não há vasilha alguma que possa conter. Dessa água eram todos obrigados a beber certa quantidade, e os que não se continham pela prudência bebiam mais que o necessário; e, ao beber, cada qual se esquecia de todas as coisas. E pela meia-noite, quando estavam todos deitados a repousar, sobreveio uma trovoada e um tremor de Terra, e num instante foram arrastados para cima em todas as direções, cada qual rumo ao lugar de seu nascimento, deslizando à maneira de estrelas. A Er, todavia, não fora permitido beber daquela água; mas por que caminho ou de que modo retornara ao seu corpo, não o sabia, só pela manhã, acordando subitamente, dera consigo estendido na pira" [31] .

Entre os Romanos foram bastante difundidas as idéias dos filósofos gregos, e sua religião seguia as linhas gerais das dos helenos. Seus escritores registram inúmeros fenômenos psíquicos, como aparecimento de Espíritos, premonições, avisos, "poltergeists", precognição etc. Vejamos algumas notícias desse gênero, encontradiças nos historiadores romanos.

Quando da morte de Júlio César, aconteceram vários eventos premonitórios: "Um dia, enquanto imolava, o arúspice Espurina lhe advertiu 'que se guardasse de um perigo que não passaria dos idos de março'" [32] .

Ao chegarem os idos de março, enquanto entrava na Cúria: "Chegou a rir-se de Espurina e a acusá-lo de falso profeta, pois haviam chegado os idos de março, e ali estava ele inteiro. Então, Espurina o advertiu: 'Sim, os idos hão chegado; porém, não hão passado'" [33] .

Tanto o próprio César, quanto sua esposa Calpúrnia tiveram avisos simbólicos, em sonho, da tragédia que viria a acontecer: "Todavia, na mesma noite que precedeu ao dia do assassinato, ele mesmo se viu, em sonhos, umas vezes voando sobre as nuvens, outras estreitando a mão de Júpiter, enquanto sua mulher Calpúrnia, por sua parte, sonhou que de desmoronava o teto de sua casa e que seu marido morria apunhalado em seu seio. E, de pronto, as portas da alcova se abriram espontaneamente" [34] .

A casa em que Otávio, o futuro Imperador, se criou, tinha fama de mal assombrada, tendo acontecido ali vários fenômenos transcendentes, inclusive um de poltergeist: "Sucedeu, com efeito, que um novo proprietário da quinta foi repousar na casa, não sei se por casualidade ou com ânimo de provar o que havia de verdade naquilo. O que aconteceu foi que, passadas muito poucas horas da noite, se o encontrou quase meio morto, com cama e tudo, à porta da quinta. Uma força súbita e desconhecida o havia deitado fora" [35] .

Calígula, que em pouco tempo de governo realizou as mais incríveis torpezas e loucuras, era obsidiado por terríveis forças das trevas: "Sofria de insônia, já que não dormia mais de três horas por noite; e ainda este repouso não era completo, senão que se via perturbado por visões estranhas". "Por isso, de ordinário, durante uma grande parte da noite, cansado de velar e de estar deitado, umas vezes se quedava sentado em sua cama, outras vezes andava errando através de imensos pórticos, sem deixar de esperar e invocar o sono" [36] .

Depois da morte desse imperador, fenômenos psíquicos passaram a acontecer à volta do local em que fora enterrado, bem como na casa em que foi assassinado: "Seu cadáver, levado em segredo aos jardins de Lâmia, foi ali meio incinerado em uma pira improvisada e coberto por ligeira capa de céspede. Mais tarde, quando suas irmãs voltaram

do exílio, o exumaram, o incineraram e o sepultaram. Está bem comprovado que, enquanto isso, diversos espectros inquietaram aos que custodiavam esses jardins e que, na casa em que morreu, todas as noites se caracterizaram por alguma manifestação terrífica, até o dia em que a mesma casa foi totalmente consumida por um incêndio" [37] .

Nero, que passou à História como iniciador das perseguições contra os cristãos, depois de mandar assassinar Agripina, sua mãe: "...nunca pôde, nem mesmo então, nem mais tarde, acalmar seus remorsos e, com freqüência, confessou que era perseguido pelo fantasma de sua mãe, e pelos látegos das Fúrias. Também intentou, recorrendo aos encantamentos dos magos, evocar e aplacar os manes de Agripina" [38] .

O Imperador Vespasiano, quando ainda se preparava para lutar pelo trono, indo a Alexandria, para consultar o deus Serapis a respeito do empreendimento, enquanto estava sozinho no templo: "...acreditou ver o liberto Bassilides que lhe oferecia, segundo o costume do país, verbena, coroas e pastéis; contudo, estava comprovado que ninguém havia feito entrar ali esse homem que, por outra parte, fazia muito tempo que, por causa de dores reumáticas, mal podia caminhar e se encontrava muito longe dali" [39] .

Um número bem maior de citações sobre registros de fenômenos mediúnicos, entre os Romanos, poderíamos fazer, todavia, nos restringiremos aos relacionados, continuando o nosso estudo.

A mediunidade no Cristianismo

O Cristianismo construiu uma imagem do Além como formado por duas regiões distintas e inconciliáveis, em sentido eterno: O Céu, para onde iriam as almas dos bons, e o Inferno, destinado à danação perpétua das almas dos maus. A partir do século IV, mais ou menos, surgiu a concepção de Purgatório - que é bom que se diga não é uma doutrina bíblica -, onde permaneceriam, temporariamente, "purgando seus pecados", as almas que não foram voluntária e conscientemente más enquanto na Terra, cometendo "pecados veniais", sem a gravidade dos "pecados mortais", as quais, após um tempo variável, se transfeririam para o Céu. Uma outra localização inventada pelos teólogos cristãos foi o "Limbo", para onde iriam as almas das crianças, mortas em tenra idade, sem terem tido condições portanto de pecar, e que não haviam passado pelo sacramento do batismo. Este é uma simples fantasia, usada no passado para forçar os pais a batizarem seus filhos, ligando-os desde o nascimento à religião, bem como para fornecer rendimentos às paróquias. É uma formulação tão ridícula que apenas as mentalidades muito tacanhas podem acreditar nela.

Entre os cristãos primitivos aparecem algumas idéias diferentes sobre o outro mundo: Paulo de Tarso (10?-64?) se refere ao terceiro céu, onde teria ido em desdobramento, escutando coisas transcendentes. Ele interpretou a visão que teve da localidade espiritual visitada de acordo com os conceitos cosmológicos de Ptolomeu, vigentes na época

Vejamos, no Novo Testamento, alguns exemplos de fenômenos mediúnicos das mais diversas modalidades. José tem sonhos mediúnicos (Mt 1, 20-21; 2, 13, 19-20, 22;), e o mesmo acontece com os magos (Mt 2, 12).

No Livro dos Espíritos, questões 400 a 418, encontramos uma série de informações sobre o sono e os sonhos. Inclusive uma antecipação da doutrina freudiana a tal respeito que, apesar de concisa, é muito mais rica pelas suas conseqüências. Durante o sono, o Espírito se liberta parcialmente do corpo e pode entrar em contato com outros, tanto

encarnados como desencarnados. Assim, pode visitar lugares distantes - tanto na Terra como no mundo espiritual -, receber instruções importantes, avisos e advertências. Existem sonhos precognitivos, os quais abrem uma fresta do futuro deixando que tomemos conhecimento, geralmente fragmentário, sobre fatos que ocorrerão conosco ou com outras pessoas; insere-se nesta categoria o sonho em que Abraham Lincoln viu seu próprio velório. Outros são retrocognitivos, dando-nos conhecimento de eventos acontecidos em vidas passadas.

Normalmente o sonho tem uma característica simbólica, como o de Pedro (At 10, 9-23). Neste sonho vê-se claramente a intervenção espiritual, em estreita conexão com a visão mediúnica do centurião Cornélio (At 10, 3-6), e que teve o objetivo de preparar o apóstolo para atender o convite de ir à casa do oficial romano e fazê-lo cristão. Se não fosse a ação dos Espíritos dificilmente o Filho de Jonas teria acedido à solicitação, pois estaria violando preceitos fundamentais da crença judaica, além de cometer o terrível ato de confraternizar com um componente do exército de ocupação de sua pátria.

Visões e aparições de seres espirituais estão devidamente registradas no Novo Testamento. Lucas cita o Espírito visto por Zacarias no Templo, durante a oferenda do incenso (Lc 1, 11-22), o que anunciou a Maria o nascimento de Jesus (Lc 1, 26-38) e no Atos dos Apóstolos refere-se a visões de Paulo (At 16, 6-10), sendo de ressaltar aquela que foi motivo de sua conversão ao cristianismo: Jesus, em plena estrada que leva a Damasco (At 9, 3-9; 22, 6-11). Mateus diz que, quando Jesus expirou na cruz: "Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos" (27, 52-53).

Quer dizer que o crime cometido pelos hierosolimitanos foi tão grave que possibilitou aparições a muitas pessoas, de Espíritos diversos, censurando o ocorrido e instando com aqueles que porventura tenham participado dos eventos a refletirem e mudarem de procedimento.

A passagem citada nos esclarece que o conceito de ressurreição, entre os judeus, surgiu da visão mediúnica de Espíritos desencarnados. Como eram vistos com a mesma feição, corpo, maneira de falar e, geralmente, o mesmo vestuário que costumavam usar quando encarnados, à falta de uma explicação melhor, imaginavam que se teriam levantado da sepultura, estando diante deles em corpo físico, isto é, aquele que tinham quando da morte, o qual teria se recomposto, de forma milagrosa. Veio daí a doutrina da ressurreição dos mortos, que as aparições de Jesus aos seus discípulos, materializado, parecia confirmar. A comunicações espirituais desfizeram essa ilusão, demonstrando que o "princípio inteligente" está revestido de um corpo, próprio para o "hábitat" espiritual.

Paulo descreve diversos tipos de mediunidade e estabelece normas para a prática mediúnica nas comunidades por ele fundadas (1ª Cor 12-14), pois aconteciam normalmente em todos os locais do culto recém surgido, além de descrever um fenômeno de desdobramento ocorrido consigo (2ª Cor 12 1-4).

A mediunidade de efeitos físicos é relatada em diversas passagens: os sinóticos descrevem uma sessão levada a efeito no alto do monte Tabor, onde Pedro, Tiago e João participaram como médiuns fornecendo ectoplasma para que Moisés e Elias se materializassem (Mt 17, 1-8; Mc 9, 2-8; Lc 9, 28-36), enquanto Jesus produz em si mesmo uma transfiguração. O Mestre, depois de desencarnar, materializou-se diante de Maria Madalena (Mt 28, 1-10; Mc 16, 9-11; Lc 24, 9-11; Jo 20, 11-18), de dois discípulos que iam para a cidade de Emaús (Mc 16, 12; Lc 24, 13-35,) e por duas vezes num recinto

fechado, na cidade de Jerusalém, em meio a vários discípulos, onde conversou e comeu com eles (Mc 16, 14-19; Lc 24, 36-43; Jo 20, 19-21; At 1, 3-5).

A essas ectoplasmias seguiram-se outras de caráter público e a céu aberto: à beira do lago de Tiberíades (Jo 21, 1-14); numa montanha da Galiléia (Mt 28, 16-20) onde, segundo Paulo, foi visto por mais de quinhentas pessoas (1ª Cor 15, 6) e em Betânia (Lc 24, 50-53; At 1, 6-11).

Nas páginas do Novo Testamento os médiuns de psicofonia são enquadrados na categoria de profetas e, o mais importante fato desta mediunidade foi o acontecido durante o Pentecostes, quando os discípulos incorporaram Espíritos Superiores e puseram-se a falar em línguas que desconheciam, evangelizando a multidão reunida para a festa, cujos componentes vinham das mais diversas regiões do mundo Antigo (At 2, 1-13). Um fenômeno de psicofonia xenoglóssica, sobre a qual Bozzano escreveu uma belíssima monografia, cuja tradução foi publicada pela Federação Espírita Brasileira.

Pesquisando-se os livros do Novo Testamento, encontraremos outros fenômenos psíquicos, como: transporte, invisibilidade etc.

Sobre curas, tanto mediúnicas quanto magnéticas, não precisamos falar, pois estão em quase todas as páginas dos Evangelhos e do Atos dos Apóstolos.

Somente a ignorância, ou o que é pior, a má fé, podem negar a existência da mediunidade nas Sagradas Escrituras. Tinha de lá estar, pois a faculdade mediúnica é inerente ao ser humano em vários graus de manifestação, tendo atuação destacada em toda a atividade psicológica do Homem.

Orígenes (185?-253), filósofo, exegeta e teólogo cristão, a mais pujante erudição e cultura do seu tempo, defendia a preexistência da alma, ou seja, sua existência antes da criação do corpo. Porém, de relevante interesse é sua visão da "salvação" de todas as almas, inclusive do próprio diabo e seus sequazes: a apocatástase, ou restauração de todas as coisas em seu estado original, puramente espiritual: "É uma visão grandiosa, segundo a qual as almas dos que hajam cometido pecados aqui na Terra, serão submetidas a um fogo purificador depois de sua morte, ao passo que as almas dos bons entrarão no paraíso, em uma espécie de escola, na qual Deus resolverá todos os problemas do mundo. Orígenes não conhece um fogo eterno ou o castigo do inferno. Todos os pecadores se salvarão; mesmo os demônios e o próprio Satanás serão purificados pelo Logos. Quando isto se tenha realizado, ocorrerá a segunda vinda do Cristo e a ressurreição de todos os homens, não em corpos materiais, mas espirituais, e Deus será tudo em todos" [40] .

Leiamos a seguir o próprio Orígenes: "O fim do mundo e a consumação final serão quando cada qual receba o castigo que merecem seus pecados; esse momento, no qual Deus dará a cada um o que merece, só Ele conhece. Nós outros, por certo, acreditamos que a bondade de Deus, por meio de seu Cristo, chamará todas as suas criaturas a um só fim, ainda mesmo a seus inimigos, depois de havê-los conquistado e submetido. Isto diz, com efeito, a Sagrada Escritura: "Oráculo de Javé a meu Senhor: 'Senta-te à minha direita, enquanto ponho teus inimigos como escabelo de teus pés'" (Sl 109, 1) (De princ. 1, 61)". "Tudo isso, entretanto, entendamos bem, não será levado a cabo, repentinamente, senão pouco a pouco e gradativamente, no transcurso de séculos sem número nem medida. Este processo de reforma se desenvolverá de forma imperceptível, indivíduo por indivíduo. Uns correrão mais rapidamente para a perfeição, adiantando-se aos demais; outros seguirão de perto, enquanto outros, finalmente, desde muito longe. Assim, seguindo uma série interminável de seres em marcha que, partindo de um estado de inimizade, se reconciliam com Deus, chegará o turno do último inimigo, que se chama morte, para que também ele

seja destruído, quer dizer, não seja mais um inimigo. Portanto, quando todas as almas racionais tenham sido restituídas a este estado, a natureza de nosso corpo quedará transformada na glória do corpo espiritual (De princ. 3,6,4-6)".

Orígenes explicava que esta redenção absoluta não se faria exclusivamente aqui, na Terra. Antes deste, existiram outros mundos, bem como depois existirão inúmeros outros. E é através dessa sucessão de mundos que se cumpre a purificação dos Espíritos: "Dizemos, pois, que Deus não começou a trabalhar somente quando fez este mundo visível, senão que, assim como depois da destruição deste mundo haverá outro, cremos assim mesmo que existiram outros mundos antes do nosso...". "Houveram outros mundos antes do nosso e virão outros depois. Não se deve supor, sem embargo, que existirão vários mundos simultaneamente, senão que, depois deste mundo, outros terão seu princípio" [41] .

O notável Diretor da Escola de Alexandria postulava uma espécie de "queda" sucessiva dos Espíritos rebeldes, no novo mundo que se formava. Como sua perspectiva filosófica era platônica, podemos dizer que o notável cristão dos primeiros tempos admite a reencarnação, de uma forma discreta, para não criar maiores problemas com a ortodoxia, como terminou por criar, mesmo sendo tão cuidadoso. Para viver numa outra Terra, a alma teria de, obrigatoriamente, revestir um novo corpo e isto, queira-se ou não, é "nascer de novo", como ensinou Jesus a Nicodemos [42] .

Como referido mais acima, entre os cristãos dos primeiros tempos era comum o intercâmbio mediúnico com os Espíritos. Nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de Paulo, encontram-se várias referências a tais práticas, que eram chamadas de exercício dos Carismas. No célebre evento de Pentecostes, os Apóstolos deram uma demonstração pública de Xenoglossia (mediunidade de falar línguas desconhecidas), e foi tão impressionante que mais de três mil pessoas se converteram à nova doutrina. Nas reuniões das comunidades cristãs o "falar em línguas" era coisa corriqueira, bem como o profetismo, a psicofonia, a vidência etc. As filhas do diácono Filipe, que Eusébio confunde com o Apóstolo homônimo, eram consideradas médiuns de grande expressão. Formaram-se inclusive grupos, considerados dissidentes, os Heréticos, com base em mensagens e orientações mediúnicas.

Durante a Idade Média européia esteve em vigência os conceitos do Cristianismo Católico, sobre o Céu e o Inferno, mas algumas dissensões, como os Cátaros, vaticinavam a reencarnação e o contato com os mortos, bem como uma idéia do Mundo dos Espíritos bem mais flexível.

Muitos santos católicos fizeram descrições de paisagens e lugares do Além, como Santa Teresa D'Avila, médium de desdobramento e psicografia, entre outras faculdades. Diga-se, de passagem, que os santos possuíam faculdades mediúnicas primorosas, como José de Cupertino, o qual levitava toda vez que se punha a orar. Francisco de Assis era capaz de ler o pensamento dos seus interlocutores, ver os Espíritos que os acompanhavam, projetar-se do corpo, entrar em contato com Espíritos Superiores etc.

Naturalmente que em todos os períodos citados as descrições sobre o Além estavam muito vinculadas às idéias que a religião dominante impunha, a ferro e fogo, aos seus fiéis. Quem ousasse dizer alguma coisa em desacordo com os dogmas reinantes sofria perseguição cruel, acabando por ser queimado em fogueira.

Foi somente na Idade Moderna, quando os homens se libertaram dos prejuízos religiosos, que as descrições sobre o Outro Mundo passaram a sofrer considerável transformação. Com o advento do Magnetismo, principalmente, os sonâmbulos iniciaram

uma revolução no conhecimento das faculdades paranormais, bem como nas descrições sobre a morte e o prosseguimento da vida depois da sepultura.

Os médiuns, por sua vez, liberados do terror eclesiástico, surgiram em grande número, dando lugar a um vasto movimento de aclaração dos conceitos sobre a alma, suas faculdades e ações, bem como seu modo de vida no "hábitat" invisível, para onde se transfere após o decesso físico.

A Doutrina Espírita

Foi entretanto com as irmãs Fox que o mundo científico e cultural voltou sua atenção para o problema do Espírito, surgindo posições divergentes a respeito, não mais de caráter filosófico, mas experimental.

Os médiuns foram convocados aos laboratórios, sendo submetidos a variados métodos de experimentação. Paralelamente multiplicaram-se publicações e notícias a respeito do mundo invisível e problemas metafísicos do ser e do destino. Uma verdadeira Babel onde, em meio a rematadas tolices, surgiam idéias sérias, convidando à meditação e à análise.

O fenômeno mediúnico vulgarizou-se a tal ponto que se tornou, por algum tempo, divertimento obrigatório nos acontecimentos sociais da burguesia da época. Nesse momento que entrou em cena o prof. Hipólito-Leão Denizard Rivail, que ficou conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, o qual estudou e sistematizou as comunicações espirituais. Do seu esforço nasceu, em 18 de abril de 1857, o Livro dos Espíritos.

A razão e o bom senso do prof. Rivail reuniu mensagens diversas e, por um método eficaz de cruzamento de informações, agregou seus pontos comuns e coerentes, validando-os pelo critério da Concordância Universal e submetendo-as à verificação direta por meio de diferentes médiuns, geralmente com nível cultural inferior ao dos assuntos tratados. Eliminou-se, dessa maneira, a superstição e a irracionalidade, no trato com a fenomenologia espirítica.

A vida espiritual se descortinou, vívida e bela, ante os olhos deslumbrados da Humanidade. A morte se tornou um processo de transição entre duas realidades dimensionais, cedendo lugar à Vida Inextinguível. Desapareceram as esperanças numa outra vida, para se estabelecer a certeza de um processo evolutivo das consciências, através de vidas sucessivas. A separação eterna deu lugar à permanência das ligações afetivas, cujos laços nunca podem ser aniquilados, por ser o Amor o clima do Universo, pois o Criador é, essencialmente, Puro e Infinito Amor.

2. O Fenômeno da Morte

Descrições Mediúnicas Sobre a Morte e o Além

O objetivo primordial deste livro é levar às almas traumatizadas pelo desaparecimento de seus amores, a certeza de que estão mais vivos do que nunca, acompanhando-lhes a trajetória, preocupando-se com seus problemas e dificuldades, e aguardando-as, ansiosamente, para os júbilos transcendentes de um reencontro efetivo. Estudemos, agora, as informações sobre a morte e o Além que nos legaram médiuns pioneiros, da Idade Moderna. Veremos como se confirmam e completam, estruturando um quadro coerente da sobrevivência e condições existenciais na realidade invisível, permeante do nosso mundo.

As descrições sobre a espiritualidade coincidem desde muito antes das manifestações de Hydesville, confirmando e sendo confirmadas pelas comunicações atuais.

O gênio sueco, Emmanuel Swedenborg (1688-1772), descreveu o momento da morte: “Quando o corpo deixa de cumprir suas funções que possibilitam ao espírito ter pensamentos e sentimentos no mundo natural, então o corpo morre”. “Contudo, na verdade o homem não morre, ele apenas se separa da matéria corporal que lhe servia na Terra”. “Após a separação, o espírito ainda permanece algum tempo no corpo, até que os movimentos do coração cessem por completo”. “A ressurreição é a libertação do espírito e sua entrada no mundo dos espíritos”. “Foi-me permitido assistir ao processo de ressurreição: aliás, eu próprio fui ressuscitado, para que adquirisse pleno conhecimento do assunto. Vi-me reduzido a um estado de completa insensibilidade física, bastante semelhante ao de um agonizante, mas preservei a consciência e assim pude perceber e guardar na memória todo o processo da ressurreição dos mortos. A essa altura, a respiração cessara. Contudo, a respiração do Espírito continuava unida a esse fraco e tácito alento”. “Embora desprovido de emoções, eu continuava consciente e tudo percebia ao meu redor; permaneci nesse estado durante várias horas. Alguns Espíritos que também se haviam concentrado ao meu redor, retiraram-se, crendo-me morto”. “Os anjos que estavam sentados à minha cabeceira guardavam silêncio, mas me comunicavam seus pensamentos. Quando essa comunicação de pensamentos se estabelece, o espírito do homem está pronto para ser retirado do corpo”. “O homem quando expira, carrega consigo apenas o seu último pensamento, mas depois recupera a memória de sua vida anterior”. “A seguir me senti como que estimulado a abandonar meu corpo; imediatamente meu espírito começou a desligar-se dele e finalmente viu-se livre”. “Pode-se imaginar o quanto ficam confusos, ao entrarem no mundo dos espíritos, aqueles que na Terra não acreditaram na vida após a morte. Alguns continuam negando essa possibilidade, de maneira que são separados dos espíritos que têm fé e conduzidos a outra sociedade, mais freqüentemente a uma sociedade infernal, constituída por espíritos que negam o Divino...” [43] .

Swedenborg viveu numa época e região onde o Cristianismo Católico e seus derivados Protestantes detinham o domínio religioso, e grande influência política. Seus conceitos, fruto da educação e do meio ambiente, se ressente da ideologia dominante, mantendo as teorias sobre o Céu, o Purgatório e o inferno. Não podiam seus mentores espirituais aprofundar as revelações, pois seria extemporâneo tentar pôr em cheque as crenças vigentes.

O vidente sueco, após o advento da Nova Era, escreve através do Juiz Edmonds, sobre o processo da morte: "Enquanto ele flutua sobre o corpo... vêm a ele, atraídos por suas afeições ou por seus deveres, espíritos possuindo forma e configuração, de beleza além da imaginação. Eles apoiam esse espírito-criança, até que ele recupere sua consciência... Então, todos aqueles espíritos cuja vida é pura, cuja missão tendo sido realizada com relação a ele, agora o tomam pela mão e convidam-no a olhar em torno" [44] .

E, em 13 de agosto de 1851, escreve Swedenborg, através de Isaac Post: "Em primeiro lugar eu pude escassamente imaginar que era eu mesmo, olhei para minhas mãos, e lá estavam elas, olhei para os meus pés e eles também estavam lá; e assim com cada parte do meu corpo, nada estava faltando. Lancei um olhar para minha velha forma, aquela que me havia prestado bons serviços antigamente, agora parecia de todo inútil preocupar-se com ela, eu vi meus amigos com tristeza em suas faces, movendo-o gentilmente, como se estivessem com receio de me acordar. Pudesse eu ter falado, teria dito: apenas o ponham onde não possa incomodá-los" [45] .

É interessante confrontar essa mensagem com o pensamento do Sábio sueco enquanto encarnado, fruto de suas vivências mediúnicas: "Tudo o que no homem vive e sente, pertence a seu espírito. Em conseqüência, quando o corpo se separa do espírito, na morte, o homem permanece igual a si mesmo". "...o espírito do homem não apenas possui uma forma humana como está provido dos sentidos, mesmo ao se separar do corpo. Tudo o que o homem possui - a vida, os olhos, as orelhas, em uma palavra, os sentidos - não pertence ao corpo, mas ao espírito que o anima. Após separar-se do corpo, os espíritos vêem, ouvem e sentem como os homens, entretanto não no mundo natural, mas no mundo espiritual" [46] .

Andrew Jackson Davis (1826-1910), no primeiro volume do seu "A Grande Harmonia", descreve a existência de um corpo etérico, envolvendo o princípio espiritual, e um falecimento: "Foi esse corpo etérico que Davis viu emergindo do envoltório de protoplasma da pobre moribunda, que finalmente ficou vazio no leito, como enrugada crisálida, depois que a borboleta se libertou. O processo começou por uma extrema concentração no cérebro, que se foi tornando cada vez mais luminoso, enquanto as extremidades se tornavam escuras". "Então o novo corpo começa a emergir, a começar pela cabeça. Em breve se acha completamente livre, de pé ao lado do cadáver, com os pés próximos à cabeça e com uma faixa luminosa vital, correspondente ao cordão umbilical. Quando o cordão se rompe, uma pequena porção é absorvida pelo cadáver, assim o preservando da imediata putrefação. Quanto ao corpo etérico, leva algum tempo até adaptar-se ao novo ambiente, até passar pela porta aberta".

Até aqui, o resumo feito por Arthur Conan Doyle, a seguir, a reprodução que fez das palavras de Andrew Jackson Davis: "Eu a vi passar para a sala contígua, através da porta e da casa, erguer-se no espaço... Depois que saiu da casa, encontrou dois Espíritos amigos, da região espiritual que, depois de um terno reconhecimento e de um entendimento entre os três, da mais graciosa das maneiras, começou a subir obliquamente pelo envoltório etéreo do nosso globo. Marchavam juntos tão naturalmente, tão fraternalmente que me custava imaginar que se librassem no ar: pareciam subir pela encosta de uma montanha gloriosa e familiar. Continuei a olhá-los, até que a distância os fechou aos meus olhos" [47] .

A revelação de Davis sobre a ligação fundamental entre o perispírito e o corpo, o célebre "cordão de prata", foi confirmada pelas mensagens espirituais posteriores. Na verdade já haviam os sonâmbulos do magnetismo falado a respeito. É assim que o

conhecimento sobre o Espírito e sua problemática tem evoluído, com a liberação gradativa de informações a respeito deles.

Veremos como a experiência de Jackson Davis não é única, pois, na verdade, são inúmeras as pessoas que têm a faculdade da clarividência, e tiveram a oportunidade de acompanhar o desencarne de alguém. Eis um exemplo: "Conto entre as minhas melhores amigas, uma jovem senhora pertencente à alta aristocracia e dotada de faculdades mediúnicas maravilhosas, ainda que a coisa só seja conhecida de alguns íntimos devido aos preconceitos habituais...

Há um ano ela teve ocasião de perder sua irmã mais velha, de apenas vinte anos de idade, acometida de pleurisia. Edith (é este o nome da jovem médium) nem por um só instante quis deixar a cabeceira da irmã e, achando-se em estado de clarividência, assistiu ao processo de separação do espírito. Contou-me ela que, nos últimos dias de sua vida terrestre, a pobre doente tornara-se turbulenta, sobreexcitada, delirante e constantemente se virava na cama, proferindo frases e palavras incoerentes. Foi então que Edith começou a distinguir uma espécie de nebulosidade sutil, como ligeira fumaça, que se acumulava acima de sua cabeça, espalhando-se pouco a pouco e, condensando-se, tinha acabado por assumir as proporções, forma e aspecto da irmã agonizante, de modo a se lhe assemelhar em todos os pontos de vista, excetuando-se a falta de coloração. Essa forma flutuava no ar, com o rosto voltado para baixo, a poucos pés acima da enferma.

À medida que o dia declinava, foi-se acalmando a inquietação da moribunda, dando lugar, pelo crepúsculo, a profundo esgotamento que anunciava a agonia. Trêmula, Edith observava a irmã; seu rosto ficou lívido, seus olhos se empanaram, mas, acima, a forma fluídica se purpureava e parecia gradualmente animar-se com toda a vida que se lhe escapava do corpo. Um momento após, a jovem moribunda jazia inerte e sem consciência nos travesseiros, mas a forma que flutuava acima dela se transformara em espírito vivente. Ainda os cordões de luz, semelhantes a fluorescência elétricas, continuavam ligados ao coração, ao cérebro e demais órgãos vitais. Chegou o momento supremo: o espírito oscilou algum tempo, de um lado para o outro, para ir, em seguida, colocar-se em posição estendida ao lado do corpo inanimado. Estava aparentemente muito débil, apenas capaz de se estirar, mas era a reprodução vivente do seu corpo. Enquanto Edith contemplava essa cena curiosa, eis que surgem duas formas luminosas nas quais ela reconheceu o seu próprio pai e a sua avó, ambos falecidos na mesma casa. Os dois se aproximaram do espírito liberto, afetuosamente o sustentaram, colhendo-o em seus braços, enquanto a cabeça descansava completamente no ombro do pai. Assim permaneceram por algum tempo até que o espírito readquiriu alento. Então, romperam-se os cordões luminosos que o retinham ao corpo e, tendo sempre a forma em seus braços, dirigiram-se para a janela, elevaram-se e desapareceram de vista" [48] .

É uma descrição que confirma a anterior, e uma demonstração de como funciona o método de convergência de provas, tal como o aplicaram, primeiro Allan Kardec, depois Ernesto Bozzano, com maestria indiscutível. Poderíamos acrescentar um grande número de descrições semelhante, mas, ficaremos nessas ilustrativas narrações, dado o enfoque básico do nosso trabalho.

O relato feito pelo Espírito do Dr. Horace Abraham Ackley segue na mesma linha: "Como sucede a um bem grande número de humanos, meu espírito não chegou muito facilmente a se libertar do corpo. Eu sentia que me desprendia gradualmente dos laços orgânicos, mas me encontrava em condições pouco lúcidas de existência afigurando-se-me que sonhava. Sentia a minha personalidade como que dividida em muitas partes que, to-

davia permaneciam ligadas por um laço indissolúvel. Quando o organismo corpóreo deixou de funcionar, pôde o espírito despojar-se dele inteiramente. Pareceu-me que as partes destacadas da minha personalidade se reuniam numa só. Senti-me, ao mesmo tempo, levantado acima do meu cadáver, a pequena distância dele, donde eu divisava distintamente as pessoas que me cercavam o corpo. Não saberia dizer porque poder cheguei a me desprender e a me elevar no ar" [49] .

É sobremodo interessante verificar como as descrições se enquadram no ensino dos Espíritos: "Como se opera a separação da alma do corpo? *Os laços que a retinham, sendo rompidos, ela se liberta*" [50] .

Nos casos mencionados esse rompimento fica patente. O Dr. Ackley detalha suas sensações de desprendimento, pouco a pouco, refletidas na consciência como percepção de que estava dividido em muitos pedaços, os quais formaram um todo, logo que a morte se completou, veremos adiante que é uma sensação bastante comum. Desde esse momento ele se sente como uma individualidade total. É um ponto comum em todos os relatos sobre a morte biológica: a conservação da integridade do eu e da consciência, motivo de confusão para os que morreram, pois muitos, por causa desse fenômeno, se julgam ainda na Terra física. Os Espíritos foram taxativos quanto à manutenção da personalidade: "A alma, após a morte, conserva sua individualidade? *Sim, ela não a perde jamais. O que seria ela se não a conservasse?*" [51] .

Depois da morte, o sentimento de existir não vem apenas do pensar, faculdade que persiste, mas dos Espíritos perceberem-se fisicamente íntegros, com um corpo semelhante ao que acabaram de deixar, conforme todos os relatos mencionados. No livro básico do Espiritismo se lê: "Como a alma constata sua individualidade, pois que ela não tem mais seu corpo material? *Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, o qual extrai da atmosfera de seu planeta, e que apresenta a aparência de sua última encarnação: seu perispírito*" [52] .

A resposta é elucidativa. Não se resume apenas em dizer que o Espírito mantém um corpo semelhante ao que morreu, mas diz da sua origem: a atmosfera; e esta não apenas da Terra, mas do planeta habitado pela alma que acaba de desencarnar, o que generaliza o processo, fazendo-o comum a todos os mundos materiais, onde os Espíritos estejam ou venham a estar.

As sensações diversas, e às vezes desagradáveis, que o Espírito sente no momento em que o corpo está morrendo, tem a ver com a forma como eles estão ligados, com a maneira de morrer: "A extinção da vida orgânica produz a separação da alma e do corpo pela ruptura do laço fluídico que os unia, mas esta separação não é jamais brusca, o fluido perispiritual se desliga pouco a pouco de todos os órgãos, de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não mais reste um só átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. *A sensação dolorosa que a alma sente nesse momento, é em razão da soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e lentidão que a separação apresente*. É preciso por conseguinte, não esconder que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa" [53] .

Os relatos atuais, como os antigos, concordam inteiramente com o que acabamos de ler. Sempre se percebe que a morte varia de indivíduo para indivíduo, embora mantenha alguns pontos fundamentais de semelhança. Quanto mais voltado para os problemas materiais e orgânicos, mais o Espírito experimenta sofrimentos e angústias no momento da morte física. Ao revés, tanto mais ligado aos problemas espirituais ou éticos, de forma sincera, sem qualquer privilégio de crença ou posição social, mais fácil o desligamento dos laços perispirituais no instante supremo. Às vezes, inclusive, pode o Espírito não perceber a

própria morte, como o relato que veremos a seguir: "Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia cuja natureza só agora compreendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando imergi nas águas, não experimentei sensação alguma de medo, nem mesmo de frio, ou asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas a se quebrarem sobre as nossas cabeças. Desprendi-me do corpo quase sem me aperceber disso e, abraçado sempre à minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos acolher".

O relato termina com uma interessante ilação do Espírito, que era o do Juiz Peckam, psicografado pelo seu colega e amigo o Juiz Edmonds, por volta de 1850: "Não tendo estado enfermo e não tendo sofrido, fácil me foi adaptar-me imediatamente às novas condições de existência" [54] .

Tenha-se em mente que a morte se deu por afogamento, que para todos nós significa uma forma terrível de morrer. Todavia, a posição espiritual dos envolvidos, marido e mulher, lhes deu condição de passar pela crise da separação do corpo sem qualquer sensação penosa. Ela, a esposa, parece ter permanecido desmaiada, pois o Espírito do marido não se refere, em momento algum, a qualquer reação de sua parte. Ele, entretanto, manteve a consciência, durante todo o transe. A sua conclusão de que isto se deveu ao fato de não ter morrido após uma enfermidade merece ser discutida. De fato, sabemos que o Espírito tende a manter o estado psicológico que antecedeu à separação do corpo. Passando por longa e grave doença, conservará, por inércia psíquica natural, a idéia dos sofrimentos passados, requerendo um período de adaptação à nova realidade, claro que na dependência do estado consciencial que apresente, à sua estrutura psicológica.

No caso em estudo, o Espírito esteve consciente do que acontecia, acompanhando todas as circunstância do desenlace, mas, a própria situação de desastre que estava vivendo, pode ter empolgado de tal forma sua atenção que tudo o mais foi minimizado, ou simplesmente despercebido. Sabemos que, em momentos estressantes, e de grande preocupação, o Espírito mantém toda a atenção focalizada num só ponto, de tal forma, que não percebe ferimentos que, em outras circunstâncias, seriam extremamente dolorosos. Já se noticiou o fato de soldados seriamente feridos, em pleno campo de batalha, continuarem sua atividade, sem se darem conta do ferimento, terminando por tombarem mortos em razão da perda total do sangue. O Espírito de Pierre Monnier descreve, através da psicografia de sua própria mãe, seus últimos momentos, em pleno campo de batalha da primeira Grande Guerra, em 8 de janeiro de 1915, assim: "A vida nos terá, talvez, separado... a morte nos uniu mais intimamente do que nunca! A morte, mamãezinha, não a tema! Eu tinha medo, apesar de mim... eu ignorava... Era um rosto desconhecido, que eu me representava velado de sangue - sim eu tinha medo! Mas, quando ela veio, tinha uma face luminosa que lembrava a tua! Eu adormeci em seus braços, ela me consolou com uma voz que tinha as inflexões da tua... não era a tua, oh! querida mamãe, para a qual se dirigia toda a ternura do meu pensamento?... a vontade de defender o meu posto, acontecesse o que acontecesse... depois, um grande choque no tórax e na cabeça... como um soco que me houvesse impedido de respirar, mas não de gritar minhas ordens aos meus homens... depois, uma vertigem... depois, mais nada!!! nem mesmo o sentimento da queda... e, de repente, tua voz desesperada que clamava: 'Pierre! Pierre! meu pequeno! meu pequeno!...' e o completo despertar para correr ao teu encontro" [55] .

A tensão do combate polarizava o pensamento de Pierre, assim, ele não sentiu o desligamento do corpo, em virtude da metralha. Apenas duas pancadas e, de imediato, a perda da consciência, que deve ter durado algum tempo, pois só veio a despertar no

momento em que foi alcançado pelo pensamento da mãe, naturalmente quando recebeu a notícia de sua morte em combate. Eis o que dizem os Espíritos sobre as mortes bruscas: "Na morte violenta e acidental, quando os órgãos não estão ainda enfraquecidos pela idade ou as doenças, a separação da alma e a cessação da vida têm lugar simultaneamente? É em geral dessa forma, mas em todo caso o instante que os separa é muito curto" [56] .

Tanto Pierre quanto o Juiz Peckam e sua esposa, estão enquadrados nesse caso: a separação entre a alma e o corpo e a morte corporal se deram quase que simultaneamente, conforme nos deixam sentir os relatos.

Uma lição imediata a se tirar da narrativa é o impacto causado pela emoção de dor e desespero dos "mortos" sobre os "vivos". Cabe salientar que a família de Pierre era protestante, onde se desenvolveu entre muito carinho, tendo recebido educação aprimorada, inclusive religiosa. Sua mãe começou a ouvir-lhe a voz, mediunicamente, sem ter conhecimento do fenômeno.

As descrição sobre o processo da morte corresponde ao que já vimos estudando, apesar de a médium ter uma crença incapaz de prestar informações mais precisas sobre o assunto. Isto serve de corroboração, pois só um ser vivendo fora do corpo físico poderia ser portador de detalhes tão precisos, e concordes com muitos outros já fornecidos, em diversos lugares da Terra, entre povos os mais diferentes em costumes e crenças, bem como através de médiuns de todas as camadas sociais e expressões culturais. É a aplicação do critério de universalidade dos ensinos dos Espíritos, estabelecido por Kardec e que Ernesto Bozzano denomina de Método da Convergência de Provas. É esse cruzamento continuado de informações que valida o método de pesquisa que utiliza a mediunidade com instrumento principal. Por toda parte os pesquisadores, ignorantes desses princípios, e muitas vezes antagônicos a eles, chegam às mesmas conclusões. E é natural que seja assim, pois os Espíritos e a mediunidade são fenômenos naturais, com leis específicas, como todos os fenômenos que ocorrem em a Natureza. Quem quer que estude os fatos psíquicos chegará, inevitavelmente, às mesmas conclusões. Igualmente o cientista que repita as experiências de Faraday e Maxwell redescobrirá as mesmas leis do magnetismo e do eletromagnetismo.

Por causa da continuidade dos fenômenos psíquicos e físicos que caracterizam a noção de existência e individualidade, após a morte do corpo, muitos dos falecidos permanecem na ilusão de que não passaram pela morte. Esta foi a imediata sensação do protagonista do episódio a seguir, Jim Nolam, Espírito-guia do médium Holis, que morreu de tifo num hospital de campanha, durante a Guerra de Secessão Norte Americana: "Parecia-me que despertava de um sono, com um pouco de atordoamento a mais. Já não me sentia enfermo e isso me espantava grandemente. Tinha uma vaga suspeita de que alguma coisa estranha se passara; todavia, não sabia definir o de que se tratava. Meu corpo se achava estendido no leito de campanha e eu o via. Dizia de mim para mim: 'Que estranho fenômeno!' " [57] .

Ao que tudo indica, quando se deu o desligamento final, após um período de enfermidade, o Espírito de Nolam perdera a consciência, o que é comum, já tendo sido notada no caso de Pierre Monnier, mas o sentimento de "seidade" o levou a se julgar vivo corporalmente, causando-lhe surpresa a visão do corpo sobre o leito. Para muitos Espíritos a visão do próprio cadáver é interpretada à conta de pesadelo, o que parece corroborado pelas sensações diferentes que ele sente, bem como pela circunstância da falta de conhecimento, ou descrença, na continuidade da vida após a morte. Eis como um Espírito, Tiny Platts, se expressa sobre o assunto, através da mediunidade de sua própria mãe, após desencarnar durante a primeira Grande Guerra, na frente francesa, em abril de 1917:

"Começo por dizer que não haverá dois Espíritos desencarnados que tenham de passar pela mesma experiência a tal respeito. Entretanto, essas experiências variadas apresentam uma circunstância comum: é que todos os Espíritos imaginam a princípio estar ainda entre os vivos e os que atravessaram uma agonia de sofrimentos ficam profundamente surpreendidos de se acharem curados de súbito. Tal é a alegria que experimentam, que julgo ser essa a impressão mais forte que se possa sentir, depois da crise da morte. Quando morri, ou, mais exatamente, quando meu corpo morreu, eu me julgava mais vivo do que nunca e esperava receber ordem de um novo pulo para a frente" [58] .

O episódio ratifica o que temos analisado até o momento sobre o ato da morte, principalmente a surpresa do Espírito, para quem morrer seria algo diferente, e até aterrador, pela forma como é vista do plano material: uma terminação brusca da vida, dos sonhos e planos de alguém; além da perda de pessoas, sentimentos e coisas que produziria. Espera-se tudo da morte, principalmente, o nada ou, no máximo, uma circunstância sobrenatural e milagrosa, numa região indefinível, nevoenta e tenebrosa. Sentir o mesmo e, mais ainda, em paisagens e locais muito semelhantes aos encontrados na Terra, como veremos mais adiante, produz um choque muito grande, levando a que o indivíduo, mentalmente, principie por acreditar-se ainda no corpo, crença que só se desfaz quando encontra com amigos e parentes mortos anteriormente, ou que alguém lhe confirma o fato.

O interessante no que estamos estudando é que a morte vai perdendo a aura de terror que a envolve, e com a qual nos temos acostumado, enquanto encarnados. As comunicações mediúnicas vão destruindo o mito da Morte, último inimigo a ser vencido, dizia Paulo de Tarso, para estabelecer em seu lugar a certeza da vida inalterável. Mas o corpo morre, poderão alguns argumentar, e com ele tudo o que fazíamos por seu intermédio. Naturalmente, responderemos, mas permanecemos com a individualidade, a inteligência, as emoções, as sensações, o raciocínio, os pensamentos, intocados, além de um corpo muito melhor do que o que deixamos, inclusive livre dos sofrimentos e mazelas que passávamos com ele.

E a separação dos entes queridos, não é tão absoluta, pois vimos com os Espíritos de Tiny e Pierre Monnier que continuamos ligados aos que amamos, vendo-os e participando de suas vidas, inclusive podendo manter intercâmbio com eles, como no caso em pauta, e diversos outros que acontecem, a todo momento, pelas diversas regiões do Globo. Nesse aspecto, a morte do corpo deve ser interpretada como uma ausência temporária, por viagem, mas que permite comunicação periódica, por carta, telefone, outro meio qualquer, o que diminui um pouco a saudade, além da certeza de que sempre é possível o reencontro, pela volta ou porque os que ficaram a distância podem ir ao encontro do viajante, onde ele se encontra.

O Momento da Morte

Existe uma diferença básica entre morrer e morte. Morrer é um processo, geralmente lento, e muitas vezes doloroso, que culmina com a morte, ou seja a cessação de toda e qualquer atividade orgânica, com a conseqüente deterioração do corpo físico, na decomposição. Sobre o desligamento da alma e do corpo, os Espíritos responderam com a precisão de sempre: "A separação se opera instantaneamente e por transição brusca? Existe uma linha demarcatória nitidamente traçada entre a vida e a morte? *Não. A alma se desliga gradualmente e não se escapa como um pássaro cativo restituído subitamente à liberdade.*

Esses dois estados se tocam e se confundem; dessa forma, o Espírito se desliga pouco a pouco dos seus laços; ***eles se desatam, e não se rompem****"* [59] .

Os ensinos Espirituais especificam, como já vimos, a morte como o instante em que o último laço que une o corpo físico do Espírito é desfeito, ficando os dois completamente separados. Esta separação pode se dar num tempo relativamente rápido, como no caso acima relatado do Juiz Peckam, ou demandar muitos dias, meses e até anos.

O sofrimento do Espírito que se sente ligado ao cadáver, e que com ele desce à sepultura, é apresentado de forma clara em alguns trechos da mensagem assinada por um Espírito que se denomina Novel: "Vou te narrar o que sofri quando morri. Meu Espírito, preso ao meu corpo por laços materiais, teve grande dificuldade de se libertar, o que foi uma primeira e rude angústia. A vida que eu havia deixado aos vinte e quatro anos, era ainda tão forte em mim que não acreditava na sua perda. Procurava o meu corpo, e estava espantado e amedrontado de me ver perdido no meio daquela multidão de sombras. Enfim, a consciência de meu estado, e a revelação das faltas por mim cometidas em todas minhas encarnações, me afligiram de pronto..." [60] .

O Espírito narra com clareza o sentimento de perda que o invadiu, e invade aos que, como ele, estão voltados apenas para a vida física. A morte lhe traz a sensação de uma falta fundamental: o corpo somático. A ausência de preocupações religiosas e hábitos de piedade, como a prece e a meditação, enfim, a completa ignorância sobre a vida Além-túmulo, cria situações de angústia e desespero como no exemplo.

Um ponto a realçar é a revelação dos erros cometidos, a denominada visão panorâmica dos atos da existência recém abandonada, que aparece como uma análise retrospectiva das faltas cometidas em todas as encarnações do Espírito. Talvez tenha havido por parte dele um exagero, pois não é muito comum que o *flashback* ultrapasse a encarnação que finda. Ou, quem sabe, seja uma dessas exceções à regra, que sempre ocorre. Aguardamos a confirmação de outros fatos semelhantes.

Na noite de 14 de julho de 1955, ao fim da reunião do Grupo Meimei, em Pedro Leopoldo, MG, o médium Francisco Cândido Xavier incorporou uma entidade, cujo nome foi ciosamente preservado, por ser pessoa conhecida dos meios econômicos e políticos do país, a qual contou assim sua morte: "A angina... fulminou-me sem que eu pudesse lutar. Recordo-me de haver sido arremessado a uma espécie de sono que me não furtava a consciência e a lucidez, embora me aniquilasse os movimentos. Incapaz de falar... senti que mãos amigas me tateavam o peito, tentando debalde restituir-me a respiração. Não posso precisar quantos minutos gastei na vertigem que me tomara de assalto, até que, em minha aflição por despertar, notei que a forma inerte me retomava a si, que minh'alma entontecida regressava ao corpo pesado; no entanto, espessa cortina de sombra parecia interpor-se agora entre os meus afeiçoados e a minha palavra ressoante, que ninguém atendia.... em vão pedia socorro, mas acabei por resignar-me à idéia de que estava sendo vítima de estranho pesadelo... amedrontava-me a ausência de vitalidade e calor a que me via sentenciado. Após alguns minutos de pavoroso conflito, que a palavra terrestre não consegue determinar, tive a impressão de que me aplicavam sacos de gelo aos pés... o frio alcançava-me todo o corpo, até que não pude mais... Procurei libertar-me e vi-me fora do leito, leve e ágil, pensando, ouvindo e vendo... Contudo, buscando afastar-me, reparei que um fio tênue de névoa branquicenta ligava minha cabeça móvel à minha cabeça inerte. Apavorado, não conseguia maior afastamento da câmara íntima, reconhecendo, inquieto, que me vestiam caprichosamente a estátua de carne, a enregelar-se... Sensações de terror neutralizavam-me o raciocínio... Achava-me livre para pensar, mas preso aos despojos hirtos pelo estranho

cordão que eu não podia compreender... acompanhei o cortejo triste e cauteloso... Clamei debalde por socorro, até que, com os primeiros punhados de terra atirados sobre o esquife, cai na sepultura acolhedora, sem qualquer noção de mim mesmo... Por vários dias repousei, até que ao clarão da verdade, reconheci que as tarefas do industrial e do político haviam chegado a termo..." [61] .

Vê-se que o Espírito nunca se preocupou com a problemática espiritual, vivendo materialisticamente, como em geral as pessoas da categoria social que ocupou. Homem de sucesso nos negócios, tendo fortuna, "status" e poder, se dedicava a viver seu estilo de vida, naturalmente categorizando a religião como uma necessidade para almas fracas ou pessoas velhas. Quem conhece o êxito e a glória, durante a encarnação, quase sempre não se lembra ou faz pouco caso das questões sobre a alma, o destino e a vida além da sepultura. Orações e freqüência a templos religiosos, só em eventos sociais, que os colunistas focalizam, em sua faina de acarinhar a vaidade fútil das personalidades "importantes" da sociedade. Quanto aos políticos... bem, envolvamo-los na caridade do silêncio. A água límpida da beira do caminho não deve ser revolvida, para não expor o lodo que guarda no seio...

O resultado das atitudes mencionadas fica expresso na situação da entidade, no instante supremo: a dificuldade em aceitar que a encarnação terminara. A morte o colocou face a face com uma realidade para a qual não estava preparado. O tino para grandes negócios e para a aventura política, de nada adiantou. Inexoravelmente teve de enfrentar o túmulo sem qualquer condição, aprendendo à custa de muito terror, angústia e desespero, sem falar na decepção com os que considerava amigos, o que veremos em outra oportunidade, quando estudarmos o comportamento das pessoas nos enterros.

A percepção total do desenrolar das funções que resultam no desprendimento do perispírito, para o Espírito insciente, é uma fonte de sensações desequilibradas, que o estar face a face com o desconhecido tornam angustiosas. Não saber o que se passa e não querer aceitar o que está acontecendo, tentando explicá-lo como pesadelo, é comum entre os milhões de pessoas que morrem diariamente por toda a Terra. Como o nosso irmão não estava habituado à prática da oração, que lhe teria sido o recurso ideal na hora extrema, entrou em pânico, ficando mentalmente incapacitado de agir positivamente, a fim de diminuir a tensão massacrante do momento. No único instante em que utilizou com mais vigor sua força mental, conseguiu projetar-se para fora do leito, e consequentemente do corpo, passando a ter uma visão clara dos acontecimentos. A manutenção da calma e o recurso à prece, são essenciais durante todo o processo da morte: "Na passagem da vida à vida espiritual, se produz ainda um outro fenômeno de uma importância capital: é aquela da perturbação. Nesse momento, a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente suas faculdades e neutraliza, em parte pelo menos, as sensações; ela é, por assim dizer, cataleptizada, de sorte que não é quase nunca testemunha consciente do último suspiro. Dizemos quase nunca, porque existe um caso onde ela pode ter consciência, assim como veremos no momento preciso. A perturbação pode dessa maneira ser considerada como o estado normal no instante da morte; sua duração é indeterminada; ela varia de algumas horas a alguns anos" [62] .

A perturbação, como vimos no caso anterior, pode-se dar pela falta de conhecimento do que se passa, sendo que o sono, comum entre os que morrem, pode vir após o enterro, como ilustrado. Na maioria dos que falecem sem condições espirituais positivas, ou francamente negativas por problemas de consciência, pode acontecer durante todo o processo, que passa a ser vivido em estado de hebetamento. A catalepsia referida aconteceu

por alguns momentos na história citada, em outros casos, como o dos *crentes negativos*, que ainda veremos, pode levar dias, meses ou anos.

No ano de 1935 foi publicado, pela Livraria Allan Kardec Editora - Lake, o livro "Cartas de uma morta", psicografado pela falecida mãe do médium - Francisco Cândido Xavier -, Maria João de Deus, onde encontramos suas impressões sobre o momento de sua morte: "As derradeiras horas me foram de excruciante martírio e, depois de uma jornada repleta de dores violentas, veio a noite interminável da agonia". "O meu estado moral caracterizava-se por uma semi-inconsciência porque o tormento corporal atuava sobre as minhas idéias, que vagavam desordenadas como se fossem violentamente expulsas do meu cérebro". "Sentia-me sucumbir lentamente... A princípio, gemidos de sofrimento escapavam-se do meu peito torturado, compreendendo a ineficácia dos esforços que fazia para não morrer...". "Amanhecia... Afigurou-se-me, então, alcançar uma trégua a tantos padecimentos. Parecia prestes a dormir... envolvia-me nas influências do sono, embora sendo presa de indescritíveis pesadelos. Ouvi tudo quanto se pronunciou ao redor do meu leito e vi a ansiedade de quantos dele se abeiravam, mas todas essas impressões eu as recebia como se estivesse mergulhada em mau sonho. Desejei falar, manifestar vontades e pensamentos; isso, porém, era impossível. Percebi todos os carinhos que dispensaram ao meu corpo e que me foram igualmente proporcionados em vida; e ouvi as lamentações de quantos deploravam a minha ausência. Ansiava por movimentar-me sem que membro algum obedecesse aos meus impulsos, e, outras vezes, fazia inauditos esforços para despertar-me, fugindo de tão singular pesadelo. Afigurava-se-me que me cobriam de flores e sentia a carícia dos braços dos meus filhos, enlaçando-me com amargurada ternura...". "Mas tinha a boca hirta e os braços gelados para retribuir aquelas expansões de desvelado carinho!...". "O ataúde pareceu-me um novo leito; porém, quando me convenci de que me arrebatavam com ele, entre os angustiosos lamentos dos que ficavam, uma impressão penosa, atroz, subjugou-me integralmente. Achei-me, então, sob indefinível sentimento de medo que me aniquilou a totalidade das fibras emotivas"'[63] .

Comportamento Social nos Sepultamentos

Como acabamos de ver, a morte, de um modo geral, é um processo que demanda tempo para se realizar plenamente. Os laços que unem o perispírito ao corpo vão se desatando lentamente, no transcurso de horas e, às vezes, de dias.

O momento da morte clínica é apenas uma etapa, o desligamento dos vínculos mais importantes. A lentidão do desacoplamento entre os veículos físico e espiritual nos remete a uma análise do comportamento de parentes e amigos do morto, durante o "velório", ou período legal de espera para que se efetue o sepultamento. Muito mais do que o cumprimento de uma norma legislativa e social, este lapso de tempo é o em que se desfazem as ligações fluídicas entre o perispírito e o cadáver. No seu processo, o agonizante, de modo geral, participa das ocorrências, em estado de semi-inconsciência. A sensibilidade é exacerbada pela inabitualidade das percepções exclusivamente pelo organismo espiritual. Dessa forma, as vibrações emitidas por pensamentos, palavras e emoções o atingem em cheio, provocando as mais desencontradas sensações. Somam-se às sensações internas, causadas pela crise da morte do corpo, esses estímulos do meio ambiente, agravando-as ou minimizando-as, na dependência do comportamento dos circunstantes.

Infelizmente, a imensa maioria das pessoas não possui o mínimo conhecimento dessa realidade, quando não professa uma filosofia de vida materialista de que a morte significa a cessação de todas as funções e, diante de um esquife, crêem estar frente a frente com um simples cadáver em processo de decomposição, e não do complexo processo de desacoplamento de uma individualidade imperecível. Assim, quando não mantêm uma atitude mental de indiferença, cultivando pensamentos e conversações absolutamente inadequadas ao momento, tecem comentários jocosos, agressivos e desrespeitosos em torno da existência do falecido. Ao mesmo tempo, o descontrole emocional de parentes e amigos geram ondas psíquicas de tristeza e saudade excruciantes, atingindo o Espírito que está morrendo como substâncias salinas ou ácidas derramadas sobre chaga viva. Todo esse acervo vibratório desaba sobre ele de maneira cruel, gerando sofrimentos indescritíveis.

O ambiente, saturado de energias psíquicas em desalinho, atrai entidades desequilibradas ou perversas, pela Lei de Afinidade Vibratória, bem como facilita o acesso, ao Espírito em liberação de entidades desequilibradas, os quais passam a exercer sobre ele pressões cruéis, sem que os Espíritos enobrecidos possam protegê-lo eficazmente.

Durante um féretro, o pensamento fundamental que deve nortear seus participantes é o da prece e das emissões vibratórias de paz e tranqüilidade para o Espírito que se liberta da existência carnal. Essa postura cria uma atmosfera psíquica de quietação e revigoramento, bem como propicia a presença de entidades espirituais elevadas, as quais podem manejar as energias positivas do ambiente em favor do morto, que assim, não só se liberta mais rapidamente do corpo cadaverizado, como se fortalece energeticamente para o processo de aclimatação ao novo "hábitat". A saudade e a tristeza naturais da despedida, quando temperadas pela prece sincera e conformação com os desígnios divinos, sustentam o morto, agindo como bálsamo abençoado, aliviando e insuflando força e coragem para superação do momento delicado.

Quando todos estiverem concientizados da existência do Espírito, o sepultamento deixará de ser o triste espetáculo de dolorido adeus e inconseqüência moral que é hoje, para se transformar numa tranqüila festa de despedida, onde todos estarão unidos em vibrações de prece, certos de que estão diante de uma separação de cunho dimensional, mas que continuarão juntos, falecido e encarnados, embora em níveis existenciais diferentes.

3. Sensações e Percepções no Momento da Morte

É importante esclarecermos mais o que começamos a dizer no início do capítulo anterior, sobre o sofrimento durante o processo de morrer. Nos diversos casos, verificamos que o sofrimento está ligado a problemas físicos e psíquicos. Os físicos têm origem na forma *como* se está morrendo. Uma doença grave e dolorosa nos fala de um processo cercado de dor e desconforto. Na morte súbita, muitas vezes a alma em desenlace nem se apercebe do que está acontecendo, despertando no mundo dos Espíritos ainda na ilusão de que se encontra encarnado. Alguns chegam a persistir anos nessa situação, perdidos num como que sonho ou pesadelo, do qual, acreditam,. vão despertar. Uns tantos, desencarnando durante cirurgias, podem ser encaminhados para hospitais em localidade espirituais, onde, lentamente, vão sendo instruídos quanto ao novo estado [64] .

As vítimas de acidentes podem sofrer durante o tempo em que estejam vivendo as dores das carnes dilaceradas e ossos rompidos, antes da morte propriamente dita. Suas mentes manterão, durante um tempo variável, as imagens dos últimos instantes, representando-as no corpo espiritual, o qual será uma cópia exata do organismo torturado que foi deixado na sepultura. Os suicidas revivem as angústias e terror dos últimos momentos, muitas vezes, sob o guante de atroz e tardio arrependimento. As dores os acompanham no Além-túmulo, e seus perispíritos contam o drama da forma escolhida para terminar a existência, com o rosário de agonias que padeceram enquanto o perispírito era arrancado do corpo físico.

Em suma, cada tipo de morte tem sua história própria e seqüelas decorrentes. Todavia, não existem duas mortes iguais, nem se podem traçar procedimentos taxativos para um determinado gênero de morte. Cada caso é único e específico. Veremos mais adiante que nem todo suicida vai para o Vale dos Réprobos. Da mesma forma, não são todos que ficam ligados às vísceras cadaverizadas, à semelhança de enterrados vivos. Nem todos permanecem inconscientes durante a libertação, da mesma forma que não se pode generalizar que todos passam por situações de pânico, enquanto a morte acontece.

Uma coisa que as pesquisas espíritas sempre afirmaram, e que os recentes estudos em torno das Experiências de Quase Morte (EQM) vêm confirmando, é que o momento da morte propriamente dita é de grande bem-estar. Vimos, linhas atrás, a declaração de um Espírito, através de Francisco Cândido Xavier, de que, no momento em que pensou fortemente em sair da situação de rigidez e frio que o acometia, por estar ligado, sem se dar conta, às vísceras sem vida, foi de bem-estar e leveza.

Nas pesquisas de EQM do Dr. Raymond A. Moody Jr., pessoas que estiveram no portal da morte, e voltaram para narrar o sucedido, descrevem o momento em que estavam quase mortas como de alegria, satisfação, tranqüilidade e leveza. Diz um dos entrevistados: "Eu só tinha um sentimento bom e intenso de solidão e paz... Foi lindo, e eu estava com tamanha paz em minha mente".

Outro, que foi ferido no Vietname, conta que, no momento em que foi atingido sentiu uma grande sensação de alívio: "Não houve dor, e nunca me senti tão relaxado. Tudo era tranqüilidade e era bom".

Um homem que recebeu graves ferimentos, revela: "No lugar do ferimento houve um "flash" momentâneo de dor, mas logo desapareceu. Tinha a sensação de estar flutuando em um espaço escuro. O dia estava extremamente frio; no entanto, enquanto eu estava

naquela escuridão, tudo o que sentia era calor e o maior conforto que jamais experimentei. Lembro-me de ter pensado: devo estar morto”.

Uma mulher ressuscitada após um ataque cardíaco: “Comecei a experimentar as mais maravilhosas sensações. Não sentia coisa nenhuma, exceto paz, conforto, tranqüilidade - só quietude. Sentia que todos os meus problemas tinham desaparecido e pensava comigo mesma: Que paz e quietude, e não dói nada” [65] .

Sensações agradáveis, num momento que se julga ser o mais cruel de todos. Lembro-me do episódio que um amigo me contou, lá pelos inícios de 1970. Era um colega de trabalho sem muita cultura e avesso às coisas da religião. Apesar de casado, era um boêmio, dado à bebida e aventuras extraconjugais. Narrou-me que, quando tinha doze anos, morava numa cidade do interior do Estado de Sergipe. Certo dia, estando com um primo e amigos a beira de um rio, observava-os a brincarem na água, num trecho mais profundo, pois não sabia nadar. Um dos companheiros de folguedos, por brincadeira, empurrou-o no rio. Começou a se debater, sentindo-se torturado pela asfixia, quando: “De repente, tudo cessou por completo. Uma paz profunda me invadiu todo o corpo. Era um sentimento de bem-estar, como nunca havia sentido. De inopino, passei a rever toda a minha vida, desde o nascimento até aquela data. Revia todos os fatos, por menor que fossem, bem como pensamentos e emoções, sem faltar nada. O interessante era que, quando via uma ação má que cometera, via, ao mesmo tempo, qual deveria ter sido o procedimento correto. Repentinamente, fui puxado por meu primo, e tudo se apagou, voltando a agonia e o desespero da falta de ar, até que me senti completamente recuperado e seguro na margem”.

Quando, mais tarde, li os relatos anteriores, comparei-os mentalmente com os do amigo, constatando a veracidade da sua vivência, inclusive o detalhe da “Visão Panorâmica”, que abordaremos mais adiante.

Outras narrativas sobre afogamento, queda de lugares altos ou enregelamento na neve, falam de sentimentos de paz e júbilos intensos. A morte, principalmente para pessoas que não possuem graves complexos de culpa, é um momento agradável, que produz sentimentos de liberdade. E, de fato, assim é que os Espíritos a descrevem. Castro Alves, pelo interexistente de Uberaba, escreve com a verve de sempre, sobre a morte:

“Se o cristal que imita o céu
Da consciência tranqüila
É o luzeiro que cintila
Na noite do teu viver,
Oásis - dou-te o repouso,
Estrela - estendo-te o lume,
Flor - oferto-te perfume,
Luz da vida - dou-te o ser!” [66]

Enquanto isso, existem os que morrem entre grandes aflições, cercados de pensamentos de terror e desespero, como os grandes criminosos da História, dominadores de povos, assassinos de multidões, que nunca tergiversaram em ferir, torturar e destruir, em nome de suas ambições. Déspotas e opressores, que viveram sob o medo constante dos levantes e dos assassinos, desencarnam cercados pelos que prejudicaram e mandaram matar, envolvidos em fluidos terríveis de ódio e vingança. Mortes trágicas; agonias indescritíveis que se perpetuam, às vezes, por anos a fio.

A situação moral do moribundo dita o tipo de sensações experimentadas durante a morte. Da mesma forma, o gênero de morte influi, decisivamente, na maneira pela qual a transição da morte se dá, com suas perturbações mais ou menos intensas. Eis o que ensinam os Espíritos: “Esta perturbação apresenta circunstâncias particulares segundo o caráter dos indivíduos e, sobretudo, segundo o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito é surpreendido, abalado, e não acredita estar morto; ele o sustenta com teimosia, porque vê o seu corpo, sabe que esse corpo é o seu, e não compreende que esteja separado dele; vai para junto das pessoas pelas quais tem afeição, lhes fala, e não entende porque não lhe ouvem. Esta ilusão dura até a completa separação do perispírito; somente então, o Espírito se reconhece e compreende que não mais faz parte dos vivos”[67] .

A compreensão de que a morte já sobreveio, todavia, pode demorar por tempo bastante longo. Uma educação de acordo com os ensinamentos espíritas, e o contato com o mundo espiritual por meio da prática mediúnica, é fator importante para que o entendimento do processo da morte, e uma rápida adaptação da alma a sua nova situação.

Quando os laços entre o corpo e o perispírito começam a se afrouxar, muitas vezes despertam os sentidos espirituais, provocando percepções mediúnicas. Existem inúmeros casos de agonizantes aos quais se esconde a morte de pessoa querida, para não afligi-los, que, repentinamente, surpreendem os familiares com observações do tipo: “Por que vocês não me disseram que fulano havia morrido”? E, quando os parentes, estarrecidos, se perguntam quem lhe deu tal informação o moribundo prossegue: “Apesar de vocês me esconderem, ele acaba de me contar. E disse que não demoraremos a estar juntos, no Além”.

Uma história pessoal. Minha falecida mulher costumava dizer que, em termos mediúnicos, era uma pedra, não sentia nada. Quando teve o primeiro AVC, por causa do rompimento de um aneurisma, desde então, mesmo depois da operação que a deixou plenamente recuperada, passou a apresentar uma acuidade mediúnica extraordinária, principalmente de clarividência e clariaudiência. Os estudioso dos fenômenos psíquicos sempre alertaram que a mediunidade pode ser despertada por traumas físicos, psíquicos, doenças ou a proximidade da morte.

Em algumas oportunidades, durante o processo da morte física, ou no instante em que ela ocorre, os agonizantes se comunicam telepaticamente com parentes ou amigos, anunciando-lhes o passamento. Dão-se, inclusive, fenômenos de efeitos físicos, como telecinesias (movimento de objetos), teleplastias (materializações), pneumatofonias (vozes diretas), aparições etc. Quando o fenômeno é puramente telepático, o destinatário tem uma sensação, ou percepção mental, do que está ocorrendo, e mais ninguém, em geral, participa do fato. Nos outros casos, ele é objetivo, ocorrendo no exterior, sendo percebido por pessoas ou animais que estejam presentes. Leiamos um episódio, narrado por Ernesto Bozzano[68] : “Em abril de 1854, a mãe de um dos maiores pensadores e teólogos, de nosso tempo, estava em seu leito mortuário e se achava desde alguns dias em condições de inconsciência quase total. Mas, alguns momentos antes de morrer, agitou os lábios e chegou a murmurar distintamente: - Aqui está William, aqui está Elisabeth, aqui está Ema e Ana. Depois, após uma pausa: - Aqui está Priscila! William era um dos seus filhos morto na primeira infância e cujo nome não aparecia nos lábios maternos havia muitos anos; quanto a Priscila, morrera esta dois anos antes; mas a notícia do triste acontecimento, posto que conhecido da família, era ignorado da doente”.

Estamos diante de dois fenômenos interessantes, um, é a visão de Espíritos, que a moribunda sabia estarem mortos, só que muito criança, o outro, a morte da filha era ignorada. Isto significa que houve percepção das entidades, no momento. Qualquer outra hipótese entra no domínio da falácia e do absurdo. O fato a seguir é realmente extraordinário, por vários motivos e, apesar de um tanto longo, transcreveremos boa parte: "João Vitalis, era homem robusto, gordo, sangüíneo, casado, sem filhos, gozando perfeita saúde. Devia ter trinta e nove anos quando foi subitamente tomado por febre violenta e dores articulares. Eu era seu médico e, quando o vi, os sintomas que ele apresentava eram os de reumatismo articular agudo... Fiquei surpreso, na manhã do décimo sexto dia, por encontrá-lo vestido, assentado na cama, sorridente, tendo os pés e as mãos inteiramente desembaraçados e sem mais apresentar febre... Muito calmamente, disse-me ele que atribuía sua cura súbita a uma visão que tivera durante a noite... - Meu pai veio visitar-me esta noite. Entrou no meu quarto pela janela que dá para o jardim. A princípio, olhou-me de longe; depois, aproximou-se de mim, tocou-me um pouco em toda parte do corpo para tirar-me as dores e a febre, e, em seguida, anunciou-me que eu ia morrer, esta noite, precisamente às nove horas. No momento da partida acrescentou que esperava que eu me preparasse para esta morte, como bom católico. Mandei chamar meu confessor, que chegará logo. Vou confessar-me e comungar, e depois quero receber a extrema-unção. Agradeço-lhe muito os cuidados que tem tido para comigo; minha norte não será causada por nenhuma falta de sua parte. É meu pai que o deseja; ele tem, sem dúvida, necessidade de mim e virá tomar-me esta noite, às nove horas... o Dr. R., velho e excelente prático, foi chamado para uma consulta. O Dr. R. proferiu diante do doente, toda sorte de gracejos, por motivo de sua alucinação e morte próxima; mas, à parte, junto à família reunida, declarou que o cérebro tinha sido atingido e que, nesse caso, o prognóstico era grave. - A calma do doente - acrescentou - é estranha e insólita. Sua crença na objetividade da visão e na morte próxima é surpreendente. Ordinariamente todos têm medo da morte. Ele tem o ar de não se importar com isso, pelo contrário, parece feliz e contente por morrer. Posso assegurar-vos, no entanto, que não tem o aspecto de quem vai morrer esta noite; quanto a fixar, de antemão, o momento da morte, é farsa... Voltei às oito horas da noite. Queria estar ao pé do doente para ver o que faria quando chegassem as nove horas. Conservava-se sempre alegre; tomava parte nas conversas com animação e raciocínio... Havia uma pêndula no quarto e João, que eu não perdia de vista, lançava para ela, de vez em quando, olhares ansiosos. Quando o pêndulo marcava nove horas menos um minuto, e enquanto continuavam todos a rir e a conversar, ele se levantou do sofá onde estava sentado tranqüilamente e disse: - Chegou a hora. Abraçou a mulher, os irmãos, as irmãs, depois pulou para a cama com muita agilidade. Assentou-se, acomodou as almofadas e, como um ator que saúda o público, curvou muitas vezes a cabeça, dizendo: - Adeus! Adeus! Estendeu-se sem se apressar e não se moveu mais. Aproximei-me lentamente dele, persuadido de que simulava a morte. Com grande surpresa minha, estava realmente morto; nenhuma angústia, nenhum estertor, nenhum suspiro; morrera de morte que eu nunca vira"[69].

Foi uma experiência notável a dessa morte. Aí temos muitos pontos interessantes. A visão do pai, que o doente afirma autêntica. A cura de todos os problemas, que convalida sua história, finalmente o "aviso da morte", que se cumpriu fielmente. Mas, como frisa o narrador, a tranqüilidade do paciente chega a ser chocante. A verdade é que o fato de ter visto o pai falecido, e este curá-lo, lhe deu a certeza de que a morte não era uma coisa ruim, mas, ao contrário, muito boa. Um outro ponto a ressaltar é que, como católico, a visão deveria tê-lo assustado, pois o pai bem que poderia ser o diabo disfarçado, saído das

profundas dos infernos, para enganá-lo, no instante supremo, provocando-lhe a danação para a eternidade. Todavia, no episódio, o demo teria perdido o seu latim, pois a atitude do futuro defunto foi tão positiva, que não haveria condição para que satanás o arrebatasse.

É hora de abandonarmos de vez essa fantasia medieval, absolutamente falsa, de um ser demoníaco, espécie de Deus do mal, que vive a perseguir os pobres mortais com mil artimanhas. A Misericórdia Divina nunca permitiria que uma das suas criações pudesse se perverter para todo o sempre. O João, terminou por mostrar que a ciência do Dr. R. é que era uma farsa. Morreu de maneira tão espontânea e simples, que causa admiração. Por aí se vê que a famigerada morte é muito caluniada. Os catafalcos, cantochões e adereços roxos causam impressão deprimente, bem como terror, nas mentalidades comuns, gerando pânico e desequilíbrio, toda vez que se é defrontado com a própria morte ou de pessoa mais chegada.

Morrer, para quem tenha a consciência tranqüila, não é um momento de medo ou apreensão, mas sim abençoada porta que se abre para os vastos horizontes de um mundo novo, cheio de belezas transcendentes. Assim o entendeu Sócrates, quando foi condenado à morte, injustamente, pelos seus concidadãos: "Ocorreu-me, juízes - ao chamar juízes a vós outros, o faço com toda propriedade - algo notável. Meu oráculo habitual, o meu gênio, em todo tempo anterior a este dia, se me manifestava com muita freqüência, ainda que em coisas de muito pouca monta, sempre que ia cair em algo inconveniente. Acaba de me sobrevir o que haveis visto, aquilo que todo mundo, segundo parece, tende a considerar como a pior das desgraças. Não obstante, nem ao sair hoje cedo de casa, nem quando subia aqui ao tribunal, nem em momento algum de meu discurso, ao ir dizer o que quer que fosse, se me opôs o sinal do deus. Em muitas passagens de outros discursos, segundo falava, o dito sinal fez com que me detivesse, porém agora não se me opôs em nenhum momento desta conjuntura, nem em ato nem em palavra alguma. Pois bem: qual a minha opinião? Eis aqui o que penso: é possível que o que me haja ocorrido seja um bem, e de modo algum discursamos retamente, quantos consideramos que o morrer é um mal. Decisiva é a prova que disto me há vindo à mente: de modo algum haveria deixado de se me opor o sinal de costume se não houvesse sido algum bem o que me ia ocorrer". "Assim pois, também vós outros, oh juízes! deveis ter boas esperanças ante a morte e pensar que há uma coisa certa, e é que ao homem bom não alcança nenhum dano, nem na vida nem na morte, e que seus assuntos não são descuidados pelos deuses. tão pouco este meu desenlace de agora me sobreveio de maneira casual; longe disso, vejo claramente que o morrer já, e quedar livre de trabalhos, era melhor para mim. Essa é a razão pela qual, em nenhum momento, me dissuadiu o sinal, e pela qual eu, de minha parte, não estou irritado contra os que hão votado contra mim, nem contra os meus acusadores" [70] .

Existe na obra do notável beletrista espiritual André Luiz um caso de morte interessante de uma alma enobrecida por trabalho intenso e profícuo na seara espírita: Adelaide Câmara. Depois de algumas peripécias, em que os que a ela estavam ligados pelos laços afetivos tiveram de ser chamados, em estado de desdobramento ao mundo espiritual para não continuarem a prender a agonizante com suas emissões de apego, ela retorna ao corpo exangue e: "Adelaide esforçou-se para mostrar satisfação no semblante novamente abatido e rogou, tímida, lhe fosse concedido o obséquio de tentar, ela própria, a sós, desligamento dos laços mais fortes, em esforço pessoal, espontâneo. Jerônimo aquiesceu, satisfeito. E, mantendo-nos de vigilância em câmara próxima, deixamo-la entregue a si mesma, durante as longas horas que consumiu no trabalho complexo e persistente. Não sabia que alguém pudesse efetuar semelhante tarefa, sem concurso alheio, mas o orientador

veio em socorro de minha perplexidade, esclarecendo: - A cooperação de nosso plano é indispensável no ato conclusivo da liberação; todavia, o serviço preliminar do desenlace, no plexo solar e mesmo no coração, pode, em vários casos, ser levado a efeito pelo próprio interessado, quando este haja adquirido, durante a experiência terrestre, o preciso treinamento com a vida espiritual mais elevada... Meu dirigente explicara-se com muita razão. Efetivamente, só no derradeiro minuto interveio Jerônimo para desatar o apêndice prateado" [71] .

Quando, durante a existência, lidamos com a realidade espiritual, de forma séria e sincera, vivenciando, dentro das nossas possibilidades evolutivas seus ensinamentos, participamos de trabalhos em benefício dos que sofrem. Aprendemos, em inúmeras oportunidades, no desdobramento diário do corpo, no fenômeno do sono, técnicas de tratamento espiritual, de reencarnação e morte, o que pode credenciar, como no caso de Adelaide Câmara, à realização do próprio desencarne, até o momento em que amigos espirituais precisam agir, para cortar o último laço. Esta lição deve permanecer em nossas mentes, ajudando-nos a manter um clima de espiritualidade constante à nossa volta, e em nosso íntimo. Viver espiritualmente significa crescer, não só no aspecto ético, mas também no cultural.

A Visão Panorâmica da Existência Finda

Como narramos ao tratar da vivência de quase morte do nosso amigo, ele reviu sua vida, minuciosamente, do nascimento, até o instante do afogamento. Este não é um evento isolado, mas muito comum. Nas EQM, são inúmeras as descrições de visão retrospectiva, da encarnação, desde o primeiro vagido. Comunicações mediúnicas também se referem a este fenômeno, que psicólogos e psiquiatras conhecem há bastante tempo, sem conseguirem qualquer explicação, ao menos razoável, para ele. O Espírito de Jim Nolam, cuja morte citamos linhas atrás, assim se expressou, quanto à sua visão retrospectiva: "...um pouco antes da crise fatal, minha mentalidade se tornara muito ativa; lembrei-me subitamente de todos os acontecimentos da minha vida; vi e ouvi tudo o que fizera, dissera, pensara, todas as coisas a que estivera associado. Lembrei-me até dos jogos e brincadeiras do campo militar; gozei-os, como quando deles participei" [72] .

A entidade é bem expressiva sobre o fenômeno, procurando transmitir a idéia de que viu tudo em seus mínimos detalhes, quase vivendo-os outra vez. Igualmente, o Dr. Horace Abraham Ackley diz que, passado um período de inconsciência, cuja duração não pôde precisar: "Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida me desfilaram sob as vistas, como num panorama; eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como se meu passado se houvera tornado presente. Foi todo o meu passado o que revi, compreendido o último episódio: o da minha morte. A visão passou diante de mim com tal rapidez, que não tive tempo de refletir, achando-me como que arrebatado por um turbilhão de emoções" [73] .

Esse "exame de consciência" não é regra geral. Existem comunicações, onde o Espírito não se refere a ele: André Luiz, por exemplo, e muitos dos Espíritos que têm psicografado por Francisco Cândido Xavier, ou pessoas que vivenciaram EQMs. Da mesma forma, o momento da sua realização é às vezes aquele em que acontece o desencarne, mas sem se ter completado, caso dos que ressuscitaram. Mas alguns desencarnados, como vimos, dizem tê-lo experimentado após o sono que os acometeu.

Todavia, o fato de não ser mencionado por alguns Espíritos, não significa que não haja ocorrido. Como muitos agonizantes perdem a noção do que está acontecendo, pode passar despercebida à mente consciente a experiência retrospectiva.

Provavelmente o desligamento do cordão fluídico, que encandeia o perispírito ao corpo, ou uma pressão exercida nesse sentido, seja o comutador que dispare algum sistema mnemônico, embutido no centro coronário, liberando a recordação da existência findante, ou em vias de fazê-lo.

André Luiz se refere ao fenômeno: "Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intra-uterina, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela **histogênese espiritual**, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios da memória, a que se referem os falecidos que descrevem para os homens a grande passagem para o Além. É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na morte, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam. Acresce lembrar, ainda, como nota confirmativa de nossas asserções que, esporadicamente, encarnados saídos ilesos de grandes perigos como acidentes e suicídios frustrados, relatam semelhante fenômeno de revisão das próprias experiências, também chamado visão panorâmica e síntese mental" [74] .

Maria João de Deus, através da mediunidade de Chico Xavier, seu filho, narra sua visão retroativa: "Como se a memória fosse possuída de um admirável poder retrospectivo, comecei a ver todos os quadros da minha infância e juventude, relembrando um a um os mínimos fatos da minha existência relativamente breve. Via-os, esses quadros do pretérito, com naturalidade, sem admiração e sem surpresa..." [75] .

Otília Gonçalves, por Divaldo Franco, conta experiência similar: "...vi-me, de súbito, diante de grande painel, ligado à minha mente, para o qual fui poderosamente atraída. Pude ver, como numa grande tela cinematográfica, o desenrolar dos fatos que representavam minha existência, em miraculoso retrospecto, repetindo-se em vertiginosa celeridade, sem omissão de qualquer detalhe. E o incrível é que, para cada compromisso com o erro daquele tempo, surgiam-me agora as soluções que antes não me ocorreram, patenteando a Sabedoria de Nosso Pai ao alcance de nossas mãos, mas nem sempre utilizada" [76] .

É interessante a explicação de André Luiz: assim como ao reencarnar, revivemos no claustro materno uma síntese da nossa evolução biológica, durante a morte também o fazemos, para conformarmos o psicossoma, de acordo com os padrões necessários à sua vivência no mundo espiritual. Podemos imaginar, igualmente, que ai se dá a incorporação definitiva das experiências vividas, e que estavam acumuladas no inconsciente atual, ao inconsciente remoto ou passado.

Um fato da vida humana merece notado. Quando atingimos uma idade provecta as lembranças de eventos do passado distante se tornam mais agudas. O idoso pode ter problemas com a recordação de fatos recentes, todavia, evoca com detalhes cenas da infância, da adolescência e madureza, sendo capaz de descer a mínimos detalhes. Não é atoa que os antropólogos buscam as lembranças dos mais velhos das tribos que estudam,

para levantar as lendas e mitos, bem como episódios que passam de geração em geração, sobre a história da comunidade.

Este fenômeno nos leva a pensar que a aproximação do final da existência física propõe um exame de consciência ao indivíduo, para que possa meditar sobre os seus atos, numa preparação para o desencarne, oferecendo oportunidade para reflexão transformadora, pelo levantamento dos erros praticados, os quais poderão ser evitados numa próxima encarnação.

Queremos registrar aqui a interessante teoria formulada pelo notável beletrista espírita Hermínio Miranda [77]. Segundo ele, a visão panorâmica no momento da morte sintomatiza a transferência dos atos e fatos da existência finda, registrada nos circuitos neuroniais do cérebro, para os centros mnemônicos do corpo espiritual. O cérebro físico seria, dessa forma, um "buffer" semelhante aos dos computadores, que armazenaria informações das atitudes, pensamentos, emoções e episódios ocorridos durante a encarnação. O nosso corpo, pois, não seria apenas uma "veste", sem maior valor, senão o de dificultar ao máximo a exteriorização plena do Espírito. Seu conjunto de células, cada qual com um psiquismo embrionário, formaria um ser com instintos próprios, e límbicas funções de consciência que, sob o domínio do ser espiritual, desempenha atividades diversas, proporcionando a interação do Espírito com o mundo físico. Como gestor da memória atual, o organismo material armazena-a e, no instante do desenlace, transfere-a integralmente para os bancos de dados da memória profunda, em caráter definitivo. A tese enseja um sem-número de ilações, e confirma experiência pessoal do autor, quando em estado de desdobramento. Deveremos estudá-la com carinho, procurando ver sua coerência com as informações mediúnicas, para retificá-la no que seja necessário.

O Sono Post-Mortem

Um ponto de concordância em todos os relatos de Além-túmulo, sobre a morte é o sono que acomete, e pelo qual passam todos os falecidos. Descrevem-no como irresistível e pesado.

Enquanto dormem, os Espíritos em liberação eliminam energias físicas que saturam o psicossoma, pelo contato diuturno com os fluidos materiais. É um processo semelhante ao da reencarnação, onde o Espírito elimina, gradativamente, as energias próprias da erraticidade, entranhadas no psicossoma, preparando-o para se ligar e embeber com as energias biológicas. Durante o processo reencarnatório, via de regra, o Espírito entra em sono profundo, semelhante ao coma que precede, em alguns casos, a morte. Após o nascimento, da mesma forma, a alma necessita de muitas horas de sono, nos primeiros tempos, para se aclimatar à nova realidade, e também deixar que trabalhem as zonas do psicossoma e do inconsciente, responsáveis pela formação e desenvolvimento dos órgãos fisiológicos.

Sem dúvida, fica respondida a perplexidade de Hamlet, diante da morte: ela também é dormir, um sono inicial, pesado, e povoado de sonhos. Do qual se desperta para a nova, e sempre velha, realidade do retorno à erraticidade, que já experimentamos milhares de vezes, e que tornaremos a experimentar outras tantas, até a superação completa desse nível.

Nem todos os Espíritos entram no mundo espiritual a dormir, de imediato. A quase totalidade participa dos funerais, mesmo que em regime de semi-adormecimento. Almas enobrecidas por trabalho e dedicação ao próximo, permanecem gloriosamente despertas,

auferindo o júbilo das ações praticadas, acordados diante da existência que já viviam enquanto no corpo físico, puderam expressar a verdade imortalista, comunicando-se ainda durante o velório, ou logo após a inumação, com todas as características de comprovação, dizendo da realidade que seus corações idealistas ajudaram a consolidar no mundo.

Que o momento do sono não é fixo, fica bem definido na experiência de Maria João de Deus [78] : “Um choque de dor brusca dominou-me a alma e eu perdi a consciência de mim mesma...”. “Após algum tempo, cuja duração não posso determinar, paulatinamente afigurou-se-me acordar; contudo, a princípio, achava-me envolvida no mesmo panorama de sonho”.

André Luiz [79] descreve um tipo de morte em que o Espírito permanece em estado de catalepsia, mergulhado em sono profundo, preso à visão, como em sonho, de seus problemas e dificuldades psíquicas: “...dominando a custo, a primeira impressão de horror, vi extensas filas de leitos ao rés do chão, ocupados todos por pessoas mergulhadas em profundo sono. Muitos tinham o semblante horrendo. Eram muito poucos os que traziam as pálpebras cerradas, parecendo tranqüilos. Em quase todos estampavam-se-lhes nos olhos, aparentemente vitrificados, o extremo pavor e o doloroso desespero da morte”. “Levantei-me, assustado, dirige-me a Aniceto com a máxima discrição, e interroguei: - Explicai-me, por Deus! que vemos aqui? Estamos, por acaso, na moradia da morte, depois da morte?”. “Sim, André, este sono é, verdadeiramente, avançada imagem da morte. Aqui permanecem, com a bênção do abrigo, alguns milhões dos nossos irmãos que ainda dormem. São criaturas que nunca se entregaram ao bem ativo e renovador, em torno de si, e mormente os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno”. “Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas; permanecem paralíticos, porque preferiram a rigidez ao entendimento”.

O fato de crer no nada, aliado a uma consciência comprometida, causa disfunções perturbadoras ao psiquismo, de graves conseqüências no momento da morte física, prolongando-se pela estada no mundo espiritual e desdobrando-se, às vezes, por vidas futuras.

A Desorientação Após a Morte

Muitas vezes, após adquirir a consciência, em seguida à morte, o Espírito, perplexo com a nova situação, sente-se como ainda encarnado, desorientando-se quando os encarnados não respondem aos seus apelos: “...inexplicavelmente, uma completa amnésia invadiu o meu cérebro espiritual e só pude recordar-me dos laços afetivos, que ainda a vós me prendiam, quando se me apresentou aos olhos a visão dos últimos instantes da minha vida material. Busquei, então, o lar que eu deixara; mas - oh! torturante surpresa! - meus filhos não me reconheceram e debalde formulei os meus sentidos e carinhosos apelos! Julguei-me alucinada e em vão busquei as antigas amizades. Não me vedes? Não me reconheceis - bradava eu, desgostosa com a atitude impassível daqueles de quem me aproximava cheia de esperança, numa possível compreensão das minhas palavras; mas a frieza e a insensibilidade constituíam a resposta de sempre”. “Chegara o dia 2 de novembro de 1925 e mais de mês já havia transcorrido sobre a data de minha morte. Nesse dia, sob o império de grande dissabor, que me adivinha daquela incompreensão, dirigi-me tristemente à Igreja para orar, aproveitando a quietude de sua soledade. Lá penetrando, porém, compreendi que não me achava só, pois percebia que outras almas, talvez padecendo a

mesma dor que eu experimentava, conservavam-se estáticas ao pé dos altares, onde foram buscar um pouco de consolo e de esclarecimento. Todavia, assim que me entreguei aos arrebatamentos da prece, senti uma intraduzível vibração percorrer todas as fibras do meu ser, como se fosse sofrer um vágado, afigurando-se-me invadida pela influência do sono; mas durou poucos instantes, semelhante estado" [80] .

O Espírito coloca-nos diante de uma situação muito comum, devido à ignorância existente em torno da morte e, mais ainda, pela falta de preparação mental, na disciplina dos pensamentos. As religiões tradicionais são culpadas por uma série de sofrimentos durante o processo de morte, como pelos que ocorrem após. O conhecimento da verdade imortalista é um poderoso auxílio para que o indivíduo identifique o que está acontecendo consigo, quando da liberação definitiva do corpo. Todavia, isto só acontece quando se estuda e medita a respeito da imortalidade, introjetando uma consciência específica sobre a continuidade da vida, após a sepultura. Porém, os que ficam na superficialidade das práticas religiosas se deixam envolver pelo pânico em tal momento, passando por situações dolorosas, perfeitamente evitáveis, como vemos na citação abaixo, psicografada pelo Espírito de Otília Gonçalves: "Força incoercível detinha-me atenta no esquife que era depositado no fundo da sepultura. Escutei o som da laje a cobrir-me os despojos e o dos instrumentos que eram usados para o lacramento da campa. Apavorada, encontrei-me ligada às vísceras mortas, estando viva. Gritei desesperadamente, em lamentável estado, e cai desmaiada. Até o momento, não sei quanto tempo ali estive, em delíquio. Despertei lentamente, demorando-me a recompor os pensamentos... Doía-me o *corpo*, sacudido de quando em quando por terríveis arrepios. A dor agudíssima do coração demorava a esmagar-me de uma vez. Verifiquei que, embora o corpo estivesse morto e começasse a avolumar-se, tomando aspecto horrendo, eu me sentia em um corpo gêmeo, àquele que caminhava para a putrefação e, em tudo, idêntico a ele, inclusive no vestuário. Odores pestilentos e desagradáveis invadiam-me as narinas, causando-me sucessivas náuseas". "Ciente da realidade de minha 'morte', cercada de compactas trevas, sabendo-me com o corpo em decomposição no Cemitério, eu experimentava avassaladora angústia" [81] .

Otília era uma trabalhadora do Centro Espírita Caminho da Redenção, colaborando com Divaldo no amparo às crianças órfãs e às pessoas carentes. Militante espírita, freqüentava as reuniões doutrinárias e mediúnicas, lia livros doutrinários, exercia tarefas de caridade. O que a levou a ficar ligada às vísceras, sofrendo o processo da decomposição? A lógica nos diz que, pela atividade desempenhada, tal não poderia ocorrer. O fato só se pode explicar pelo medo e indisciplina mental, caracterizada por expressões de autopiedade. No momento em que movimentou a oração, de forma tranqüila e ordenada, recebeu auxílio: "Ainda não terminara a rogativa, quando me chegou aos ouvidos, como em formoso sonho, doce e meiga voz.... Era irmã Liebe, não havia dúvida... A mesma meiguice de outrora, o mesmo carinho, o mesmo amor...". "Que fazer, irmã querida, em tão trágicas circunstâncias? Como libertar-me daqui? Tenho estado contigo desde o instante em que começaram as tuas aflições... Todavia, prendias-te mais à lamentação improdutiva que à fé, malbaratando o tesouro precioso da oportunidade de confiar e esperar, Quando, porém, resolveste buscar a Fonte Viva, pela oração eficiente, rompeste as algemas que retinham tua mente no oceano físico e emergiste da penosa faixa de vibrações" [82] .

Esta passagem nos leva a meditar sobre o problema da ligação com o cadáver, à semelhança do que se passou com Otília, que acontece com algumas pessoas. Tudo indica ser fruto da ignorância e/ou pânico. Quando da crise da morte, o insipiente da problemática espiritual e o religioso superficial tende a querer manter a existência física a todo custo e,

irrefletidamente, tenta reavivar o cadáver. Não o conseguindo, porém se vendo a ele ainda ligado por alguns laços, que se assemelham a cordões, acredita-se preso irremissivelmente. Auto sugestionado, se deixa permanecer vinculado às vísceras em decomposição, sentindo, por reflexão psicológica, e interação magnética com o ambiente da sepultura, o processo da decomposição como nele se realizando. Bastaria uma forte mentalização da necessidade de sair, que isto se daria. É, muitas vezes, um sofrimento evitável, que a falta de informação faz sofrer.

As sensações de dor ou bem-estar, sentidas durante o morrer, vão depender da situação em que se processa o desligamento das junções que prendem o perispírito ao corpo, bem como da consciência do agonizante com relação ao momento.

Vejamos o que os Espíritos nos dizem a respeito: “No momento da morte, tudo é então confuso. É necessário à alma algum tempo para se reconhecer; ela está como aturdida, e no estado de um homem saindo de um profundo sono e que procura se dar conta de sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe retornam à medida que se desfaz a influência da matéria, da qual vem de se desligar, e que se dissipa a espécie de bruma que obscurece seus pensamentos. A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável; ela pode ser de algumas horas, como de vários meses, e mesmo de vários anos. Aqueles entre os quais ela é menos longa, são aqueles que se identificaram, ainda quando vivos, com seu estado futuro, porque, logo, de imediato compreendem sua posição” [83] .

O Problema do Suicídio

O suicídio é o tipo de morte que maiores problemas acarreta. Não porque seja um “pecado contra Deus” pois, afinal de contas, nada, nem ninguém, pode cometer atos ou atitudes contra a Divindade. Ela está muito acima da nossa capacidade de agredi-La, seja de que maneira for. Suas leis, de aplicação automática, corrigem qualquer processo desequilibrado, mantendo a harmonia geral do Cosmo, instantaneamente.

O problema de quem põe fim à própria existência física são as complicações geradas a nível das matrizes estruturais da morfologia perispiritual, aninhadas nos escaninhos da mente. O complexo desordenado de emoções no momento do autocídio, e no seu após, atinge os fulcros morfogenéticos, como um choque extemporâneo em delicado mecanismo, desorganizando-os total ou parcialmente. Consequentemente, a encarnação seguinte do Espírito se caracterizará por graves problemas genéticos, como a síndrome de “down”, a macrocefalia, a cegueira, a loucura, deficiências motoras, vocálicas, teratologias variadas, insuficiências de vulto nos sistemas glandular endócrino, vascular etc. Sendo que, muitas vezes, são necessárias outras encarnações para sanar os efeitos deletérios da tentativa ilusória de fuga de situações sócio-morais, de profundo conteúdo educativo para quem as sofre. Ao final de tudo, recuperado das disfunções autoproduzidas, o Espírito rebelde ainda terá de passar novamente por situações semelhantes às que procurou, de forma infantil, evitar, para comprovar a si mesmo que aprendeu a respeitar a regra básica de valorização da Vida, que redunda em benefício de sua própria evolução.

O caso que vamos narrar foi publicado, resumidamente, há algum tempo, na revista Presença Espírita, mensário editado pelo Centro Espírita Caminho da Redenção, obra erguida pela dedicação e ideal de Divaldo Pereira Franco, em Salvador, Bahia. Fomos o intermediário da mensagem psicofônica, em reunião mediúnica semanal na Mansão do

Caminho, departamento de assistência à infância desamparada e às famílias carentes, do referido Centro.

Recordamos da entidade: era um homem dos seus trinta e poucos anos, de cabelos e olhos negros, porte atlético de quem praticara esportes e vivera uma vida saudável na adolescência. Trazia a cabeça varada por um tiro, que arrancara parte do parietal esquerdo, por onde se projetava algo que lembrava tecido cerebral. Sofria horrivelmente, mas, graças à ajuda dos mentores espirituais, coadjuvados pela inteligência e amor de Alamiro Galvão, o mais inspirado e dedicado doutrinador de Espíritos que tivemos oportunidade de conhecer, alcançou o alívio que implorava, sendo desprendido a dormir da ligação mediúnica.

Quase dois meses depois, durante a mesma reunião, apresentou-se-nos um Espírito, trazendo a cabeça envolta em bandagens, o qual disse ter voltado para agradecer o socorro que ali lhe fora ministrado, identificando-se como o suicida que havíamos recebido em incorporação. Em seguida, contou-nos sua história: durante a encarnação pertencera a uma família de fazendeiros da região sul da Bahia, envolvidos com a cultura do cacau. Ao tornar-se adulto, participara dos negócios da família e, após o casamento se mudara para Salvador, onde passou a dirigir o escritório que cuidava da compra e venda de cacau, além da administração de outros interesses dela. Um seu irmão mais novo veio morar com ele para, na capital, concluir o curso colegial (segundo grau) e preparar-se para o exame vestibular ao nível universitário. Certo dia, dolorosa surpresa, descobriu que a esposa e seu irmão estavam mantendo um relacionamento adulterino. O primeiro impulso fora de matar os dois, tal a raiva que o acometeu. Mas, começou a pensar na situação dos pais, já idosos, que teriam de passar por tão grande dor e vergonha, devido ao escândalo que a tragédia suscitaria. Resolveu, então, por não suportar a situação nem querer torná-la pública, se matar. O que fez com um tiro na cabeça. O sofrimento, dizia ele, fora inominável. Durante dois anos, agora tomara conhecimento do tempo passado, não sentira outra coisa que não o estampido ensurdecedor, e a bala rasgando-lhe o cérebro, numa explosão indescritível de dor. Não se lembrava de mais nada, pois ficara inteiramente fixado a essa situação dolorosa, que lhe polarizava a mente por inteiro: “Agora” - continuou ele -, “já estou me preparando para reencarnar. Como minha ex-esposa e meu irmão estão casados, e não têm filhos, vou ser o primogênito deles. Serei uma criança excepcional, com grave comprometimento cerebral, por causa dos prejuízos causados pelo meu ato infeliz. Minha ex-esposa terá de me devolver, cuidando de mim com carinho em minhas deficiências, o amor que surrupiou de forma tão traiçoeira. O casamento dos dois será prejudicado com o meu nascimento, pois o orgulho de meu irmão não suportará o choque de um filho excepcional, - com a agravante de sua consciência, cujo complexo de culpa se estimulará pelo reconhecimento inconsciente da minha presença - o que motivará problemas de relacionamento, provavelmente incontornáveis. E eu, expiarei o meu crime, me preparando para, num futuro não muito distante, voltar a enfrentar situação semelhante, num teste à minha capacidade de resistência à tentação da fuga covarde, pelo autocídio. Preciso aprender que o corpo é um instrumento que Deus nos empresta, por tempo limitado, para fins de evolução, do qual devemos cuidar com muito carinho”.

E com um sorriso triste, ele se afastou, deixando muitos elementos à meditação.

O problema básico do suicídio não é simplesmente a forma brusca com que força a separação da alma e do corpo, pois que isso também se dá nos acidentes. O que entra em jogo é todo um complexo estado psicológico, que agrava as seqüelas perispirituais do ato. É como se a mente extravasasse um “hormônio psíquico” com alto poder de corrosão, que

atingisse o corpo espiritual de fora para dentro, exacerbando os traumas superficiais por ele sofrido. Uma desorganização profunda se instala no centro de força responsável pela área atingida e, o que é mais importante, no centro de força coronário, encarregado do controle de todos os demais, bem como pelo registro das ações praticadas, que se vai instalar na consciência, criando os nódulos cármicos que gerenciarão os passos futuros do indivíduo: "...o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito...". "Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças psicossomáticas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizaste formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. **A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhe diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino**" [84] .

Existe pois, acreditamos, no ato do suicídio, dado o elevado grau de tensão e emoção psíquica que o envolve, uma desagregação dentro da própria estrutura coronal, com reflexos específicos nos mecanismos fundamentais da gênese e controle do cosmo biológico, bem como nos núcleos geradores e gerenciadores da própria consciência. Tudo isto porque, às pressões psico-emocionais da atitude, vão se juntar as resultantes da frustração de não se ter encontrado a paz almejada, com a fuga da situação incômoda, e a pressão obsessiva de Espíritos desequilibrados, cuja ação prossegue após o desencarne, em clima de pavor incontornável. Sem dúvida, estamos falando de forma geral, dado que, como na morte por vias normais, cada caso é um caso, dependendo das circunstâncias existenciais e psicológicas de cada ser. Dizíamos, por exemplo, que nem todos os suicidas passam, obrigatoriamente, pelo "Vale dos Réprobos", e a própria obra mediúnica de Yvonne o demonstra, com episódios de suicidas cujos Espíritos não se afastam do local onde o ato ocorreu. Ao que tudo indica, a médium esteve ligada àquele ambiente de purgação, em autocídio praticado numa vida anterior, ficando-lhe a recordação dos terríveis sofrimentos ali passados, indelevelmente fixados no inconsciente profundo [85] .

Nossos raciocínios não devem ser entendidos como uma negação ou minimização da existência de tal ambiente onde se congregam infelizes que atentaram contra o próprio corpo; em absoluto, temos a certeza de que não existe apenas um "Vale dos Suicidas", nas regiões espirituais vizinhas à Terra, mas vários, ligados aos diversos povos e raças de todos os locais do planeta. Apenas chamamos atenção que não se trata de uma regra absoluta, tendo qualquer suicida de passar por lugares semelhantes. Voltamos a frisar que tudo está na dependência de estruturas psicológicas específicas, que deveriam ser melhor estudadas por nós espíritas, para melhor compreensão da problemática da dor, bem como a elaboração de terapias específicas que venham ajudar entidades espirituais com problemas derivados

do suicídio, e a encarnados vivenciando situações cármicas dolorosas como conseqüência dele, efetuado em vida passada.

Este é um problema preocupante: a utilização dos conhecimentos trazidos pelos Espíritos, de modo prático, na elaboração de processos terapêuticos e preventivos, que ajudem o homem a progredir, e na melhoria das condições existenciais. Os estudiosos do psiquismo, americanos e europeus, muito mais pragmáticos do que os brasileiros, estão implementando novas técnicas para tratamento psicológico e preservação da saúde física e psíquica. Nesse meio tempo, nós que possuímos "revelações" mais amplas e detalhadas, muito pouco, quase nada mesmo, temos feito para incrementar práticas efetivas de melhoria da vida humana.

Veja-se o exemplo da Terapia de Vidas Passadas. Uma aplicação retirada pragmaticamente do conceito da reencarnação por psicólogos e psiquiatras de mente aberta, sem prejuízos limitadores.

Os Espíritos nos oferecem uma nova forma de conhecimento, que vai influenciar no progresso humano, e não pode fazê-lo apenas no aspecto - se bem que o mais importante - moral, mas em todas as áreas do conhecimento humano. E o vasto material que temos acumulado é extraordinariamente rico.

Déssemos nós um pouco mais de valor às informações trazidas por André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, Bezerra de Menezes, e outros Avatares do mesmo nível, estudando-as de forma sistemática, e aprofundando suas conseqüências com ilações e elucubrações pessoais, fundamentadas nas conquistas da ciência contemporânea - das quais não podemos nos alienar -, seríamos um foco extraordinário de diretrizes e contribuições para modificação radical da Cultura e da vida humana.

Quem se der ao trabalho de analisar a riqueza de idéias e conceitos exarados nos trabalhos do Dr. Jorge Andréa dos Santos, verificará que ele é um dos que mais têm contribuído para o progresso da Psicologia e da Psiquiatria, em nossa terra. Se o Dr. Jorge Andréa morasse nos Estados Unidos ou na Europa, seria tão famoso e considerado quanto os doutores Netherton, Edite Fiore, Gina Cerminara, Helen Wambach, e tantos outros que não têm a sua competência e cultura no campo espiritual. Infelizmente não sabemos valorizar os extraordinários e cultos confrades que temos, nem suas contribuições profundas e ricas de conseqüências, quanto mais utilizá-los em nossas clínicas, consultórios etc.

Deparamo-nos com um fato que é a repetição de clichês já visto no processo histórico de todas as religiões: geralmente, o espírita é um culto conhecedor dos conceitos espíritas, freqüenta um centro onde faz notáveis palestras, cursos etc., onde fala das contribuições da Doutrina para o engrandecimento da Humanidade, todavia, em sua área profissional, utiliza-se apenas dos conceitos e técnicas aprendidos na Universidade. Até à porta do seu gabinete ou consultório vai o conhecimento espírita, dali para dentro só passa, quando muito, a ética doutrinária, o que é um imenso progresso, mas não é tudo.

Nosso esforço no combate a atitudes perniciosas ao Espírito, como o caso do suicídio, não se deve limitar à superada "técnica do medo", de desastrosos efeitos no que se refere ao inferno, que hoje anda altamente desmoralizado. Não adianta ficar batendo na tecla dos sofrimentos exacerbados, que sabemos reais, nem da permanência junto ao cadáver em putrefação, o que às vezes acontece, é preciso elucidar com muito mais profundidade e, o que é de maior eficácia, demonstrar de forma insofismável a imortalidade pessoal, o que temos ampla condição de fazer, e trabalhar o aspecto positivo da evolução para melhor, à qual todos estamos subordinados.

Os Espíritos fazem a revivescência do Evangelho de Jesus, num alegre convite à transformação pessoal. A mundividência que seus ensinos nos transmitem é sempre positiva, combatendo os tradicionais conceitos pessimistas das religiões ortodoxas e dogmáticas Pedagogicamente seria de maior validade enfocar o lado positivo da espiritualidade, que é muito mais amplo e real. O medo como fator de educação já está completamente desmoralizado. Mais vale motivar pelo bem e pelo belo, que criam impulsos positivos e reações dinâmicas de progresso e crescimento.

Prorrogação da Existência

Discussão importante deve ser levada a efeito sobre a possibilidade do encurtamento da prorrogação do tempo da existência física.

Mas, por questão metodológica, devemos estabelecer, primeiramente, se existe um tempo determinado para cada encarnação. Os Espíritos, tratando sobre o fluido vital e a morte decorrente por exaustão dele, ensinam: "A quantidade de fluido vital se esgota; ela pode se tornar insuficiente para a manutenção da vida se não é renovada pela absorção e assimilação das substância que a captam. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que tem mais pode dar àquele que tem menos ***e, em certos casos, evocar de novo a vida prestes a se extinguir***" [87] .

Naturalmente, ao reencarnar cada ser, por algum desconhecido mecanismo, tem a capacidade de absorver e renovar uma quantidade determinada de fluido vital, disto decorre que existe um tempo probabilístico para duração de cada existência terrestre. Por que probabilístico? Simplesmente porque as condições existenciais, bem como a estrutura genética, devem interferir no gasto ou poupança da quantidade de fluido vital assimilado quando da reencarnação. Exemplificando, a pessoa que mantenha uma rotina cotidiana fisicamente desgastante, voltada para excessos de toda a ordem, naturalmente dilapidará o patrimônio vital, danificando os mecanismos fisiológicos encarregados de sua manutenção. Por via de conseqüência tenderá a sair da experiência física antecipadamente. Aqueles que, ao contrário, mantiveram uma qualidade existencial ótima, zelando pela vida orgânica com uma rotina de equilíbrio, não só preservarão o nível de vitalidade como, diz a lógica, poderá ultrapassar o limite preestabelecido ou, no mínimo, completando-o plenamente. Mas, temos de levar em conta que existem pessoas com uma estrutura genética capaz de superar até os próprios gastos inconseqüentes de energia vital, enquanto outras a possuem fragilizada, a tal ponto que vivem permanentemente sob o signo da morte precoce.

Uma forma específica de antecipação do momento da morte é, sem dúvida, o suicídio. Neste caso, o indivíduo simplesmente se recusa a cumprir o programa temporal da existência terminando-o de maneira anormal.

Outra situação é a da prorrogação da existência, também chamada de "moratória". Neste caso, o final da vida física pode ser adiado por um período variável de tempo, segundo necessidades específicas. Temos, como experiência pessoal, dois casos de prorrogação da existência física. Num deles, o nosso companheiro e amigo Carlos Bernardo Loureiro, cujos livros e artigos percorrem o mundo, estava sofrendo o terceiro enfarte consecutivo quando cheguei à clínica onde havia sido internado, na praça Dois de Julho, em Salvador. Entrei pela UTI a dentro, vendo o companheiro deitado, devidamente monitorizado pelos aparelhos e recebendo os necessários cuidados médicos. Indaguei, então, aos amigos espirituais, se ele iria desencarnar; a resposta foi: "Sim! Todavia estamos

aguardando a resposta a um pedido de moratória que foi enviado a planos mais altos". Nesse instante, fui interrompido por um dos médicos, o qual questionava minha presença indevida no recinto da UTI. Retirei-me para a sala de espera onde estavam os familiares e amigos do movimento espírita do nosso companheiro. Após uns sessenta minutos, escutei pela clariaudiência: "Foi concedida a moratória". Dei a boa notícia a todos e, até o presente momento Bernardo continua entre nós, realizando um notável serviço de socorro e amparo aos que padecem toda sorte de problemas físicos, morais e espirituais.

O outro caso é bem pessoal. Minha falecida esposa havia sido internada no hospital Jorge Valente, vítima de um AVC, estando em perigo de morte. Durante a semana, estando em casa a orar, escutei a seguinte informação: "Nossa irmã terá uma prorrogação temporária de sua existência". Alguns dia depois, Divaldo Pereira Franco, o notável médium e tribuno baiano, me telefonou, dizendo que ele, eu e minha esposa, desdobrados em sono, havíamos sido levados pelo Dr. Bezerra de Menezes a um hospital das regiões espirituais, onde fora realizada uma transfusão de fluido vital na doente, o que serviu para lhe proporcionar mais seis meses de vida, a fim de resolver alguns problemas que não podiam ficar pendentes. Após esse tempo, surgiu um novo aneurisma, motivo de um outro AVC que, após a operação, teve como conseqüência um espasmo cerebral e imediata morte clinica, a qual se consumou oito dias depois.

O Espírito de André Luiz nos conta um singular episódio de "dilatação do prazo reencarnatório", do qual retiramos o seguinte trecho: "Tudo, pois, corria bem no círculo dos trabalhos que nos foram cometidos, quando nosso mentor (o Assistente Jerônimo) foi chamado por autoridade superior de nossa colônia. Esperei impaciente o regresso dele, porque Jerônimo, em obediência às determinações recebidas, deveria partir, imediatamente, para entendimento inadiável. Recomendou-nos aguardá-lo, em serviço na Casa Transitória, acentuando que seria breve. De fato, não se demorou mais de um dia. E, ao regressar, cientificou-nos da novidade. A irmã Albina fora autorizada a permanecer na Crosta Planetária por mais tempo, razão por que a morte fora adiada "sine die". Certa rogativa influíra decisivamente no assunto. Entrara em jogo imperiosa exigência que nossa colônia examinara com a devida consideração. Em vista disso, renovara-se o programa da missão que trazíamos. Ao invés de auxílio para a liberação, a velha educadora receberia forças para se demorar na Crosta. Devíamos procurar-lhe a residência, sem perda de oportunidade, propiciando-lhe ao organismo os possíveis recursos magnéticos ao nosso alcance" [88] .

Assim, o médico encarnado narra um dos interessantes casos de auxílio do qual participou, em seus primeiros tempos de estada e aprendizagem em "Nosso Lar", uma das colônias espirituais localizada na esfera de influência da América do Sul.

O momento da morte, pois, não está definido de maneira absoluta, matemática. Ele pode ocorrer dentro de um intervalo de confiança específico. O próprio André Luiz retornou ao mundo espiritual antes do tempo, por suicídio indireto, conforme constatação médica, quando foi recolhido à cidade do plano invisível. Suas atitudes imoderadas, quando da encarnação, findaram por fazê-lo abandonar o corpo muito antes do tempo devido.

Quanto ao problema da "moratória", assim a explica o referido beletrista espiritual: "Em caminho, porém, não resisti, Pedi permissão para ouvi-lo, de maneira sumária, quanto à nova deliberação, e Jerônimo aquiesceu, esclarecendo: - A medida não deve provocar admiração. Ninguém, senão Deus, detêm poderes absolutos. Todos nós, no desenvolvimento das tarefas conferidas às nossas responsabilidades, experimentaremos limitações nos atributos ou acréscimo de deveres, segundo desígnios superiores. O futuro pode ser calculado em linhas gerais, mas não podemos prejulgar quanto ao setor da

interferência Divina. O Pai efetua a organização universal com independência ilimitada no campo da Sabedoria Infalível. Nós cooperamos com relativa liberdade na obra do mundo, sujeitos a necessária e esclarecedora interdependência, em virtude da imperfeição da nossa individualidade. Deus sabe, enquanto nós imaginamos saber. E com expressivo bom humor, prosseguiu: - Não existe, portanto, novidade propriamente dita. Aliás, é justo considerar que a morte de Albina não é suscetível de ser adiada por muito tempo. O organismo que a serve está gasto e a nova resolução destina-se apenas a remediar difícil situação, de modo a trazer benefícios para muita gente. A prece, em qualquer ocasião, melhora, corrige, eleva e santifica. Mas somente quando estabelece modificação de roteiro, igual à de hoje, é que paira, acima das circunstâncias comuns, o interesse coletivo. Ainda assim, a medida prevalecerá por reduzido tempo, isto é, apenas enquanto perdurar a causa que a motiva" [89] .

Cabe ressaltar, como foi dito, que uma prorrogação dessa espécie está subordinada a legítimos interesses coletivos, conforme assim o entendam aqueles que são responsáveis pelos nossos destinos nas Esferas espirituais que se demoram muito além de nossa capacidade de perquirir e entender.

O Destino dado aos Despojos Físicos

Muitos temos o hábito de afirmar que o cadáver dos nossos mortos são meras "roupas sem valor", não importando, portanto, o destino que sê-lhes venha a dar. Infelizmente o assunto não é tão simples assim.

Os animais irracionais não têm a menor preocupação com o cadáver dos seus iguais. Simplesmente os abandonam ao relento para que se decomponha, ou sirva de alimento para outros, quando eles mesmos não o devoram.

Quando o homem mal se diferençava dos seus irmãos da floresta, no que tange à razão, agia, sem qualquer sombra de dúvida, da mesma forma. O que veio a mudar o comportamento do primitivo foi, naturalmente, a "descoberta do Espírito", conseqüência da "primeira RM" do Pleistoceno. O corpo passou a ser entendido como instrumento da alma, merecendo, portanto, toda reverência e carinho, quando esta se liberava. Alguns grupos desenvolveram a idéia que o cadáver guardaria as virtudes do morto, surgindo assim o canibalismo ritual. A descoberta de sepulturas pré-históricas onde os crânios tinham o buraco occipital alargado, sugerem que o foram para que o cérebro fosse retirado, servindo de "alimento mágico", pelo qual se absorviam os valores e conhecimentos do defunto. Os inimigos aprisionados e mortos tinham seus corpos devorados, como ainda era costume entre os nosso índios no século XVI, pela mesma razão, adquirindo os que deles se alimentavam a bravura e coragem que houvessem demonstrado em vida.

Quando os despojos físicos começaram a ser sepultados, as formas de fazê-lo apresentam grandes variações. Alguns esqueletos mostravam sinais de que foram privados da carne previamente, pois os ossos passaram por um processo de manipulação, sendo pintados e arrumados de forma padronizada. Outros foram enterrados com os membros amarrados e, algumas vezes, de ponta cabeça, dando a entender que se procurava evitar que o morto voltasse para prejudicar os vivos.

Um grande número de sepulcros pré-históricos contêm armas e alimentos, numa clara demonstração de que o grupo social do qual o defunto fez parte tinha conhecimento de que a vida no Além tem características semelhantes à do nosso plano.

O costume de se preparar o cadáver atingiu o máximo de sofisticação no Egito, quando passou a ser embalsamado, para que o Espírito continuasse "vivo", e pudesse retornar à existência, numa ressurreição futura. Igualmente, as sepulturas egípcias guardam alimento, roupas, jóias, móveis, utensílios variados, jogos, armas, comidas figuras de barro - representando servos, para servirem ao morto. Os Citas eram mais radicais. Enterravam reis e aristocratas com seus pertences e os próprios animais e servos, os quais eram sacrificados e fixados com estacas, formando um cortejo imponente, enquanto lúgubre.

Os persas optaram por expor seus defuntos no alto de torres, para que fossem devorado pelos abutres e outras aves carnívoras. Já os hebreus preferiam sepultar os mortos, depois de lhe darem um tratamento com perfumes e ungüentos, envolvendo-os em lençóis de linho e, ao tempo de Jesus, com moedas de ínfimo valor postas sobre os olhos. O sepultamento se fazia no solo ou em sepulcros escavados nas rochas ou construídos para esse fim.

Os romanos utilizavam, indistintamente, a cremação e o sepultamento. No primeiro caso, dava-se às cinzas o destino que a família quisesse, no segundo, utilizavam-se cemitérios, às vezes subterrâneos, conhecidos como Catacumbas, ou mausoléus construídos à beira das estradas.

Muitos habitantes da Índia até hoje dão preferência, também, à incineração dos seus mortos e, no caso de algumas das várias seitas que ali medram, se o morto é casado, a mulher é obrigada a ser queimada junto com o esposo, só que, neste caso, viva. Os Chefes de Estado hindus, desde Gandhi, vêem envidando esforços para erradicar esse costume infeliz.

Nos dias atuais, coexistem diversas das formas citadas de sepultamento, inclusive das mais primitivas. No Ocidente, o sepultamento é uma forma normal de inumação, embora exista um grande número de pessoas que praticam e desejam a cremação dos defuntos, principalmente nos Estados Unidos da América.

Vejamos, à luz do que temos discutido até agora quanto à morte, quais os reflexos da maneira de sepultar o cadáver sobre o Espírito que está retornando à Pátria Espiritual.

Repercussão do Tratamento dado ao Corpo sobre o Espírito

As leis brasileiras, como de resto às vigentes no hemisfério ocidental, estabelecem que o enterro dos restos mortais só pode acontecer após a morte ser atestada por um médico, com suas causas devidamente constatadas. Se houver suspeita quanto à "normalidade" da morte, departamentos especializados da polícia, os Institutos Médicos legais em nosso caso, são chamados a se pronunciar, pelo exame fisiológico e químico do cadáver em geral, e de suas vísceras e órgão internos, em particular, para estabelecimento da "causa mortis".

Outro ponto, é que, de modo geral, fica estabelecido o mínimo de vinte e quatro horas entre o horário da morte e o sepultamento.

Como vimos mais acima, o Espírito não se desliga imediatamente do corpo, mas sofre um processo de separação lenta e gradual dos liames energéticos que unem o perispírito a todas as células do organismo. Daí, os problemas enfrentados pelo moribundo no período do "velório", pela irresponsabilidade, fruto da ignorância, de parentes e amigos.

Por não saber o que significa a morte, a maioria dos que estão em "processo de morte" imaginam estar sendo vítima de terrível pesadelo. Isto já foi bastante ilustrado em

casos citados acima. Aferram-se ao desejo de retomar o corpo a todo transe, aumentando o mal-estar que já estão sofrendo, dificultando o desligamento dos laços fluídicos que os vinculam aos despojos. Por causa disto, bem como, pela percepção do que acontece no ambiente, as manipulações impostas ao corpo são "sentidas" como se ainda estivessem encarnados.

Nas situações em que o defunto é levado a passar por autópsia, imagine-se o horror e o sofrimento por ver o corpo ser retalhado de todas as formas, enquanto o Espírito se sente vivo, imaginando estar sendo vítima de um terrível engano. A "certeza ilusória" de que o corpo é o verdadeiro "eu", expresso até na forma de falar: "Eu tenho uma alma", é responsável por situações como esta. Quanto mais introjetado o sentimento errôneo de que é o corpo, maior dificuldade tem a alma em processo de morte de reconhecer sua situação real.

As colocações acima nos levam a tecer algumas considerações a respeito dos transplantes. A doação de órgãos são feitas por vontade expressa do indivíduo antes de morrer, ou após sua morte, pelos parentes mais próximos. O ato de doar o cadáver para que suas partes possam ser utilizadas por outras pessoas, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, ou prolongá-la, é, sem qualquer sombra de dúvida, uma atitude de desprendimento. Todavia, se a doação parte do suposto de que "morreu, acabou", pode se transformar em fonte de sofrimento para o doador. Como no caso da autópsia, o Espírito despreparado face à realidade imortalista, vê-se, repentinamente, sendo cortado, e seus órgãos retirados, para serem implantados em outrem. Como a retirada é feita quando se dá a "morte clínica", a separação entre corpo e perispírito não aconteceu, ainda, em plenitude, e o Espírito em estado de ignorância começa a imaginar que o estão "matando" e vive os horrores de ser "retalhado em vida", numa tortura inominável. O argumento de que o "ato caridoso da doação" faz com que o doador receba um tratamento especial dos Espíritos Superiores, para que não venha a passar pelos sofrimentos expostos, é altamente relativo. O problema não é de "boa intenção", mas da estrutura psicológica e condição moral do doador. Vimos que Otília Gonçalves, apesar de espírita praticante, não pôde ser atendida pela mentora espiritual, enquanto não ofereceu condições psíquicas para tanto. E se muito sofreu por se sentir "enterrada viva", qual não seria o seu horror e angústia se, além disso, houvesse sofrido um "retalhamento em vida". Imagine-se agora alguém que esteja bem distante das praticas espiritualizantes... Portanto, que cada um medite bastante no que vai fazer, quando se predispuser a doar seus órgãos e, principalmente, os que não lhe pertencem...

Atualmente, no Brasil, cresce o número daqueles que preferem, quando da morte, a cremação. Emmanuel, com seu costumeiro bom senso, aconselha que se espere um mínimo de setenta e duas horas para que a queima do cadáver seja efetivada. Naturalmente, o sábio mentor deve se basear em alguma estatística levantada pelos órgãos competentes de sua moradia espiritual. Esses estudos devem indicar que a média dos moribundos consegue se libertar do corpo nesse período de tempo. Isto, porém, não significa que a totalidade siga esse padrão. Os que não se enquadrem na categoria, como por exemplo os que morrem em desastre ou por suicídio, sofrerão as agruras de se sentirem queimados vivos, situação terrível, que poderia ter sido evitada.

O enterro comum também é motivo de inúmeros problemas, todavia, faculta que os Espíritos tenham um tempo normal para que os laços perispirituais se desatem de forma natural.

Mas, a ajuda mais eficaz que uma pessoa em estado terminal poderá receber, seja qual seja o destino que sê-lhe dê ao cadáver, é a do esclarecimento sobre o significado do "morrer", e durante o seu desenrolar envolvê-lo em vibrações de prece e amor, o que permitirá aos Espíritos bons encontrarem facilidade para socorre-lo e ampara-lo.

4. Os Animais e a Morte

Abordando o problema da morte entre os animais, devemos primeiramente estabelecer a existência de alma nesses seres, que Descartes pensava serem simples máquinas de carne.

Eis o que ensinam os Espíritos [90] : "Foi dito que a alma do homem, na sua origem, é o estado da infância na vida corporal, quando sua inteligência eclode apenas, e quando ela se ensaia para a vida; onde o Espírito cumpre esta primeira fase? *Numa série de existências que precedem o período que chamais de humanidade.*

A alma parece, dessa forma, haver sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação? *Não já havemos dito que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer todos, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e se ensaia para a vida, como já o dissemos. É, de qualquer sorte, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida à qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com ele a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e da responsabilidade dos seus atos: como após o período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e enfim a idade madura. Não existe nada, de resto, nesta origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentir-se-ão humilhados por haverem sido fetos informes no seio de suas mães? Se alguma coisa os deve humilhar é a inferioridade deles diante de Deus, e a impotência de sondar a profundidade dos seus desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do universo. Reconhecei a grandeza de Deus nesta admirável harmonia que faz com que tudo seja solidário na natureza. Crer que Deus possa ter feito qualquer coisa sem finalidade e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar de sua bondade que se estende sobre todas as sua criaturas*".

Essa resposta nos mostra qual a posição dos Espíritos Codificadores a respeito do problema. Não só os animais têm alma, como essa alma é a mesma que, no homem, atinge a consciência de si mesma, por um processo natural e gradual de evolução. Todavia, existem fatos experimentais que suportem tal afirmação? É o que veremos a seguir.

Em 1883, o Dr. Adolphe D'Assier, faz as seguintes observações sobre o assunto: "Lá pelo fim do ano de 1869, achando-me em Bordaux, encontrei um amigo, pela tarde, o qual estava indo a uma sessão magnética, e convidou-me para acompanhá-lo. Aceitei o convite, desejando ver magnetismo bem de perto, o qual já conhecia apenas de nome... Uma pessoa jovem, a qual parecia bastante lúcida, exercia a parte de sonâmbula, e respondia questões que lhe eram colocadas. Fui, entretanto, surpreendido por uma circunstância inesperada. Pelo meio da tarde, uma das pessoas presentes, tendo percebido uma aranha pelo chão, esmagou-a com o pé. "Ah!" exclamou a sonâmbula no mesmo instante, "Vejo o espírito da aranha escapando". Na linguagem dos médiuns, como sabemos, a palavra espírito designa aquilo que eu tenho chamado de fantasma póstumo, "Qual é a forma desse espírito?" Perguntou o magnetizador. "Ele tem a forma da aranha", replicou a dormente" [91] .

Se é assim, como fica a teoria da "alma grupo" dos animais e insetos? O que vamos narrar mais adiante demonstra que animais superiores mantêm-se com a mesma forma depois da morte.

Após uma série de fatos, que estabelecem a existência de uma forma espiritual em animais, o autor conclui: "...Disse já o bastante para estabelecer a existência da personalidade 'fluidforme' dos animais, e demonstrar que a humanidade post-sepulcral, não é mais do que um caso particular, de uma lei mais geral - aquela da animalidade póstuma" [92] .

Mas continua, explorando uma outra questão: a da continuidade espiritual das plantas e dos minerais, utilizando-se de provas indiretas, porque as diretas são mais difíceis nesses dois últimos reinos, tanto das experiências de magnetizadores quanto de médiuns videntes, termina por concluir que eles também possuem duplo espiritual, o qual permanece existindo após o desaparecimento da forma física à qual estava ligado.

Ernesto Bozzano, de quem já utilizamos várias narrações, nos transmite o seguinte episódio: "Em 1883 achávamo-nos alojados no *Hotel des Anglais,* em Menton. Havia deixado na minha casa, em Norfolk, um cãozinho fox-terrier amarelo-preto chamado Judy, meu grande favorito, e o confiara aos cuidados de nosso jardineiro. Certo dia, quando me achava sentada à mesa do hotel, percebi de repente que o meu cãozinho atravessava a sala e, sem refletir, gritei: 'Como é que você está aqui, Judy?'. Não havia, entretanto, nenhum cão no lugar. Breve estava na casa de minha filha, que se achava acamada e sofrendo, e lhe contei o caso. Alguns dias após recebi uma carta na qual me era narrado que Judy, depois de ter saído de manhã com o jardineiro para fazer o seu passeio habitual e, não estando muito bem, fora atingido por um mal súbito, pela hora do almoço, e morrera em meia hora. Bastante tempo decorreu para eu me capacitar de que o vira no instante mesmo em que expirava" [93] .

Esse é um dos muitos casos estudados pelo pesquisador italiano, cujo conjunto estabelece, de forma taxativa, pela convergência de provas, a manutenção da individualidade dos animais quando a vida orgânica se acaba.

O médium psicômetra Alfred Vout Peters fez o seguinte comentário na revista Light, em 1907: "Recordo-me de que, nas sessões com a Sra. Corner (a médium, então solteira, Florence Cook), obteve-se a materialização de um macaco, com grande terror da médium, que não esperava semelhante manifestação" [94] .

Vejamos outra descrição do mesmo tipo: "Nas sessões com o Cel. M. (1875-1877), assistidas por diferentes notabilidades científicas do Exército, a médium era a filha adotiva do próprio coronel. Um fenômeno que, sobretudo, me despertou a atenção, no decurso de uma série de experiências, e que eu registro para aqueles que estão bem iniciados nesses estudos, foi a materialização perfeita de um cãozinho, morto há alguns anos e que pertencia ao coronel" [95] .

Note-se que o cão tinha morrido há muitos anos. Igual ao caso abaixo, encontrado na ata das sessões de Cambridge, Inglaterra, realizadas em 1914 e publicado em Light desse ano: "Durante a primeira sessão realizada em Wimbledon, a minha esposa sentiu uma pressão característica sobre um seu pé, mas não soube precisar do que se tratava... De repente, fomos surpreendidos com o latir de um cão e então perguntamos ao Espírito-guia 'Dr Sharp' o que nos poderia dizer a respeito desses latidos e ele respondeu: 'Está aqui um cão fraldiqueiro que pertencia à vossa esposa'. Com efeito, vários anos antes havíamos perdido um fraldiqueiro ao qual éramos muito afeiçoados e que já havia sido visto conosco, em outras sessões, por médiuns clarividentes. Inútil é acrescentar que o médium não podia saber disso" [96] .

Aqui temos um cão que acompanha os donos, em forma espiritual, durante anos, tendo sido detectado por vários médiuns, e que se materializa, comprovando sua persistência no Além. Citemos mais um episódio corroborador dessa tese, publicado em Light de 1921, devido ao Sr. A. J. Wood: "Levei à sessão um dos meus amigos, acompanhado de sua esposa. A Sra. Wriedt descreveu, com muita precisão, um cão da raça collie que ela percebia ao lado desses meus amigos. Num dado momento, dirigindo-se à esposa, o médium disse: 'Ele pousou a cabeça em cima dos vossos joelhos'. No mesmo instante, ouvimos partir desse canto um latido forte e alegre. Ora, com efeito, os meus amigos haviam possuído um cão collie, grande favorito deles, que morrera vários anos antes e cuja descrição correspondia exatamente à descrita pelo médium"[97].

Como estamos diante de fatos, não cabe muita discussão a respeito da permanência e durabilidade da alma dos animais, no mundo espiritual. Bozzano faz os seguintes raciocínios sobre o problema: "Na base dos fatos recolhidos, deve-se, pois, afirmar, sem medo de errar, que o veredicto da futura ciência não pode ser senão favorável à existência, na subconsciência animal, das mesmas faculdades supranormais que encontramos na subconsciência humana e, como o fato da existência latente, na subconsciência humana, de faculdades supranormais, independentes da lei de evolução biológica, constitui a melhor prova em favor da existência, no homem, de um espírito independente do organismo corporal e, por conseguinte, sobrevivente à morte desse organismo, é racional e inevitável inferir-se, daí, já que na subconsciência animal são encontradas as mesmas faculdades supranormais, que a psique animal está destinada a sobreviver, ela também, à morte do corpo". "Nada de inconseqüente nesta teoria pela qual o destino dos animais é igualado ao dos homens, porém a inconseqüência existe, ao contrário, entre os profitentes de diferentes confissões religiosas, como entre uma parte dos adeptos das doutrinas espíritas, que supõem, por sua vez, que o espírito dos animais é muito imperfeitamente organizado para sobreviver à morte do corpo e que, por conseqüência, ele se dissolve nos seus elementos constitutivos, dissolvendo-se praticamente no nada, precisamente como o afirmam os materialistas. Quero observar, primeiramente, que estas teorias são muito perigosas para a doutrina da sobrevivência espiritual humana, pois que nos levam a admitir que uma simples diferença de grau na evolução do espírito basta para decidir do seu destino, às vezes caduco sem nenhuma falta, outras vezes imortal sem a sombra do mérito". "Devemos considerar que os nossos primeiros ancestrais, bem pouco evoluídos acima dos antropóides, e certos selvagens de nossos tempos, dos quais podemos dizer outro tanto, são bastante evoluídos espiritualmente para merecer o dom da imortalidade, enquanto que um generoso representante da raça animal, que perde a vida tentando salvar uma criança que se afoga, ou um que morre de dor sobre o túmulo de seu dono, deverá morrer para sempre, sem ter ultrapassado essa pretensa barreira dos imortais? Uma diferença de grau na evolução espiritual dos seres não implica de modo algum uma diferença quantitativa, mas unicamente qualitativa, e esta não pode representar senão uma etapa mais ou menos avançada na via da evolução anímica"[98].

A argumentação de Bozzano é irreplicável. Assim como nós, os animais sobrevivem à crise da morte, permanecendo no plano espiritual por tempo variável, provavelmente de acordo com o nível evolutivo alcançado. Da mesma forma que nós outros, voltam à vida física, reencarnando em outros corpos animais da mesma espécie, durante o tempo preciso para fixação das características necessárias á evolução para outras espécies, organicamente mais evoluídas.

Em nosso estudo, todavia, nos chama a atenção a continuidade do afeto do animal pelos seus donos, na vida espiritual, ao ponto de acompanhá-los, por anos consecutivos, mostrando-se em variados fenômenos mediúnicos. Existe, pois, uma grande probabilidade de encontrarmos, quando da nossa chegada ao mundo dos Espíritos, nossos animais mais queridos, esperando para nos demonstrarem que o afeto, a dedicação e a lealdade não são destruídos na sepultura. Isto pode ser comprovado pelas revelações mediúnicas, como a conseguida por J. Arthur Findlay: "Toda vida permanece. Os animais, do mesmo modo que os seres humanos, sobrevivem à morte, entrando cada um no estado que harmonicamente corresponde às suas vibrações. A afeição que um animal tenha a um indivíduo pode reuni-los novamente depois da morte" [99] .

Agora a comunicação em que Feda, Guia de Mrs. Leonard, relata a presença espiritual do filho de Sir Oliver Lodge, morto em ação, na primeira Grande Guerra: "Ele trouxe outra vez aquele cachorro, lindo cachorro. Um cachorro que faz assim (Feda imita movimentos de cão). Conseguiu uma bela cauda, não um toquinho; uma cauda com pelos. Senta-se assim, às vezes, e deita-se, e põe a língua. Tigres e leões ele não viu ainda, mas vê cavalos, cães, gatos e aves. Diz que o senhor conhece o cachorro. Que pelo ondulado! Está agora pulando por aqui, Não tem o focinho longo, mas não parece "pug-dog". Ao contrário, é comprido. Orelhas caídas, peludas. Cor escura, parece-me" [100] .

Poderíamos relacionar vários outros exemplos, retirados de mensagens mediúnicas, por médiuns vários, que coincidem perfeitamente com as amostras apresentadas, o que enquadra o assunto da sobrevivência dos animais superiores, e dos afetos pelos seus donos, como uma realidade, de acordo com o princípio do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, conforme estabelecido por Allan Kardec.

O Espírito André Luiz, em sua notável coletânea de livros, psicografados por Francisco Cândido Xavier, refere-se a animais no mundo espiritual, tanto os que são próprios dali, como os sobreviventes à morte: "Das janelas largas, observava, curioso, o movimento do parque. Extremamente surpreendido, identificava animais domésticos, entre as árvores frondosas, enfileiradas ao fundo" [101] . "De repente, ouvi o ladrar de cães, a grande distância. - Que é isso? - interroguei, assombrado. - Os cães - disse Narcisa - são auxiliares preciosos nas regiões obscuras do Umbral, onde não estacionam somente homens desencarnados, mas também verdadeiros monstros, que não cabe agora descrever" [102] .

Da mesma forma, Espíritos se comunicando através da extraordinária médium Yvonne A. Pereira, citam animais terrestres, continuando sua existência no mundo espiritual, tais como cavalos [103] .

Os relatos de comunicações espirituais via Transcomunicação Instrumental, processo mediúnico que permite a ação espiritual sobre aparelhos eletrônicos, se referem à sobrevivência da alma animal. A entidade Swejen Salter, comunicando-se com o casal Harsch-Fischbah, após uma série de informações sobre o "planeta espiritual", em que se encontra, diz, entre outras coisas: "Também os animais continuam vivendo aqui depois da sua morte. Nada lhes falta, e pessoas amantes de animais cuidam e tratam deles com todo o carinho" [104] .

As "transfotos", via 'videocom' ou 'scanner', mostram cenas em que aparecem os "Espíritos" de gatos, cavalos e cães.

É, pois, um vasto acervo de "Coincidência de Provas", que facilmente se pode estabelecer, num cruzamento de mensagens espirituais de várias épocas, lugares e médiuns.

Corroboramos, assim, Bozzano, dizendo que é impossível negar que o princípio espiritual dos animais, da mesma forma que o Espírito Humano, mantém sua integridade no Além.

5. O Plano Espiritual

Introdução

O que se encontra logo ao chegar, após a crise da morte, no Além?

Os Egípcios possuíam um descrição pormenorizada, no Livro dos Mortos, de que a alma encontraria obstáculos e perigos, ensinando como evitá-los, até chegar ao tribunal conduzido por Anúbis, onde o seu coração seria pesado numa balança e, dependendo do resultado, poderia ir para um lugar paradisíaco, para um lugar de sofrimento, ou ainda voltar à Terra, inclusive em corpos de animais. As descrições falam de lugares nevoentos, pantanosos, cheios de árvores torturadas e de animais perigosos, no Mundo Inferior, onde primeiro transitam, antes de chegarem à região da Verdade.

Os antigos gregos falavam de um rio, o Estiges, onde se encontrava um barqueiro, Caronte, o qual conduzia as almas ao Hades, para o julgamento necessário. Por isso, era imprescindível enterrar o cadáver com uma moeda de mínimo valor na boca, a fim de que a passagem pudesse ser paga. Existe referência a uma ilha dos Bem-aventurados, para onde iriam as almas que praticaram virtudes durante a existência. Platão, como já visto, na República, fala de um fenômeno de quase morte, pelo qual teria passado Er, o qual descreve o mundo espiritual como um local bem parecido com a Terra.

Os hindus possuem descrições do Além, como dividido em regiões de sofrimento e de felicidade. As primeiras existiriam desde as entranhas da terra, bem como na região espiritual que se mistura, em outra dimensão, com a humanidade. Os segundos, em planetas Astrais, habitáculo de divindades específicas. Dessas localidades voltariam os Espíritos à reencarnação, para se libertarem da ilusão de Maya, única forma de encontrarem a felicidade perfeita, pois significará a integração definitiva em Brahman.

Os povos primitivos crêem num mundo espiritual, semelhante à terra, onde continuam seus hábitos e costumes, sem as dificuldades inerentes à vida humana. É assim que os esquimós defendem que o Além é um local coberto de gelo, onde há abundância de focas e baleias. Índios norte-americanos esperavam ir para "os eternos campos de caça", onde poderiam continuar suas aventuras guerreira e cinegéticas.

Os Hebreus, todavia, não tinham uma concepção clara sobre a vida após a sepultura. Para eles, Deus castigava ou premiava ainda nesta vida. Depois da morte, as almas iam para o Sheol, que era uma espécie de limbo, o qual também recebia o nome de "Vale da sombra da morte". No tempo de Jesus, todavia, já se tinha desenvolvido uma idéia do Além. Os fariseus ensinavam que, após a morte, a alma dos maus sofriam o merecido castigo, enquanto os bons volviam à vida, num outro corpo. Foi por isso que o Mestre se admirou que Nicodemos, como fariseu que era, não entendesse quando lhe falou sobre a necessidade de nascer de novo. Baseado nas colocações metafóricas do Cristo sobre o fogo consciencial que castiga os maus no outro mundo, e nas benesses da consciência em paz que acompanha os virtuosos, os cristão elaboraram um mundo espiritual definido entre um local de castigos eternos, em fogo e enxofre - morada dos anjos rebeldes, liderados por Satanás -, e o céu de eterna bem-aventurança, prêmio para os que vivessem de acordo com os rituais e sacramentos, por eles inventados. A exceção é Origens, o grande Mestre da Escola de Alexandria, o qual desenvolveu uma teoria sobre a preexistência da alma, desenvolvida em sua obra "Peri Archôn" e transcrita em grande parte na "Filocalia": "Da

mesma maneira que existe um Israel espiritual, também é preciso crer em uma Jerusalém celeste, de resto atestada por São Paulo, tendo em volta dela um território e cidades ‘espirituais’. Ampliando-se ainda, poder-se-á falar de outros países no sentido espiritual: Egito, Babilônia, Tiro, etc. E essas cidades são povoadas de habitantes portando seus nomes, no sentido espiritual”. “Os lugares deste mundo, foram obtidos pelos seres do alto, desde que desceram para o Hades deste mundo, em função dos seus atos”. “Os povos daqui de baixo correspondem às sortes diferentes obtidas pelas almas, ao descerem de uma vida mais alta, e repartida segundo um julgamento”. “...como aqueles que morrem da morte comum à vida daqui de baixo são tratados, após os atos que cometeram aqui, uma vez que são considerados bons para o país que chamam Hades, de maneira a obter lugares diferentes e determinados em proporção a suas faltas, igual àqueles que morreram, se eu posso dizer, de lá do alto descem em direção ao Hades daqui de baixo, merecendo os habitáculos diferentes do lugar terrestre, ou bons ou maus, e dos ancestrais de tal ou tal sorte”. “...também pode acontecer que um dia um israelita caia entre os citas e que um egípcio desça na Judéia” [105] .

Os muçulmanos, realizando o sincretismo entre o Judaísmo, o Cristianismo e suas crenças tribais, idealizaram um inferno de dores e castigos eternais, ao lado de um céu onde as Huris proporcionariam prazeres físicos e espirituais aos praticantes dos preceitos do Alcorão.

Todas as concepções existentes sobre o Além, todavia, têm algo em comum: primeiramente que o mundo espiritual existe, seja como for que as crenças o retratem. Depois, que nele se encontram duas situações distintas: uma de sofrimento e outra de gozos e alegrias. O detalhamento dessas situações, contudo, só veio após o início das modernas pesquisas sobre o mundo espiritual, que os fatos mediúnicos apresentaram.

O Mundo Espiritual Segundo as Mensagens Mediúnicas

No Período Inicial

Desde as primeiras comunicações espirituais através dos médiuns pioneiros, é noticiada a existência de uma região invisível, envolvendo e penetrando o nosso planeta, onde os Espíritos passam a viver, depois de se desligarem do corpo físico.

Na verdade, podemos rastrear tais informes em revelações anteriores às irmãs Fox: “O mundo dos espíritos não é nem o Céu nem o Inferno, mas um lugar e um estado intermediário entre um e outro; para lá o homem é enviado após a morte. Em seguida, depois de lá passar algum tempo, ele é elevado ao Céu ou conduzido ao inferno, conforme a vida que levou na Terra. Portanto o mundo dos Espíritos não é apenas um lugar, mas também o estado intermediário do homem após a morte”. “No mundo dos espíritos podem-se ver multidões de homens; porque todos primeiro vão para lá, onde são examinados e preparados. O tempo que aí permanecerem não é fixo; alguns, logo após chegarem, são elevados ao Céu ou rebaixados ao Inferno; outros esperam algumas semanas, ou mesmo vários anos, porém não mais de trinta anos” [106] .

Swedenborg extraiu de suas visões, um conceito de que o céu e o inferno são realidades existentes, mas transformou o purgatório em o mundo dos Espíritos. E, nesse mundo dos Espíritos: “...todos aqueles que eram amigos ou se conheciam na Terra, novamente se encontram e conversam entre si, o quanto queiram, principalmente esposas e

maridos, e também irmãos e irmãs. Vi um pai conversando com seus seis filhos após havê-los reconhecido, e muitos outros tratavam com parentes e amigos; porém, como possuíssem mentalidades diferentes em razão da experiência que traziam da Terra, eles se separaram algum tempo depois" [107] .

O estado intermediário entre o céu e o inferno fica estabelecido de forma física, pela geografia do lugar: "O mundo dos espíritos, enquanto estado intermediário entre o Céu e o Inferno, é também, como se pode inferir, um lugar intermediário, tendo abaixo o Inferno e acima o Céu. O inferno está fechado ao mundo dos espíritos; contudo, buracos e fendas lhe servem de abertura e também enormes abismos, que são guardados para que ninguém saia sem permissão, o que apenas acontece em caso de extrema necessidade. O Céu também está fechado ao mundo dos espíritos, mas um caminho estreito permite que se ascenda até uma pequena entrada constantemente guardada. Essas são as saídas e as entradas que a Palavra Sagrada denomina portas do Inferno e do céu. O mundo dos espíritos tem o aspecto de um vale entre montanhas e rochas, onde se percebem alguns declives e elevações" [108] .

O que ressalta das descrições é o caráter de similitude com paisagens terrenas: "Eles (os espíritos maus) se ocultam em cavernas escuras e em buracos nas rochas, porque amaram a falsidade e odiaram a verdade. Tais cavernas e os buracos negros correspondem à falsidade, assim como a luz corresponde à verdade. Os maus espíritos sentem prazer em habitar esses lugares, mas sentem-se desconfortáveis num campo aberto à luz do sol". "Os espíritos que foram sordidamente avaros moram em cavernas e amam as imundícies dos porcos e também os vapores nidorosos, como aqueles que privem de má digestão". "Os espíritos que sentiram prazer no adultério vivem, na outra vida, em lugares de prostituição onde tudo é sujo e desagradável". "Os espíritos que amaram a Divina Verdade e a Palavra Sagrada...habitam na outra vida em lugares altos e iluminados, que são como montanhas, e permanecem todo o tempo sob a luz do Céu. Eles desconhecem as trevas noturnas e respiram um ar que é sempre primaveril. A perder de vista, estendem-se campos, colheitas e vinhas. Em suas casas tudo brilha com o esplendor das pedras preciosas e as janelas são de puro cristal". "Quanto aos espíritos que amaram as ciências e cultivaram a razão, adquirindo assim inteligência e capacidade de reconhecer o Divino... Eles habitam jardins onde se vêem canteiros de flores e de verdura agradavelmente arranjados, que estão circundados por árvores que se sucedem formando arcos e aléias; as árvores e as flores variam a cada dia". "Os espíritos que tudo atribuíram ao Divino... Os objetos que esses espíritos possuem em casa brilham como diamante. As paredes de suas residências são como de cristal, em conseqüência, translúcidas ou quase fluídicas, e perpetuamente variáveis, como sucede às outras coisas celestes" [109] .

Como podemos ver, o Leonardo Da Vinci sueco relatava ter visto, em seus desdobramentos, campos, casas, objetos, montanhas, cavernas e pântanos. Uma descrição do plano espiritual que guarda semelhanças com o ambiente terreno. E assinala que se trata de um estado intermediário, passageiro, onde vivem os espíritos recém falecidos.

Comentando sobre as visões de Swedenborg, assim se expressa Conan Doyle: "Nessas esferas verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes". "Havia o casamento sob a forma de união espiritual no mundo próximo, onde um homem e uma mulher constituíam uma unidade completa". "Não havia detalhes insignificantes para a sua observação no mundo espiritual. Fala de arquitetura, do artesanato, das flores, dos frutos, dos bordados, da arte, da música, da

literatura, da ciência, das escolas, dos museus, das academias, das bibliotecas e dos esportes”[110].

Do mesmo modo, Andrew Jackson Davis, que afirmava ter como mentor o Espírito de Swedenborg, falava da vida Além-túmulo, como guardando similaridades com a Terra: “Viu uma vida semelhante à da Terra, uma vida que pode ser chamada semi-material, com prazeres e objetivos adequados à nossa natureza, que de modo algum se havia transformado pela morte. Viu estudo para os estudiosos, tarefas geniais para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da Natureza, repouso para os cansados”[111].

Um fato interessante a se notar nas revelações mediúnicas de Davis foi, em março de 1846, a descrição precisa que fez de um oitavo planeta, Netuno, que veio a ser descoberto pelos astrônomos Leverrier, Adams e Galle em setembro desse mesmo ano.

Alan Gauld faz um resumo das descrições dadas por Espíritos sobre a vida após a morte: “O outro mundo é, supostamente, dividido em um número de “esferas’ - usualmente é dito que existem seis delas, fazendo sete esferas ao todo, se a Terra é contada como a primeira. Quando uma pessoa morre, é trasladada, ou atraída, para a esfera com a qual tem afinidade moral. Não existe o Inferno, como tal; mas uma pessoa de vida debochada encontrar-se-á a si mesma, automaticamente, atraída para a segunda, ou mais baixa esfera, onde outras de sua espécie chafurdam em degradação e miséria. Os Espíritos mais elevados gravitam para as mais altas esferas. O cenário, nessas esferas lembra a Terra, porém de inigualável beleza. A localização das esferas foi matéria de alguma disputa. As esferas espirituais de Andrew Jackson Davis, em Principles of Nature, estendem-se através, e verdadeiramente formam, o Universo como um todo. Os Espiritualistas, mais comumente, concebem as esferas como simplesmente envolvendo a Terra, uma sobre a outra. Gridley diz que o limite da esfera mais superior está cerca a de 30.000 milhas sobre a superfície da Terra; os Espíritos amigos de Hare dão a distância como de 120 milhas. Todos os Espíritos, exceto os de mais baixa espécie, são geralmente retratados como engajados em ocupações de nobre ou desinteressada sorte; guiando os que estão ainda na Terra, ou aqueles afogados na degradação da segunda esfera; em estudos, em cantos, ou em discursos edificantes. A nota principal é o progresso. Cada Espírito, de qualquer grau, pode, e em última análise deseja, progredir para as esferas mais elevadas. É dever dos Espíritos elevados assistir aos menos adiantados, conforme possam”[112].

Em nosso livro “Mediunidade: uma perspectiva histórica” citamos que as mensagens primitivas, de forma geral, diziam que o Espírito permanece com um corpo semelhante ao que tinha, quando na Terra. Em disto relatavam haver a persistência da divisão sexual. Isto levava à convivência entre os dois sexos prosseguirem, com a manutenção dos laços afetivos, bem como o estabelecimento de compromissos, no mundo espiritual propriamente dito. Daí o namoro e o casamento.

No Período das Pesquisas e Sistematização

Quando surgiu o Livro dos Espíritos, fruto das pesquisas de Allan Kardec, guiado pelo Espírito da Verdade e sua equipe espiritual, desenhou-se uma descrição coerente do mundo invisível, que aprofundava e esclarecia muito do que se dissera antes. O ponto fundamental foi a modificação do conceito tradicional de Céu e inferno como lugares permanentes de gozo e sofrimento, depois da morte, e a afirmação da existência de ambientes espirituais, criados por afinidade eletiva entre os Espíritos, onde há satisfação ou

carência, alegria ou tristeza, prazer ou sofrimento, de acordo com o conteúdo consciencial levado do Orbe, fruto das ações de cada um, durante a vida física: “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, quer dizer, dos Espíritos. O mundo espírita é normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo”. “À sua reentrada no mundo dos espíritos, a alma ai reencontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores lhe voltam à memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que ela fez”. “Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; eles estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, nos vêem e nos acotovelam sem cessar; é toda uma população invisível que se agita à nossa volta”[113].

Essas passagens se encontram na “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, no resumo que Allan Kardec faz dos ensinos espíritas, para discutir as teorias que se lhe opunham, como ainda o fazem. No corpo de O Livro dos Espíritos encontram-se as seguintes revelações sobre o Espírito e o mundo espiritual:

a) que existem duas aplicações para o termo Espírito:

1) Princípio Inteligente da Natureza, ou seja, o núcleo fundamental do ser, criado por Deus à sua imagem e semelhança; e

2) a alma após o desligamento do corpo físico, portando seu perispírito, ou corpo espiritual, com o qual pode viver no plano espiritual, bem como produzir os fenômenos psíquicos e mediúnicos que a pesquisa estuda e comprova.

b) O mundo espiritual é preexistente e sobrevivente ao mundo material, podendo, teoricamente, o mundo físico nunca haver existido, sem que isso afetasse a essência daquele.

c) Os Espíritos se agrupam, no mundo espiritual, de acordo com suas afinidades, formando os bons sociedades felizes, e os maus, infelizes.

d) Existem regiões espirituais escalonadas em graus, segundo o tipo de Espírito que as habitam.

e) Os Espíritos bons podem percorrer os espaços infinitos, com a rapidez do pensamento, e contemplar as belezas cósmicas.

f) Os mundos existentes nas diversas galáxias são habitados por Espíritos encarnados ou desencarnados.

g) Nos mundos em fase geológica primária, encontram-se Espíritos que se preparam para a reencarnação, no intervalo entre as existências, esses são chamados de mundos transitórios.

h) Nos diversos mundos se dão reencarnações dos Espíritos, em diversos graus de evolução, havendo, assim, mundos primitivos, inferiores ao estágio da Terra, e mundos superiores, onde vivem os Espíritos que já atingiram elevado ‘status’ moral.

i) Existe uma Lei de Solidariedade entre os mundos habitados, segundo a qual os Espíritos podem se transferir de um mundo para outro, de acordo com necessidades específicas de evolução ou no cumprimento de determinadas missões.

Nas obras básicas do Espiritismo não se encontram descrições da vida espiritual como as de Swedenborg ou Davis, nem como as atuais dos Espíritos que se comunicam por Francisco Cândido Xavier, Yvonne Pereira, José Alberto Lima Medrado, ou demais médiuns brasileiros. Da mesma forma, Léon Denis não desce a detalhes sobre o assunto. Os Espíritos se limitaram a referências vagas sobre a vida cotidiana “post-mortem”, centrando suas revelações sobre a possibilidade dos Espíritos percorrerem, viverem e encarnarem em outros mundos. Em momento algum falam de cidades, aspectos “geográficos”, flora ou

fauna no plano espiritual. Todavia, se encontram descrições superficiais sobre tais aspectos em outros Orbes planetários. Em contraposição os comunicantes invisíveis dos países anglo-saxãos seguem a linha de Andrew Jackson Davis e Swedenborg, descrevendo um mundo que é uma versão ampliada e melhorada do nosso.

Como podemos entender semelhante situação? Possivelmente não quisessem levantar problemas inoportunos, deixando isto para o desenvolvimento e aprofundamento dos ensinos espíritas, como de fato vem acontecendo.

No Período da Expansão das Comunicações

J. Arthur Findlay resume as revelações sobre o mundo espiritual, que obteve, principalmente, através da mediunidade de John C. Sloan: "Antes de tudo, disseram-me que o Universo todo é feito de matéria em vários graus de densidade e de atividade vibratória; que ela enche por completo o espaço, em todo o qual há vida nos mais variados graus de desenvolvimento. O que aqui no nosso mundo sentimos é a matéria a vibrar dentro de determinados limites. Envolvendo a Terra, interpenetrando-a, ligado a ela e com ela a mover-se, há outro mundo, de substância etérea, em estado mais alto de vibração. Por conseguinte não o percebe nossos sentidos. Em o nosso mundo físico, o corpo real, ou duradouro, é um corpo etéreo ou espiritual que, no momento da concepção, entra a cobrir-se de matéria física, cuja vibração é lenta, ou, por outras palavras, se reveste dessa matéria. O corpo etéreo é o arcabouço a que se liga a matéria física, e compõe-se de matéria em perfeita consonância com a etérea do plano próximo, mas, enquanto estiver unida à matéria física, sofre as limitações dessa última. Pela morte, o corpo etéreo se destaca do seu envoltório físico e continua a funcionar muito naturalmente no mundo etéreo, onde tudo é tão real, com relação ao seu mundo, quanto, com relação ao nosso, o é, para nós, o que nele existe". "A muitos respeitos, o mundo etéreo se assemelha ao mundo terreno". "Nesse outro estado de consciência, os seres se encontram em ambientes mais ou menos idênticos aos em que aqui nos achamos. Crescem árvores e desabrocham flores, não sujeitas, porém, à morte, conforme a entendemos na Terra. Os vegetais não deperecem; desmaterializam-se e desaparecem das vistas. Os ambientes do mundo etéreo são, em grande parte, condicionados pelos pensamentos dos seus habitantes, de forma que, por exemplo, suas casas e modo de viver são, em larga escala, obra deles". "Todos os que estão num plano, disseram-me, podem ver e tocar as coisas que nesse plano existam". "Em geral, vivem juntos os de cada nacionalidade terrena e falam a língua que aqui usaram". "Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós, se bem a comida e a bebida sejam diferentes daquilo que por esse nome designamos" [114] .

As mensagens do Espírito de Pierre Monnier à sua mãe, já citadas, que estão eivadas de concepções tipicamente ortodoxas, trazem as seguintes informações: "Eu te tenho muito pouco falado sobre as condições da vida no Céu: elas são infinitas e difíceis de narrar, porque variam com cada espírito. As ocupações (aquelas de divertimento, como aquelas de estudo), as coisas que nos envolvem, tudo isto tendo se tornado espiritual, se desloca ou transforma por efeito do nosso pensamento". "Para nós que somos espíritos, tudo o que acontece para o espírito no espírito, tem uma existência separada e 'espiritualmente materializada'". "Vivemos nessa ambiência psíquica, e, segundo o estado de nossas almas, nós nos circundamos de 'realidades irreais', se é possível assim dizer, que

respondem a nosso grau de evolução". "As paisagens sobre a qual vos falam geralmente, as descrições dos pequenos fatos da vida em nossas esferas, podem assim se descrever diferentemente, segundo o caso: entretanto, cada um desses que vos ensinam dizem a verdade" [115].

Sir Oliver Lodge, transcreve as comunicações que teve com seu filho Raymond, morto na primeira Grande Guerra. O relato a seguir foi conseguido através da médium Mrs. Leonard, em 3 de dezembro de 1915, tendo o Espírito Feda como transmissora das palavras de Raymond: "Há homens e mulheres aqui. Não creio que se comportem em relação uns aos outros como na Terra; mas parecem ter os mesmos sentimentos, embora expressáveis de maneira diversa. Não parece haver crianças nascidas cá. As criaturas são enviadas ao plano terrestres para terem filhos; não os tem neste". "Ele diz que não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a tem; diz que a essas é dado alguma coisa com as aparências dos alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e quis um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. Mas há cá laboratórios que manufaturam toda a sorte de coisas. Não fazem como na Terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gazes. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto. Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um". "Logo que chegam, querem coisas. Alguns querem carne; outros, bebidas fortes; pedem Whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas. Ele ouviu falar de bêbados que por meses e anos querem beber - mas não viu nenhum" [116].

Relatando mais sobre o mundo espiritual, Raymond, por intermédio de Feda, assim se exprime: "É um lugar tão sólido que ainda não venci os obstáculos. Admiravelmente real. Ele falou a seu pai de um rio; ao mar ainda não viu. Encontrou água, mas não sabe se encontrará o mar". "Ele entrou numa biblioteca com seu avô - o vovô William - e também com alguém de nome Richard, e diz que os livros são os mesmos que vocês lêem. Agora, uma coisa extraordinária: Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Foi informado - apenas informado, não sabe por si - de que esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram; e que a matéria desses livros será impressa no cérebro de algum homem, que ficará como o autor" [117].

No capítulo XVI do livro que estamos citando, continuam as revelações sobre o plano espiritual: "Gravitamos aqui em redor dos entes amados. Aos não amados, se os encontramos na rua, não damos nem um 'como vai?'. Há aí ruas, então (inquire Lady Lodge)? Sim. Raymond gostou de ver ruas e casas. Em certo tempo pensei que podiam ser criações do nosso pensamento". "Tenho visto chegar rapazes cheios de más idéias e vícios. Vão para um lugar em que eu não quero ir - mas não é exatamente o inferno, Mais parecido a um reformatório. Lugar onde lhes é dado ensejo de melhoria". "Raymond não se lembra de ter estado no astral. Está agora na terceira esfera. Summerland - Homeland, dizem alguns". É um ambiente muito feliz" [118].

Nesses excertos das mensagens transmitidas por Raymond Lodge, vemos referências a comida e bebida no mundo dos Espíritos, necessidade dos que estão recém falecidos. Outro ponto é a respeito da sobrevivência de animais, e seu encontro com os donos, no Além. Veremos, mais adiante, que o Espírito André Luiz escreve coisas semelhantes. Elas trazem à baila a divisão do mundo espiritual em esferas, com denominações especiais. Parece que tal maneira de definir os níveis de realidade da

dimensão espiritual é própria da Europa, onde se informa que foi indicada pelo Espírito do célebre Frederico Myers, através da médium Geraldine Cummins.

O Reverendo G. Vale Owen, sacerdote da Igreja Anglicana, foi notável médium, possuidor de variados tipos de mediunidade. Em 1913, publicou um livro com mensagens de sua desencarnada mãe, onde esta descrevia sua experiência no mundo espiritual. São mensagens interessantes pelo nível de detalhes que, embora resumidos, lembram um pouco as de André Luiz, através de Francisco Cândido Xavier. Vejamos algumas passagens: "É a Terra aperfeiçoada. Certo, o a que chamais quarta dimensão, até certo ponto, existe aqui, mas não podemos descrevê-la claramente. Nós temos montes, rios, belas florestas e muitas casas; tudo foi preparado pelos que nos precederam". "Quanto à nossa casa: É muito luminosa e bela...". "É muito bem acabada, interna e externamente. Dentro, possui banheiros, um salão de música e aparelhos registradores do nosso trabalho. É um edifício amplo.". "O terreno é muito extenso e todo ele está em relação com as casas; há relação em tudo. Assim, por exemplo, as árvores são verdadeiras árvores e crescem como na Terra, porém, estão de acordo com os edifícios. As diferentes qualidades de árvores correspondem algumas a determinada casa mais do que a outras, e cooperam para o efeito e para o trabalho a que essa casa é destinada. Assim acontece com o agrupamento de árvores em bosques, com os canteiros que limitam os caminhos, com a disposição dos regatos e cachoeiras que se encontram em diversos recanto dos terrenos. Tudo foi previsto com grande sabedoria e forma lindo cenário". "Há algum tempo (para empregar uma frase terrestre) fomos enviados a uma região onde as águas tinham sido reunidas em um grande lago ou bacia, e, em redor do lago, a alguma distância uns dos outros, haviam sido construídos edifícios na forma de grandes colégios, com torres. Eram de variada arquitetura e planta, não sendo todos construídos com o mesmo material. Cercavam-nos espaçosos jardins e bosques, alguns deles de milhas de extensão, com bela fauna e flora, sendo o maior número, das espécies conhecidas na Terra, porém algumas atualmente estranhas para vós, embora, creio, que, pelo menos, certo número delas já tenha vivido no mundo. Isto é apenas um pormenor. O que desejo explicar-lhe é o fim dessas colônias. São exclusivamente destinadas à manufatura da música e de instrumentos musicais. Os que ali vivem ocupam-se do estudo da Música, das suas combinações e efeitos, não só sobre o que se conhece como 'som', como também debaixo de outros pontos de vista" [119] .

O Espírito prossegue, descrevendo um concerto transcendente, onde não se ouvia a música, pura e simplesmente, mas se podia ter sensações, inclusive visuais, por ela provocadas. Em outros trechos, descreve encontros de instrução, levados a efeito em amplos bosque, onde multidões de entidades podem ver e ouvir Espíritos de esferas mais elevadas, recebendo as necessárias elucidações para resolução de problemas ou melhorias dos seus trabalhos, bem como incentivos ao progresso individual. Igualmente, fala de regiões de sofrimento, onde se encontram almas com graves desvios morais, as quais se ligam ao plano imediatamente superior através de ponte, por onde os que se arrependem dos seus erros podem abandonar os lugares de dor, para serem recebidos em casas destinadas ao recolhimento e auxílio dos recém chegados.

O livro do reverendo Owen é leitura obrigatória para todos os que se interessam pelos assuntos espirituais, dada a quantidade de informações pertinentes, não só sobre a vida no Além, mas pelas que se referem ao processo mediúnico e suas dificuldades.

As citações que temos feito, e poderíamos acrescentar muito mais, são representativas do que nos dizem os Espíritos, em relação à vida após o sepulcro. Todas são unânimes em afirmar que existe alguma similitude entre o mundo material e o espiritual,

com ruas, e casas, portanto cidades. E, o mais importante, foram mensagens recebidas através de médiuns não espíritas, no significado do termo para nós brasileiros.

Apesar das diferenças no que se refere aos detalhes, um quadro geral se esboça: o Além está dividido em níveis de existência, onde se encontram os Espíritos em sociedades, aglutinadas de acordo com padrões de afinidade. Tais níveis são graduados de acordo com o maior ou menor aprimoramento moral dos que neles residem. Nessas faixas vibratórias, o ambiente reflete o padrão mental dos Espíritos que nelas estão, e, como vêm da Terra, vivem nelas em unidades sociais semelhantes às nossas cidades. Vivem como viviam enquanto encarnados, conservando a mesma estrutura de família, mantendo usos e costumes que daqui levaram. Tudo isso sofrendo, naturalmente, adaptações ao meio onde acontecem, que é muito diferente do da Terra.

A matéria espiritual é sempre definida como maleável ao pensamento, podendo ser esculpida de acordo com a vontade dos Espíritos. Os Espíritos com problemas morais ficam sempre nos níveis mais próximos do planeta, onde sofrem ou continuam a dar pasto às suas paixões. Ponto fundamental é a opinião generalizada de que não existe condenação perpétua a tal situação, podendo os Espíritos que estão em qualquer nível, mesmo o mais inferior, progredir para outros mais elevados, de acordo com sua vontade e esforço de transformação. Os Espíritos que já conseguiram algum estado de elevação moral trabalham, com afinco, em favor dos menos evoluídos, encarnados ou desencarnados, procurando ajudá-los no processo de transformação e progresso moral. Outro fato a ressaltar é a persistência dos laços afetivos, que a morte não desfaz. Os desencarnados continuam a amar os que ficaram ainda no corpo, bem como os esperam e recebem quando da morte, a fim de continuarem juntos.

Esta visão do Além é muito mais grandiosa e concorde com um Deus de Amor e Bondade, do que a de Inferno e Céu dedicados perpetuamente, o primeiro ao sofrimento e às baixezas de toda a sorte, o segundo a uma vida eterna de monotonia, onde ficaríamos de braços cruzados, imitando a infinita preguiça de um Deus bisonho que, muito pior do que os pouquíssimos brasileiros que os nosso burladores da Previdência Social e políticos que se aposentam com poucos anos de quase nenhum trabalho, só trabalhou durante seis dias, tirando férias infinitas.

Nas Comunicações Obtidas no Brasil

O Brasil é, reconhecidamente, o país em que o Espiritismo conseguiu sua mais ampla divulgação, ganhando foros de cidadania e, porque não dizê-lo, transformando-se em sua pátria definitiva, desde que, praticamente, desapareceu na França, seu berço original.

Em nossa terra, a mediunidade parece ser uma faculdade generalizada, talvez uma condição genética, fruto da fusão do europeu, representado pelos lusitanos, com os indígenas e, pouco tempo depois de sua descoberta pelas naves comandadas por Pedro Álvares Cabral, com os negros, arbitrária e brutalmente arrancados de seu lar africano, para produzir a riqueza agrícola e mineral de seus perversos escravizadores.

Tanto o índio quanto o negro eram, como ainda o são, portadores de mediunidade, e como é uma faculdade de bases biológicas, a mistura dos genes desses povos com os dos europeus que aqui estiveram ou permaneceram, gerou um biótipo com grande facilidade para intermediar a ligação entre "vivos" e "mortos". Acreditamos ser esta a razão dos

médiuns ostensivos serem em tão grande número na Pátria do Cruzeiro, numa abundância inexistente entre outros povos.

Por outro lado, a atividade dos médiuns africanos, na abjeção da senzala, atendendo às Iaiás e Ioiôs, que secretamente os consultavam sobre a vida e o destino, negócios e anseios afetivos, criou, subrepticiamente, inconsciente aceitação do “sobrenatural”, bem como à capacidade de convivência com rituais e práticas religiosas de vários matizes, simultaneamente, sem exclusão radical de nenhuma. Isto preparou as condições sócio-psicológicas para que as práticas mediúnicas e místicas penetrassem os poros sociais e, como o fermento referido por Jesus em sua parábola, "levedasse toda a massa". A prova estás no modo como a mídia se apropria dos seus temas para enredo de telenovelas, com imensa aceitação popular, conforme indicado pelos índices de audiência das emissoras. As palavras reencarnação, mediunidade e carma, esta representando a Lei de Causa e Efeito, são moeda corrente em entrevistas e textos de artistas, jornalistas e escritores, indicando o quanto a Segunda RM tem influenciado os usos e costumes de nossa sociedade.

Em 1932 surgiu uma obra mediúnica que suscitou polêmica nos meios literários brasileiros, mexendo com os críticos e entendidos da arte: Parnaso de Além Túmulo. Nela, apareciam poemas e sonetos de vários poetas portugueses e nacionais, cada um no seu estilo e método de versejar. Isto nada teria de anormal, não fora pelo fato de todos eles já haverem morrido, alguns há muitos anos. O autor da façanha era um moço humilde da cidade de Pedro Leopoldo, então com 22 anos de idade. Filho de família muito pobre, cursou apenas o primário, não dispondo de muito tempo para veleidades literárias, por ter de, desde muito cedo, trabalhar em humildes empregos, a fim de ajudar no sustento de seus numerosos irmãos, que o pai mantinha, a duras penas, com a venda de bilhetes de loteria, autorizada e mantida pelo Governo Federal.

Por mais que se multiplicasse a má vontade de boa parte dos pretensos entendidos na crítica literária do momento, era inegável que cada um dos poetas que comparecia no livro, o fazia com a mesma verve e consistência que lhe era reconhecida quando ainda entre nós. Augusto dos Anjos, por exemplo, repetia seus vocábulos incomuns, termos científicos e temas extravagantes. Castro Alves adejava como nunca, no seu condoreirismo hugoano, recheado de alusões históricas. Antero de Quental, revivendo sua mística, não mais repassada de dúvidas, mais estribada na certeza de quem sabe, porque viveu. Artur Azevedo, com o humorismo que lhe marcou a obra poética e teatróloga. Emílio de Menezes, demonstrando que a morte não lhe destruiu a veia sarcástica e ferina. E assim com todos os que desfilavam seus versos pela mediunidade mecânica do interexistente mineiro. É uma pequena parte de seu ciclópico acervo psicográfico que vamos consultar, levantando paisagens e circunstâncias do Outro Mundo, conforme descritos pelos Espíritos que lhe utilizaram a faculdade polígrafa. Em 1937, os críticos recebiam novo trabalho mediúnico de Chico Xavier: Humberto de Campos, reconhecidamente um dos maiores jornalistas e escritores pátrios, voltava. São suas as primeiras amostras sobre o nosso assunto: “Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortável, como a Casa dos Bernadelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estíria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casarão do outro mundo as notícias relativas ao planeta terreno. Examinei seus in-fólios. Nenhum relato havia a respeito dos santos da corte celestial; como eu os imaginava, nem alusões a Mefistófeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a história do fruto proibido, a condenação dos anjos rebelados, o decreto do dilúvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos símbolos.

Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos". "Foi no Instituto Celeste de Pitágoras que vim encontrar, nestes últimos tempos, a figura veneranda de Sócrates, o ilustre filho de Sofronisco e Fenareta. A reunião, nesse castelo luminoso dos planos erráticos, era, nesse dia, dedicada a todos os estudiosos vindos da Terra longínqua. A paisagem exterior, formada na base de substâncias imponderáveis para a ciência terrestre da atualidade, recordava a antiga Hélade, cheia de aromas, sonoridade e melodias. Um solo de neblinas evanescentes evocava as terras suaves e encantadoras, onde as tribos jônicas e eólias localizaram a sua habitação, organizando a pátria de Orfeu, cheia de deuses e harmonias. Árvores bizarras e floridas enfeitavam o ambiente de surpresas cariciosas, lembrando os antigos bosques da Tessália, onde Pan se fazia ouvir com as cantilenas de sua flauta, protegendo os rebanhos junto das frondes vetustas, que eram as liras dos ventos brandos, cantando as melodias da Natureza. O palácio consagrado a Pitágoras tinha aspecto de severa beleza, com suas colunas gregas à maneira das maravilhosas edificações da gloriosa Atenas do passado" [120] .

Com sua maneira poética e analógica de escrever, o Espírito de Humberto de Campos já preparava o caminho para o trabalho revelador de André Luiz. Isto significa que havia um plano traçado de se produzir uma descrição mais detalhada e coerente da dimensão espiritual, principalmente dos seus níveis de realidade mais próximos de nós. A prova se encontra no prefácio escrito por Emmanuel ao livro "Nosso Lar", o primeiro da série luizina: "...de há muito desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa transmitir a outrem o valor da experiência própria, com todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem-intencionados, nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta" [121] .

Por aí se vê que fazia parte do planejamento espiritual, estruturado sobre o mediunato de Francisco Cândido Xavier, abrir uma fresta mais larga para que se pudesse enxergar a vida no Além de uma perspectiva mais lógica, superando a fase das revelações parciais e fragmentárias.

Iremos agora destacar alguns trechos do primeiro livro de André Luiz, como simples amostragem de suas descrições, pois toda a coleção é uma vasta pintura das paisagens, fenômenos e vida nas esferas psíquicas mais ligadas à Terra. Não esqueçamos que se trata de descrições pertinentes à parte estruturada pelo psiquismo Ocidental e, mais particularmente, o brasileiro. Isto quer dizer que o mundo espiritual elaborado pelo psiquismo Oriental poderá apresentar algumas diferenças morfológicas, embora no fundamental estejam a se produzir os mesmos fenômenos. Fazemos a ressalva baseados em que a matéria espiritual é amoldável de acordo com os impulsos dominantes no inconsciente individual e coletivo dos povos.

Está claro que, na área espiritual sob influência da mente muçulmana, por exemplo, existirão variações dependentes dos usos e costumes enraizados na mente, os quais exteriorizados, plasmarão uma ambiência de acordo com o estilo e crenças desse complexo ideológico. Da mesma forma, os espaços espirituais dos judeus, chineses, hindus, etc., tenderão a exibir as resultantes das oscilações mentais que caracterizam cada um desses grupos sociais. Isto para que não se crie a ilusão de que em todos os lugares da Terra Psíquica haveremos de encontrar réplicas exatas da colônia "Nosso Lar". Esta seria uma concepção simplista e irreal. O próprio autor espiritual nos fala das diferenças entre cidades do seu plano: "...todas as colônias espirituais são idênticas a esta? Os mesmos processos, as mesmas características? De modo algum. Se nas esferas materiais, cada região e cada

estabelecimento revelam traços peculiares, imagine a multiplicidade de condições em nossos planos. Aqui, como na Terra, as criaturas se identificam pelas fontes comuns de origem e pela grandeza dos fins que devem atingir; mas importa considerar que cada colônia, como cada entidade, permanece em degraus diferentes na grande ascensão. Todas as experiências de grupo diversificam-se entre si e 'Nosso Lar' constituiu uma experiência coletiva dessa natureza" [122] .

Como ressalta Emmanuel, o trabalho de André Luiz é o resultado de sua experiência pessoal, por isso, começa com a descrição de sua entrada no mundo espiritual, logo após a morte: "Eu guardava a impressão de haver perdido a idéia de tempo. A noção de espaço esvaíra-se-me de há muito. Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos". "A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacenta, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios do sol aquecessem de muito longe". "De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio. Seres monstruosos acordavam-me, irônicos; era imprescindível fugir deles" [123] .

A entidade espiritual descreve o que nas citações anteriores se denomina de primeira esfera, lugar para onde vão aqueles que fizeram da existência física uma oportunidade para expansão do egoísmo, escolhendo uma forma de viver eminentemente materialista, em completo descaso para com os nobres ideais da fraternidade. Prosseguindo, continua a nos mostrar como as necessidades fisiológicas persistem, no outro mundo: "Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida". "Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras, e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d'água a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto mo permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para a frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de seres animalescos, que passavam em bando, quais feras insaciáveis. Eram quadros de estarrecer!". "Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa idéia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora". "E, quando as energias me faltaram de todo... pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência". "Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente...". "Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão". "...chamou dois companheiros...". "Alvo lençol foi estendido ali mesmo, à guisa de maca improvisada..." [124] .

Neste quadro da vida espiritual vemos que a morte não nos transforma em seres angelicais, mas guardamos as mesmas emoções, e necessidades, principalmente nos primeiros tempos após a morte física. Em seguida, o autor passa a descrever sua chegada a uma cidade, onde foi internado num imenso hospital, recebendo tratamento médico adequado. Uma cidade com ruas, praças, avenidas e construções variadas. Nela se

encontravam árvores, animais domésticos, seus Espíritos naturalmente, bem como pássaros e flores.

A grande contribuição de André Luiz é nos mostrar que o nível espiritual mais próximo da crosta planetária lhe segue os mesmos processos de desenvolvimento histórico. A colônia a que foi levado a viver tem uma história. Fundada por portugueses no século XVI, o foi sob árduas lutas, pois os fundadores tiveram muito trabalho para impor suas projeções mentais, porque o ambiente estava estruturado pelas mentes dos primitivos desencarnados que ali habitavam, bem como pelas emissões psíquicas dos encarnados. Isto vem em reforço ao que dissemos acima sobre as variações morfológicas das áreas espirituais sob influenciação de coletividades específicas: “Os planos vizinhos da esfera terráquea possuem, igualmente, natureza específica. ‘Nosso Lar’ é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento. Há substâncias ásperas nas zonas invisíveis à Terra, tal como nas zonas que se caracterizam pela matéria grosseira. Aqui também existem enormes extensões de potencial inferior, como há, no planeta, grandes tratos de natureza rude e incivilizada. Os trabalhos primordiais foram desanimadores, mesmo para os espíritos fortes. Onde se congregam hoje vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino lavor, misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares” [125] .

Mas não existiram problemas apenas durante a fundação da cidade, o seu processo evolutivo social, igualmente, conheceu contestações, como no episódio da transformação alimentar, imposta pelo governo: “Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. Muitos recém-chegados ao ‘Nosso Lar’ duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos”. “O Governador atual, todavia, não poupou esforços. Tão logo assumiu obrigações administrativas, adotou providencias justas”. “...a pedido da Governadoria, vieram duzentos instrutores de uma esfera muito elevada, a fim de espalharem novos conhecimentos, relativos à ciência da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera”. “Alguns colaboradores técnicos de ‘Nosso Lar’ manifestavam-se contrários, alegando que a cidade é de transição e que não seria justo, nem possível, desambientar imediatamente os homens desencarnados, mediante exigências desse teor, sem grave perigo para suas organizações espirituais”. “Prosseguiram as reuniões, providências e atividades, durante trinta anos consecutivos. Algumas entidades eminentes chegaram a formular protestos de caráter público, reclamando. Por mais de dez vezes, o Ministério do Auxílio esteve superlotado de enfermos, onde se confessavam vítimas do novo sistema de alimentação deficiente”. “O Governador, porém, jamais castigou alguém. Convocava adversários da medida a palácio e expunha-lhes, paternalmente, os projetos e finalidades do regime; destacava a superioridade dos métodos de espiritualização, facilitava aos mais rebeldes inimigos do novo processo variadas excursões de estudo, em planos mais elevados que o nosso, ganhando, assim, maior número de adeptos”. “O mesmo não aconteceu com o Ministério do Esclarecimento, que demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalham”. “Semanalmente, enviavam ao Governador longas observações e advertências, repletas de análises e numerações, atingindo, por vezes, a imprudência”. “Enquanto argumentavam os cientistas e a Governadoria contemporizava, formaram-se perigosos distúrbios no antigo Departamento de Regeneração, hoje transformado em Ministério. Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do

Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes cisões nos órgãos coletivos de 'Nosso Lar', dando ensejo a perigoso assalto das multidões obscuras do Umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços da Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação. Dado o alarme, o Governador não se perturbou. Terríveis ameaças Pairavam sobre todos. Ele, porém, solicitou audiência ao Ministério da União Divina e, depois de ouvir o nosso mais alto Conselho, mandou fechar provisoriamente o Ministério da Comunicação, determinou que funcionassem todos os calabouços da Regeneração, para isolamento dos recalcitrantes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujas impertinências suportou por mais de trinta anos consecutivos, proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores e, pela primeira vez na sua administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta". "A colônia ficou, então, sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo. Findo o período mais agudo, a Governadoria estava vitoriosa" [126].

Um problema muito semelhante à implementação de medidas progressivas por parte dos governos, entre os encarnados. A resistência ao novo, gerando insubordinação e inquietação social, levando as autoridades a tomarem medidas radicais de defesa da ordem pública.

A esfera onde permanecem os Espíritos com desvios morais recebe, dos que vivem em "Nosso Lar", o nome de "Umbral", por iniciar ao nível da Crosta, sendo a porta de entrada do plano espiritual: "As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade". "Que seria o Umbral?". "Ora, ora, pois você andou detido por lá tanto tempo e não conhece a região? Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror. O Umbral...começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos". "O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena". "O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior". "Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais". "'Nosso Lar' tem uma sociedade espiritual, mas esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados" [127].

Eis alguns extratos de descrições de uma cidade localizada em pleno Umbral, onde governam e vivem Espíritos compromissados com o mal: "Em minutos breves, penetramos vastíssima aglomeração de vielas, reunindo casario decadente e sórdido. Rostos horrendos contemplavam-nos furtivamente, a princípio, mas, à medida que varávamos o terreno, éramos observados, com atitude agressiva, por transeuntes de miserável aspecto". "Exemplares inúmeros de pigmeus, cuja natureza em si ainda não posso precisar, passavam por nós aos magotes. Plantas exóticas, desagradáveis ao nosso olhar, ali proliferam, e animais em cópia abundante, embora monstruosos, se movimentavam a esmo...". "Becos e despenhadeiros escuros se multiplicavam em derredor, acentuando-nos o angustioso assombro". "Subimos, dificilmente, a rua íngreme e, em pequeno planalto, que se nos

descortinou aos olhos espantadiços, a paisagem alterou-se. Palácios estranhos surgiam imponentes, revestidos de claridade abraseada, semelhante à auréola do aço incandescente. Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais. O aspecto devia, a nosso ver, identificar-se com o das grandes cidades do Oriente, de duzentos anos atrás. Liteiras e carruagens transportavam personalidades humanas, trajadas de modo surpreendente, em que o escarlate exercia domínio, acentuando a dureza dos rostos que emergiam dos singulares indumentos" [128] .

Muito interessante a referência a armas e combates. Em nosso livro "Possibilidades Evolutivas" fazemos um ensaio teórico sobre o que denominamos de "Terra Espiritual" ou "Terra Psi", ou seja, os níveis espirituais ligados ao planeta. No próximo capítulo analisaremos o problema das "esferas espirituais", que têm sido referidas nas comunicações que transcrevemos.

Retomando o tema da administração pública, verificamos que "Nosso Lar" recebe a designação de colônia. O Aurélio define colônia: "1. Grupo de migrantes que se estabelecem em terra estranha. 2. Grupo de pessoas que se estabelecem noutra região de seu país. 3. Lugar onde se estabelece qualquer desses grupos. 4. Região pertencente a um Estado e situada fora de seu âmbito geográfico principal; possessão, domínio. 5. Estado posto sob a autoridade de outro; protetorado. 6. indivíduos de uma nação que vivem em país ou cidade estrangeira, e seus descendentes que lhes conservam as tradições, características culturais, religiosas, etc. 7. Conjunto de pessoas que se agrupam para determinado fim: colônia balnear...".

Segundo podemos depreender, pois o autor não explicita em que sentido usa o vocábulo, colônia tem para ele o significado de número sete, na citação acima, pois "Nosso Lar" é um local onde se reúnem Espíritos em situação transitória, preparando-se para novas reencarnações. Mas ao mesmo tempo, o sistema político é definido como uma Governadoria, recebendo o chefe de estado o título de Governador, sendo auxiliado por setenta e dois ministros.

Nada indica que governantes e ministros sejam escolhidos por consulta popular, mas sim indicados por Espíritos de esferas mais elevadas. Nesse caso, estaríamos diante de um protetorado. Uma pista nessa direção é dada pelo episódio citado mais acima, quando o Governador teve de tomar uma atitude drástica, colocando a cidade em "estado de sítio". Na ocasião não acionou, automaticamente, dispositivos constitucionais, mas "solicitou audiência ao Ministério da União Divina e, depois de ouvir o nosso mais alto Conselho", foi que adotou as medidas necessárias de repressão.

A colônia espiritual é uma grande colmeia. Os ministérios formam vastas aglomerações de repartições diversas, oficinas distribuídas em departamentos variados, de acordo com a área de atuação de cada um. Com exceção dos que se encontram hospitalizados, nas "Câmaras de Retificação" ou nos campos de repouso, toda a população trabalha, sendo isto uma obrigação, em jornada de quarenta e oito horas semanais, percebendo remuneração variável, adequada ao esforço despendido, sendo o meio circulante denominado "bônus-hora". Apesar do nome, o bônus-hora é vinculado a cada Ministério, o que lhe dita o valor, que varia conforme o tipo de trabalho e o nível de responsabilidade. Ele é definido da seguinte forma: "...ficha de serviço individual, funcionando como valor aquisitivo" [129] .

Todos recebem, gratuitamente, do Estado alimentação, transporte e vestuário, assistência médica geral, instrução, lazer, e outros serviços, desde que não tenham condições de trabalhar. Os que trabalham, todavia, podem escolher, e comprar, os bens e

serviços que lhes apeteçam, na qualidade que lhes aprouver, com exceção dos básicos, que são comuns. Todos têm moradia, provida pelo governo, em conjuntos destinados a tal fim, mas os que estão trabalhando podem adquirir uma casa própria, mobilando-a a seu gosto, e nela vivendo com independência.

"Nosso Lar" é uma cidade onde os meios de produção pertencem ao estado. Isto tipifica uma forma de administração socialista. Todos são empregados do Estado, o qual provê as necessidades de bens e serviços, dos seus cidadãos. Nela, o direito de herança se restringe, apenas, à casa própria, a qual fica nas mãos dos familiares que vão chegando ao mundo espiritual, quando os adquirentes retornam ao mundo físico, pela reencarnação. Assim, estabelece-se um direito que, talvez, precisasse ser melhor esclarecido em seus detalhes, pois, numa sociedade onde o mérito pessoal é colocado como princípio fundamental, surge a figura da propriedade imerecida, porque conseguida sem trabalho direto. A não ser que tal direito tenha de ser ratificado pelo novo proprietário, em demonstração posterior de merecimento. Este ponto precisa ser melhor explicitado, pois na questão do dinheiro é declarado que este não transita pela via sucessória, ou seja, não pode ser transferido ao parente que chega, pelo que parte, dado que é uma propriedade estritamente pessoal, fruto de mérito individual. Leiamos alguns trechos, sobre a matéria: "...em 'Nosso Lar' a produção de vestuário e alimentação elementares pertence a todos em comum. Há serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministérios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva". "Todos cooperam no engrandecimento do patrimônio comum e dele vivem. Os que trabalham, porém, adquirem direitos justos. Cada habitante de 'Nosso Lar' recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; mas os que se esforçam na obtenção do bônus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espírito que não trabalha poderá ser abrigado aqui; no entanto, os que cooperem podem ter casa própria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operário dedicado vestirá o que melhor lhe pareça...". "Os inativos podem permanecer nos campos de repouso, ou nos parques de tratamento, favorecidos pela intercessão de amigos; entretanto, as almas operosas conquistam o bônus-hora e podem gozar a companhia de irmãos queridos, nos lugares consagrados ao entretenimento, ou o contato de orientadores sábios, nas diversas escolas dos Ministérios em geral". "Os programas de trabalho, porém, são numerosos e a Governadoria permite quatro horas de esforço extraordinário, aos que desejem colaborar no trabalho comum, de boa-vontade. Desse modo há muita gente que consegue setenta e dois bônus-hora, por semana, sem falar dos serviços sacrificiais, cuja remuneração é duplicada e, às vezes, triplicada".

No que se refere aos problemas de herança: "Não temos aqui demasiadas complicações - respondeu a senhora Laura, sorrindo. Vejamos, por exemplo, o meu caso. Aproxima-se o tempo do meu regresso aos planos da crosta. Tenho comigo três mil Bônus-Hora-Auxílio, no meu quadro de economia pessoal. Não posso legá-los a minha filha que está a chegar, porque esses valores serão revertidos ao patrimônio comum, permanecendo minha família apenas com o direito de herança ao lar; no entanto, minha ficha de serviço autoriza-me a interceder por ela e preparar-lhe aqui trabalho e concurso amigo, assegurando-me, igualmente, o valioso auxílio das organizações de nossa colônia espiritual, durante minha permanência nos círculos carnais" [130] .

O que se deve priorizar, todavia, é que a maioria dos vivem na colônia se esforça no sentido da espiritualização, fazendo dos ensinos de Jesus regra normal de conduta. As autoridades são as primeiras a darem exemplos de dedicação, abnegação, devotamento e

renúncia, tornando-se modelos permanentes para a população. Todas aderem aos programas evangélicos da reforma íntima e da prática verdadeira das virtudes e da fraternidade. O Mestre Nazareno é o paradigma único e decisivo para todos. A oração é atividade comum e, todos os dias, ao entardecer, o Governador, juntamente com seus Ministros, oram, acompanhados pela população, que participa do ato piedoso através de avançados meios de comunicação televisiva. O esforço geral pelo aprimoramento e elevação dos pensamentos e sentimentos cria uma atmosfera de paz, harmonia e equilíbrio, proporcionando uma constante vibração superior, que transforma todo o ambiente numa festa permanente de júbilos espirituais. Isto é verificável entre nós, quando uma família ou um grupo social faz dos Evangelhos fonte de inspiração apara os atos individuais e coletivos, e da oração o alimento de suas almas. E esta é a mensagem básica do Livro "Nosso Lar", bem como de todo o magnífico acervo luizino: ligados a Jesus podemos construir uma sociedade pacifica, trabalhadora, justa e espiritualizada. Enquanto não fizermos da mensagem Crística o ideal de nossas vidas, continuaremos a nos debater em conflitos íntimos e coletivos, num clima de instabilidade política, social e psíquica, geradora de sofrimentos e problemas de solução difícil e dolorosa.

"Zonas Purgatoriais" e Sofrimento no Plano Espiritual

Se a ignorância é um óbice difícil no momento da morte, a consciência culpada conhece instantes de inqualificável dor. A mente acostumada com o erro libera, quando da crise da morte, pavorosos quadros, diante dos quais os antigos relatos sobre os sofrimentos infernais parecem aprazíveis: "Um Espírito se apresenta ao médium espontaneamente, sob o nome de Benoist, diz ter morrido em 1704 e suportar horríveis padecimentos. 1. O que eras durante a vida? - R. Monge sem fé. 2. A descrença é vossa única falta? - R. Ela é suficiente para ocasionar as outras. 3. Podeis nos dar alguns detalhes sobre vossa vida? A sinceridade de vossa confissão vos será levada em conta. - R. Sem fortuna e preguiçoso, tomei as ordens, não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, eu galguei posição; influente, abusei do poder; vicioso, arrastei nas desordens aqueles a quem tinha a missão de salvar; duro, persegui aqueles que tinham o ar de condenar meus excessos. Os mansos, foram atenciosamente vigiados. A fome torturou muitas vítimas; seus gritos foram muitas vezes extintos pela violência. Desde então, expio e sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas atiçam o fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciadas me perseguem; a sede irrita meus lábios em brasa, sem jamais ai deixar cair uma gota refrescante..." [131] .

A mente contaminada pelo crime ou vício, é fonte de inomináveis padecimentos. A morte daquele que fez do vício e do crime a razão de viver, inspira piedade, porque se transforma numa conjuntura incontrolável de paixões em desalinho, além de se tornar, por sua vez, vítima de suas antigas vitimas, agora transformadas em algozes odientos e implacáveis. Perseguem-no ainda em vida e, durante o transe da morte, redobram seus assaltos, exacerbando-lhe os padecimentos, por meio de uma pertinaz influência obsessiva, que continua após o desligamento do corpo, nas regiões espirituais.

André Luiz assim se refere a essas regiões: "Obliterados os núcleos energéticos da alma, capazes de conduzi-la às sensações de euforia e elevação, entendimento e beleza, precipita-se a mente, pelo excesso da taxa de remorso nos fulcros da memória, na dor do arrependimento a que se encarcera por automatismo, conforme os princípios de

responsabilidade a se lhe delinearem no ser, plasmando com os seus próprios pensamentos as telas temporárias, mas por vezes de longuíssima duração, em que contempla, incessantemente, por reflexão mecânica, o fruto amargo de suas próprias obras, até que se esgote os resíduos das culpas esposadas ou receba caridosa intervenção dos agentes do amor divino, que, habitualmente, lhe oferecem o preparo adequado para a reencarnação necessária, pela qual retornará ao aprendizado prático das lições em que faliu. É dessa forma que os suicidas, com agravantes à frente do Plano Espiritual, como também os delinqüentes de variada categoria, padecem por largo tempo a influência constante das aflitivas criações mentais deles mesmos, a elas aprisionados, pela fixação monoidéica de certos núcleos do corpo espiritual, em detrimento de outros que se mantêm malbaratados e oclusos. E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inestancável que lhe constitui atributo inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos é detida em sua marcha, ilhando-se nas conseqüências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor" [132] .

O beletrista espiritual, que sabe aliar o pensamento científico com o religioso, na moldura de uma prosa dinâmica e bela, instrui-nos sobre a formação desses ambientes de dor, ao qual se referem as comunicações mediúnicas, mostrando que se formam a partir dos desequilíbrios instalados na mente, por culpa dos desatinos criminosos, praticados durante a encarnação. Mas, deixa claro, que esses bolsões de miséria espiritual são temporários, atendendo aos propósitos de retificação das consciências em desalinho.

É ainda o Médico Espiritual quem volta ao tema, em outra de suas obras [133] : "Entendendo-se que todos os delinqüentes deitam de si oscilações mentais de terrível caráter, condensando as recordações malignas que albergam no seio, compreenderemos a existência das zonas purgatórias ou infernais, como regiões em que se complementam as temporárias criações do remorso, associando arrependimento e amargura, desespero e rebelião. Na intimidade dessas províncias de sombra, em que se agrupam multidões de criminosos, segundo a espécie de delito que cometeram, Espíritos culpados, através das ondas mentais com que essencialmente se afinam, se comunicam reciprocamente, gerando, ante os seus olhos, quadros vivos de extremo horror, junto dos quais desvairam, recebendo, de retorno, os estranhos padecimentos que criaram no ânimo alheio. Claro está que, embora comandados por Inteligências pervertidas ou bestializadas nas trevas da ignorância, esses antros jazem circunscritos no Espaço, fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processo de purificação ou regeneração, a fim de conduzi-las a providências compatíveis com a melhoria alcançada. Semelhante supervisão, entretanto, não impede que essas vastas cavernas de tormento reeducativo sejam, em si, imensas penitenciárias do Espírito, a que se recolhem as feras conscientes que foram homens. Aí permanecem detidas por guardas especializados, que lhe são afins, o que nos faz definir cada 'purgatório particular' como 'prisão-manicômio', em que as almas embrutecidas no crime sofrem, de volta, o impacto de suas fecundações mentais infelizes".

A referência a "cavernas" onde ficam Espíritos embrutecidos no mal, não é uma figura de retórica mas descrição de um fato encontradiço nas regiões invisíveis, e referido

desde tempos imemoriais até narrações de Swedenborg, como visto, e as de EVP (Electronics Voices Phenomenon), captadas por Jürgenson, para citarmos apenas os trabalhos "não ortodoxos" do campo mediúnico [134] . Sabemos porém. Pelas mesmas fontes, que esses antros de dor permitidos pela Misericórdia de Deus, se transformam em locais de tratamento, rude é verdade, e recuperação das almas rebeldes, as quais retornarão, cedo ou tarde, aos caminhos da virtude e da fraternidade, marchando para a perfeição, meta iniludível de todos os seres criados.

6. Estrutura do Plano Espiritual
(Ensaio Especulativo)

Introdução

Em todas as comunicações espirituais que falam a respeito da vida Além-túmulo aparecem, sempre, são feitas referências a “esferas”, isto é, níveis específicos onde se reúnem grupos de Espíritos. Isto porquê, segundo as narrativas, o mundo espiritual está dividido num certo número de áreas vibratórias, em graduação constante, desde os estratos mais baixos, próximos à Terra, densos e preenchidos por fluidos e entidades com graves problemas morais, até os mais distantes, onde se encontram os Espíritos que estão num estado mais avançado de depuração ética. Geralmente, tais estratos são referidos em número de sete, nas mensagens européias e norte americanas. André Luiz, e os Espíritos que se comunicam no Brasil não mencionam essa, ou qualquer quantidade de níveis espirituais. Por quê? Simplesmente porque toda classificação é arbitrária, e não corresponde à realidade, senão de uma forma aproximativa. Além do mais, não há como determinar números nesta questão, pois os níveis espirituais não se distribuem em superposição, como procuraremos demonstrar, a seguir.

Na verdade, procuraremos fazer um estudo especulativo sobre o mundo espiritual, e seus níveis de manifestação. É um estudo que já iniciamos em nosso “Possibilidades Evolutivas”. Está claro que não estaremos expressando a realidade absoluta dos fatos; para tanto nos falece a devida competência cultural, bem como os meios de aferir nossas especulações. Por isso não serão válidas? De forma nenhuma. Especulação é uma maneira de se lançarem idéias que venham a contribuir para o desenvolvimento de qualquer ramo científico. A especulação é um tipo de “brainstorming”, do qual podem ser extraídos elementos válidos para novos e importantes progressos culturais. Mesmo que nossas colocações estejam erradas, poderão motivar os realmente capacitados a virem a campo contribuir, de forma decisiva, com o engrandecimento do acervo doutrinário.

Universos Espirituais

No livro acima citado, defendemos a idéia de que existem várias dimensões espirituais, sendo cada uma um Universo, com fenômenos específicos, ocorrendo conforme as condições estruturais existentes.

As dimensões espirituais teriam sido criadas, umas das outras, por meio de colapsos gravitacionais, ou seja, numa dimensão específica haveria a implosão de um “corpo estelar” gerando, consequentemente, um “big bang” criador de outra dimensão menor. Explicando de outro modo: num Universo de dimensão n, um colapso gravitacional daria nascimento a outro Universo de dimensão n-1, e assim sucessivamente. De acordo com esse modelo, poderia existir um grande número de Universos paralelos de n-1 dimensão, quer dizer, Universos paralelos inacessíveis entre si, com modelos evolucionários próprios, possivelmente diversificados.

Segundo essa concepção, o Universo Espiritual imediatamente anterior ao nosso, com quatro dimensões, seria a origem do Universo de três dimensões. Esta é uma visão

simplificada de um processo muito complexo, mas que procura responder a uma questão, pelo menos: a matriz original da grande explosão que gerou o nosso cosmo.

O modelo se baseia nas concepções da Física Relativística, procurando, filosoficamente, utilizar-lhe alguns pontos para, à luz das revelações espirituais, construir especulações de ordem metafísica, de forma a demonstrar como os atuais progressos Físicos e Astrofísicos tendem a ser aclarados e ampliados por essas revelações.

Que ninguém se iluda, as comunicações espirituais vão a participar, ativamente, do progresso da Humanidade, tanto do ponto de vista moral - reintroduzindo os ensinamentos do Cristo na sociedade, de forma mais dinâmica e consentânea com o pensamento moderno -, quanto do científico e cultural. À luz delas somos incentivados a debater as questões científicas, sob uma nova perspectiva, estabelecendo a aliança entre Ciência e Religião.

Trabalhando com o Universo Espiritual que formou o nosso, podemos expandir conclusões para todos os demais. Estaríamos envolvido e penetrado por ele, possuindo uma fronteira "pantáquica" [135], que segue, também, a situação de permeabilidade a que estamos submetidos. Essa fronteira possuiria características próprias, por não ser definida, mas os limites dos Universos mãe e filho, se interpenetrariam. Essa região, que chamaremos de hiperespaço, por causa de sua situação especial, produziria fenômenos específicos, envolvendo as duas dimensões: trocas permanentes de energia, possibilitando o surgimento de partículas "novas", tanto num como no outro, o que daria a impressão de que seriam "criadas do nada", para observadores situados nos dois lados.

Outro fenômeno importante, gerado pelo hiperespaço, seria o "fluido vital", uma energia capaz de transmitir à matéria, sob certas condições, a qualidade da Vida. Essa energia, quando individualizada pela presença do Espírito na formação de um organismo, geraria o "ectoplasma", que definimos como "entropia biológica", o qual, por sua instabilidade dual, proporciona o trânsito de átomos ou partículas, objetos ou seres, entre as duas dimensões, retirando ou introduzindo nelas o vetor tetra dimensional. Uma das qualidades do ectoplasma é reagir a impulsos mentais, tornando-se, por essa forma, um instrumento de grande importância para a produção de "fenômenos de efeitos físicos", como as materializações, os "apports" etc.

Universo e Terra Espirituais

Como todos os Universos, o Universo Espiritual imediatamente anterior, é formado por "faixas" de existência em graduação vibratória crescente, para onde se dirigem, por lei de afinidade específica, os Espíritos desligados do corpo físico.

Por que são denominados os níveis de realidade de esferas? Primeiramente temos de considerar que os níveis são propriedade da estrutura tetradimensional do Universo Espiritual. O quarto vetor, que dá à dimensão suas características, divide-o em faixas vibratórias diversas. A massa planetária, que produz deformações em nosso espaço, influencia, igualmente, o espaço tetradimensional, obrigando-o a curvar-se, dando aos níveis espirituais próximos uma forma esférica, em relação a si mesma. É claro que a mesma coisa ocorre em ponto maior com o Universo Espiritual citado, e todos os demais existentes, desde que o Universo Material é encurvado por causa da matéria nele contida, o que deve ser um padrão cosmológico adimensional.

Apesar de, didaticamente, as "esferas espirituais" serem apresentadas como superpostas, elas estariam, na verdade, em situação de simultaneidade, ou seja,

“espacialmente” coexistem, pois suas distâncias seriam vibracionais. Podemos utilizar como referência analógica as ondas hertzianas, que ocupam espaços idênticos, mas não se misturam, por se expressarem em freqüências diferentes.

As descrições espirituais ensinam que a Terra, como os demais corpos celestes, possui uma contraparte formada pela matéria do universo espiritual, ou astral. E que sua conformação segue, guardadas as proporções, a do nosso planeta. Apresenta toda uma geomorfologia à semelhança do orbe terráqueo: cadeias de montanhas, vales, planícies, gargantas e canyons, rios, lagos, pântanos, mares e oceanos, flora multifárias, onde se incluem as florestas, caatingas, restingas, flores e árvores frutíferas, bem como uma fauna diversificada, formada por animais próprios que vão dos insetos, aos sáurios gigantes, répteis inúmeros, aves de várias espécies, para nós desconhecidas, como pelos espíritos dos animais terrestres que ali se demoram algum tempo no intervalo de suas reencarnações.

Apresenta, igualmente, fenômenos meteorológicos, desde as brisas suaves aos furacões temíveis, das pequenas variações atmosféricas até as potentes tempestades, com tremendas descargas elétricas, além de abalos sísmicos como terremotos, maremotos e vulcões, em toda a gama que conhecemos.

Na Terra Espiritual encontramos, igualmente, continentes, ilhas, penínsulas, acidentes geográficos semelhantes aos nossos, bem como povos de diversas etnias e graus de civilização: do primitivo ao civilizado, do inculto ao desenvolvido tecnologicamente, e/ou espiritualmente, dos guerreiros aos santos e pacíficos.

As estruturas sociais apresentam todas as variações que a humanidade tem conhecido ao longo de sua história. Entre a maioria dos grupos travam-se guerras de conquista e, por isso, nela encontramos impérios e diversas formas de dominação que experimentamos ao longo do nosso desenvolvimento. Uma infinidade de crenças religiosas, desde os rituais primitivos, passando pelos cultos demoníacos e de magia negra, às religiões tradicionais, se estendem por todo o ecúmeno astral, em continuação às preferências individuais e coletivas, levadas da Terra, como também, posturas cultuais e religiosas nascidas das condições que lhe são próprias.

As constantes guerras ali travadas impõem um contínuo fluxo migratório entre os diversos continentes do globo astral.

A economia dos grupos não evoluídos se baseia no modo escravista de produção, e na exploração de recursos energéticos, animais, vegetais, minerais, e outros, sendo o produto mais importante o fluido vital, extraído em larga escala dos seres vivos, particularmente dos humanos, tendo o mesmo a finalidade de manter as sensações físicas, com seus apetites e impulsos animais.

Em torno da coleta de energia vital se estrutura toda uma parafernália comercial e industrial, sustentada por um imenso aparato de vampirização, formado por técnicos especializados, munidos de sofisticadas técnicas.

Por outro lado, inumerável contingente de espíritos em despertamento para as realidades maiores da vida distribuem-se por todo o orbe espiritual e físico, em funções de neutralização das atividades infelizes dos grupos cultores das paixões menos dignas. Realizam um esforço sistemático para melhorar o nível psíquico das almas, promovendo uma radical mudança nas diretrizes e estruturas das sociedades espirituais baseadas no egoísmo e seus infelizes derivados: o orgulho, a vaidade, a lascívia, a luxúria, a perversidade, a violência etc.

Com toda a probabilidade, a Terra Astral se desenvolveu no imenso campo gerado pela condensação do material que deu origem ao sol e ao seu cortejo planetário, o que nos

leva a concluir pela existência de um sistema planetário astral, justaposto e interagente com o nosso sistema solar, pois as grandes concentrações de massa, tanto numa dimensão como na outra, devem provocar reações por indução. Pode-se também inferir que tal ação entre as duas dimensões acontecerão no sentido inverso, ou seja, do Universo Espiritual para o Material, provocando o aparecimento de corpos e fenômenos astronômicos diversos.

O traço marcante da Terra Astral é a distribuição dos seus habitantes por níveis vibratórios e padrões de afinidade, o que leva à criação de grupos sociais estritos e fechados em si mesmos, com seus componentes a reforçarem mutuamente suas tendências psíquicas. Outrossim, pelas peculiaridades do ambiente e do psicossoma refletirem e modelarem os sentimentos e inclinações dos indivíduos, além da facilidade de apreensão telepática dos mesmos - principalmente nos níveis mais tranqüilos vibratoriamente -, as sociedades espirituais, são mais repressoras e inibidoras do que as terrestres, onde o indivíduo possui o recurso da privacidade interior relativa, no que respeita aos seus semelhantes. Isto explica-se porque o Espírito necessita da reencarnação, pois no ambiente espiritual, cada um gravita para o grupo que lhe seja afim, onde passa a reforçar sentimentos e idéias coletivas, enquanto sofre a pressão do grupo sobre si mesmo. Como veremos mais adiante quando tratarmos da Reencarnação.

Vejamos o que nos diz o Espírito André Luiz, através de Francisco Cândido Xavier [136], a respeito da Terra Espiritual: “A consciência que aprendera a realizar complexas transubstanciações de força nas diversas linhas da Natureza, em se adaptando aos continentes da esfera extrafísica, passa a manobrar com os fenômenos da mentação contínua e reflexão, de que o pensamento é a base fundamental. Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética... O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles raiando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza. Na moradia de continuidade para a qual se transfere, o homem encontra, pois, as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza... Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva... Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do planeta, com extensas zonas cavitárias, sob as linhas que lhes demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz. Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente”.

Evolução na Terra Psíquica

Obviamente, a parte espiritual da Terra, ou a Terra-psi, como diria Hernâni Guimarães Andrade, evoluiu junto com a evolução de sua parte física.

Nos primeiros tempos do planeta, deveria mostrar fenômenos difusos e sísmicos, como na Terra primitiva. Os elementos energéticos do meio espiritual, atraídos pelo campo formado pelo corpo planetário, amoldavam-se às influências eletromagnéticas, oriundas dos processos de estruturação do Orbe material, distribuindo-se nas suas vizinhanças dimensionais, provavelmente, como a limalha sobre as linhas de força do ímã, na conhecida experiência física.

O surgimento da vida, na Terra, deve ter sido precedida pelo desenvolvimento de mônadas ou elementos Espíritos, segundo a teoria do Dr. Hernâni. O que significa o aparecimento de vida, na dimensão espiritual circunjacente, pois, como exposto, ela possui uma flora e faunas próprios, além de Espíritos de animais superiores. Eis aí um campo novo a ser estudado pelos cientistas do futuro: o aparecimento da vida na Terra Astral, bem como o seu desenvolvimento evolutivo. Seguiu este os mesmos princípios da Natureza material? Não cremos possível de imediato, pois significaria a existência de um processo de seleção natural, onde a Lei de Destruição teria de estar em plena atividade. Isto implicaria um jogo de vida e morte, com a sobrevivência dos mais aptos.

A fauna e a flora espirituais teriam de estar fora da perpetuidade existencial, que caracteriza o Espírito humano. Como vemos, as revelações espíritas sobre o mundo espiritual levantam uma série de questões interessantes. Seriam os animais e vegetais espirituais criações do inconsciente dos Espíritos, encarnados e desencarnados? seriam formados da mesma maneira que as casas, cidades, vestuários e demais apetrechos elaborados pelo pensamento dos desencarnados? Ainda não possuímos uma posição sobre o assunto, que demanda pesquisas e meditações.

A ação dos campos biomagnéticos dos elementos espíritos, teria levado ao aparecimento das moléculas replicantes na Terra primitiva. A contra-ação dialética das formas primitivíssimas de vida terrestre, sob o guante da Lei de Seleção Natural, sobre as mônadas espirituais ou proto-espíritos, produzisse modificações nestes proto-espíritos que, por sua vez, geraram a evolução deles, pela agregação de novos princípios e moléculas espirituais.

Seguindo caminhos paralelos, em permanente interação dialética, espírito e organismo foram se complexificando, de acordo com os modelos já levantados pela Biologia, através dos seus inúmeros pesquisadores de ontem e de hoje. Deve-se levar em conta, também, a atividade dos Espíritos responsáveis pela Terra, subordinados à Mente Sublimada de Jesus, que sempre atuaram sobre os dois planos, produzindo alterações e correções, sempre que necessário.

A esfera espiritual imediata, antes da aparição do Homem, com seus processos de ideação e pensamentos contínuos, deveria refletir os impulsos fragmentários da mente dos animais, em suas diversas etapas de evolução, o que traduzir-se-ia, do nosso ponto de vista, a um jogo de mudanças, em perpétua movimentação, e elaborações fantásticas, semelhante às produções artísticas do abstracionismo, ou melhor, a um caleidoscópio transcendente.

Com o aparecimento do Homem, ou seja, quando o Espírito atingiu a ego-consciência, o meio espiritual passou a refletir outra disposição pois, diferentemente dos animais, cujos espíritos não possuem uma longa erraticidade, o Espírito desencarnado demora-se, em média, largo tempo nas regiões invisíveis e assim, as projeções mentais de encarnados e desencarnados modelaram o aspecto físico de ambas. Todavia, a morfologia

da zona espiritual imediata à Terra continuava a refletir os processos mentais limitados do homem pré-histórico.

O advento de Espíritos imigrantes [137] como estudamos no capítulo 1, e aqui resumimos, transformou e definiu a estrutura do plano espiritual terrestre. Os imigrantes, como colonizadores que de fato eram [138], criaram modelos sociais avançados, com cidades e governo, muito antes de fazê-lo no plano físico, através da encarnação. Ali surgiram os primeiros núcleos avançados de civilização, que só muito mais tarde se implantaram entre os encarnados.

A Lei de Solidariedade entre os Mundos faculta o intercâmbio espiritual entre as comunidades planetárias. Da mesma forma como entre nós, os povos "civilizados" "colonizaram" os continentes descobertos entre os séculos XV e XVI, transferindo grupos de indivíduos para as regiões encontradas e para o meio dos grupos étnicos ali existentes, Espíritos intelectualmente evoluídos são trasladados para orbes em fase primária de evolução, cuja vibração geral de paixões violentas se coadunam com o nível moral daqueles.

As faculdades mentais desenvolvidas dos imigrantes e suas conquistas socioculturais aceleram o progresso mental e social dos "indígenas" que, sem a ajuda, gastariam vastos intervalos de tempo, contados aos milhões, para atingirem o "status" de Civilização.

Antes dessa providência, o progresso acontecia por influência direta dos dirigentes espirituais da Terra, que educavam grupos de hominídeos desencarnados, através de criações ideoplásticas, estimuladoras de suas funções psíquicas.

Assim, em traços gerais - em nosso modo de pensar -, processou-se a evolução da Terra Psíquica, para atingir a forma que hoje conhecemos.

Plasticidade da Matéria Espiritual

A matéria do mundo material, apesar de muito densa, é moldável através de esforço físico, desenvolvido por seus habitantes. É necessário um grande, e muitas vezes desgastante, trabalho para se erguer uma casa, fazer um jardim, cultivar uma plantação etc. Gasta-se muito tempo em planejamento, escolha, remoção e preparação de material, uso de ferramentas adequadas, emprego de certa quantidade de pessoas etc. Enfim, muito tempo e muito trabalho, dependendo do que se queira realizar. Tudo isto é próprio de um "mundo de provas e expiações".

A matéria do Plano Espiritual, todavia, é de extrema plasticidade reagindo a impulsos mentais diretos, que permitem esculpir formas no ambiente, de acordo com o modelo idealizado. A influência mental não precisa ser necessariamente consciente. As partículas do meio espiritual se aglutinam também em obediência a estímulos emanados do inconsciente dos seus habitantes.

Quando da morte, o Espírito se identificará com os mesmos traços que possuía quando encarnado, pois o psicossoma torna-se uma cópia do corpo físico, em todos os seus detalhes. Isto porque é a imagem mental a que o Espírito ligado ao corpo se habituou. Sim, pois o encarnado não tinha a mesma aparência antes da encarnação. O corpo material é fruto da estruturação genética dos pais que lhe deram origem, embora reflita em sua fisiologia as qualidades próprias do Espírito encarnante. O genótipo será sempre produzido pela herança física, enquanto as qualidades ou deficiências orgânicas serão devidas ao conteúdo "cármico" da entidade que retorna à experiência planetária. Esclarecemos:

qualidades ou defeitos produzir-se-ão pela atração automática, por afinidade, dos elementos cromossômicos, graças aos impulsos inconscientes do Espírito encarnante, ou atuação dos "Engenheiros Genéticos" da espiritualidade que venham a interferir no processo. Dizendo melhor, fora o caso de acidentes natais, que acontecerão por interveniência de fatores externos, tanto a boa quanto a má formação fisiológica dependerão de fatores hereditários; mas a escolha do material genético nunca será obra do "acaso", porém da conveniência energética do reencarnante. A mente, ao identificar pela vivência cotidiana sua nova morfologia, a reproduzirá no corpo espiritual, inconscientemente, e manterá a mesma conformação quando se desligar, pela morte orgânica, do corpo físico. Na verdade, já a reproduz no decorrer da própria encarnação, como pode ser provado pelos fenômenos de "desdobramento".

O tipo de morte física e o padrão evolutivo do moribundo serão decisivos na formação da ambiência em que passará a viver no Além, como também pelas condições físicas que apresentará.

O aspecto morfológico do corpo espiritual será, em caso de morte natural, a imagem mental que o falecido tinha de si mesmo, quando do decesso. É por isso que ocorre, muito geralmente, o fenômeno do Espírito se apresentar com o aspecto da idade cronológica que se imaginava, ou seja, mais jovem do que era realmente. Isto porque, em geral, a consciência cronológica que cada um tem de si próprio quase nunca corresponde à do corpo.

Dependendo da condição evolutiva e moral da pessoa, as mortes violentas, marcando a mente de forma indelével, se refletirá no Além, com o psicossoma exibindo as marcas dos traumatismos sofridos. As impressões dolorosas persistirão, inclusive com derramamento inestancável de sangue, produzido pela certeza ilusória de que os ferimentos são uma realidade. Com os suicidas o fenômeno é agravado pelo complexo de culpa e frustração, decorrentes da surpresa da continuidade existencial da qual o autocida imaginava-se livre. Nas reuniões de intercâmbio mediúnico se é testemunha da persistência das condições de sofrimento, nascidas da ignorância sobre o significado real da "morte", e do prosseguimento da vida em outra dimensão.

Da mesma forma, quando a morte é absolutamente inconsciente, o Espírito insciente tende a reproduzir o ambiente físico em que estava, se este fazia parte da sua rotina normal, durante a encarnação. A saudosa médium Yvonne Pereira narra um caso interessante. Na casa de um seu parente, no Rio de Janeiro, que se encontrava doente, estavam duas entidades, sendo que uma se havia suicidado, e vagava desesperada pela casa, a outra apresentava: "...a particularidade de se deixar ver deitada no soalho, sobre uma velha esteira e um travesseiro roto e seboso, sem fronha, e coberto com uns miseráveis restos de cobertor". "Tratava-se do fantasma de um homem de cor negra, regulando quarenta anos de idade, alto e corpulento, obeso, indicando enfermidade grave, pois dir-se-ia atacado de inchação geral, como quem padecesse de grandes males renais. Os pés, muito visíveis, estavam descalços e traíam inchação impressionante e a entidade se deixava ver muito pobremente trajada".

Prossegue a médium dizendo que a casa fora recém adquirida e reformada, mas erguida num terreno onde existira um casebre, demolido quando da construção: "...durante as lides domésticas, minha visão espiritual, ou o que quer que seja, talvez até mesmo a faculdade psicométrica do ambiente, surpreendia, no local da casa, um casebre, e, em vez do jardim com suas bonitas árvores e folhagens e o piso de cerâmica e cimento, um pobre terreno em ruínas, com canteiros de hortaliças ressequidas e alguns poucos galináceos

enfezados, além de utensílios imprestáveis esparsos por toda a parte". "...alguns dias depois, durante novo transe positivo de desdobramento em corpo astral, todo o panorama psíquico que se desenrolava no dito domicílio foi-me facultado pelo Espírito Charles, meu dedicado amigo espiritual". "...vi que desaparecera a casa atual e, em seu lugar, via-se apenas um terreno com um casebre construído em adobes, coberto de telhas velhas, com janelas minúsculas, sem vidros, e portas muito toscas, de tábuas grosseiras, e chão de terra batida. Algumas plantações já arruinadas se deixavam ver, tais como couves, quiabos, jilós, etc., e sobrepondo-se a todas, pela quantidade, arbustos de ervilhas com estacas de taquara". "Dois ou três galos de briga, tipo chinês, iam e vinham pelo terreno, ciscando e cacarejando. Lixo amontoado a um canto e sinais suspeitos de fogo em círculo indicavam a esterqueira para o adubo às plantas e também que o habitante do casebre fora dado à prática de magias, de 'macumba'...". "Um negro ainda moço, ou o seu Espírito, corpulento, simpático, cuidava das ervilhas com muita atenção, amarrando-as com tiras de 'imbira' às estacas. Usava camisa branca andrajosa, calças escuras com muito uso e sujas de terra, chapéu de feltro velhíssimo, e tudo oferecendo visão de extrema pobreza e decadência. Pés descalços, inchados, como que atacados de elefantíase, enquanto o corpo reluzia, deformado pela inchação". "...fui informada que a entidade chamara-se Pedro, quando encarnada, residira no casebre, e que, agora, desencarnada, continuava no mesmo local, fixando o pensamento no cenário passado e, por isso mesmo, construindo-o ao derredor de si, para seu desfruto ou seu infortúnio, á força de tanto recordá-lo, sendo, portanto, esse o seu 'ambiente imediato', ou seja, tipo de criação mental sólida, idêntica às analisadas pelo sábio professor Ernesto Bozzano em seu interessante livro 'A Crise da Morte'. O cenário dava, pois, até a mim mesma, a ilusão da mais positiva realidade, quando nada mais era que criação mental, inspirada nas recordações fortes do passado, sobre a matéria quintessenciada, ou força cósmica universal, disseminada, como sabemos, por toda parte" [139].

É um caso típico, que ilustra o que estamos estudando, e que já contém a explicação que vimos desenvolvendo. Note-se que a médium sublinha que o ambiente foi plasmado pelas reminiscência do Espírito. Como dizíamos linhas atrás, de forma inconsciente, pois a entidade, como a médium esclarece mais à frente, não sabia que já desencarnara. Possivelmente manteve-se inconsciente durante a passagem para o Além, não conseguindo entender o que acontecera consigo. A mente, todavia, se incumbiu de criar, sem participação da consciência da entidade, a mesma situação em que vivera os seus últimos meses, ou anos. Até o detalhe da plantação mirrada e, o que é mais interessante, os galináceos que se moviam de um lado para o outro, com todas as características das aves domésticas, que antes eram de sua propriedade. Nada "real" mas simples ideoplastias.

A médium rotula todo o conjunto de ilusão, com o que não podemos concordar. Como todas as construções no mundo espiritual, ela era uma realidade objetiva, conforme ela mesma podia verificar, porque a matéria espiritual foi organizada pelas vibrações mnemônicas do Espírito, edificando uma réplica exata da antiga propriedade. Era, dentro da realidade espiritual, tão sólida e consistente como os muros, as casas, os jardins e demais construções de "Nosso Lar", e de outras colônias do Plano Invisível. Assim como a médium em estado de desdobramento, qualquer outro Espírito poderia vê-la, tocá-la e senti-la.

A facilidade plástica da matéria no Além é uma espada de dois gumes. No caso de entidades como a citada, que ignoram essa propriedade, serve para prolongar a ilusão de que ainda se encontram encarnadas, mas ao mesmo tempo produz o benefício de evitar o

duro golpe da realidade, em almas que trazem no íntimo um grande pavor da morte, o que poderia levá-las à loucura, criando sérios problemas psicológicos, de erradicação difícil.

Percepções e Sensações no Mundo Espiritual

Os sentidos da organização psicossômica têm caráter global, isto é, acontecem em toda a organização organopsíquica, sem especializações rigorosas, como no organismo físico. Além do mais, vivendo em um meio de quatro dimensões (o mundo espiritual imediato à crosta terrestre), todas as sensações devem acontecer em configurações tridimensionais, sendo tratadas pela mente espiritual como um conjunto tetra dimensional. É só fazermos analogia com as sensações físicas, que se produzem numa situação bidimensional, mas são elaboradas no cérebro dentro de uma perspectiva tridimensional. Vejamos por exemplo a visão. Em nossa dimensão, o globo ocular recebe a projeção de uma imagem bidimensional, mas o cérebro, analisando o jogo de luz e sombra, lhe dá um tratamento tridimensional. No mundo tetra dimensional dos Espíritos, a visão deverá ser recebida pelo corpo espiritual como uma imagem tridimensional, mas o cérebro espiritual a tratará numa perspectiva quadridimensional, isto é, a visão abarcará o conjunto do objeto, como se visto de todos os ângulos, simultaneamente, dando-lhe também destaque de proximidade.

Na excelente obra, já utilizada por nós, Bozzano [140], ao transcrever um trecho do relato de um Espírito sobre a morte e primeiros momentos no mundo espiritual, encontramos o seguinte: "...A paisagem era plana e ondulada, muito semelhante, sob certos pontos de vista, às belezas rurais de meu querido pais natal... **Porém, o detalhe mais maravilhoso do panorama contemplado consistia nisto: que os objetos afastados não pareciam de modo algum diminuídos em suas proporções, por efeito das distâncias, como sucede no meio terrestre. A perspectiva se apresentava literalmente transformada. E não era tudo, pois que verifiquei então que percebia simultaneamente os objetos por todos os seus lados e não unicamente do lado exposto ao meu olhar, como sucede no mundo dos vivos**. Esta faculdade de visão amplificada e aperfeiçoada produz efeitos maravilhosos. **Quando se observa a superfície exterior de um objeto qualquer, vê-se-lhe o interior, o contorno e, através dele, o que lhe está além, donde resulta que a visão espiritual põe o observador em condições de penetrar integralmente o objeto observado**..." [141] .

Mais adiante, em outro relato sobre o mundo espiritual, lemos: "No mundo dos vivos, o sentido da vista põe o observador em estado de visualizar apenas um lado, um aspecto do objeto observado. **Aqui, vemos o objeto simultaneamente de todos os lados. Quer dizer que, quando olhamos uma coisa qualquer, não a vemos somente como vedes: penetramo-la em todas as suas partes. Vemos em torno e através dela, o que faz que cheguemos num instante, a ter conhecimento completo do que nos possa interessar**" [142] .

Os destaques em negrito são nossos. Eles demonstram como a percepção visual se amplia, no mundo dos Espíritos, como resultado da capacidade de perceber e elaborar mentalmente o quarto vetor dessa dimensão. As descrições chamam atenção para a alteração de perspectiva a que nos acostumamos, que mostra apenas uma face do objeto visualizado. Ganha-se, também, a capacidade de ver dentro e através das coisas, bem como de percebê-las em suas dimensões reais, apesar da distância. Esta última revelação nos

coloca diante do problema da exata significação de espaço, no Universo Espiritual, o que pode explicar uma série de fenômenos provocados pelos Espíritos, em nosso mundo pela mediunidade, onde o espaço e o tempo parecem estar ausentes, ou serem literalmente anulados.

Reencarnação

Mas, ao estudarmos o fenômeno da morte física, e o mundo espiritual, não podemos deixar de analisar o prosseguimento do esforço evolutivo. As religiões cristãs tradicionais idealizaram o Além-túmulo como um lugar de fixação definitiva da alma, seja numa boa condição, o Céu, ou numa de sofrimentos eternos, o Inferno. E isto seria o resultado de uma única existência terrestre, com a alma tendo sido criada no momento mesmo da fecundação. Ora, esta visão da vida e do destino é um insulto à lógica, e não consegue sobreviver à análise crítica, por mais superficial que seja.

Essas mesmas religiões afirmam a existência de um Deus Soberanamente Justo, Infinitamente Bom, Paciente, Poderoso e, acima de tudo, Infinitamente Amoroso, Criador de tudo o que existe, inclusive as invisíveis à nossa percepção normal. Este Ser, ao criar as almas no instante da concepção, as criaria sem qualquer mácula, portanto inocentes. Tabulas rasas, onde a educação e o Livre-arbítrio escreverão uma história de vida.

Se todas as almas tivessem as mesmas oportunidades de educação e desenvolvimento, claro está que o modelo até poderia funcionar, embora denunciasse uma infinita falta de imaginação do seu Criador. Dentro das mesmas condições de inteligência, habilidades, saúde física, recursos psicológicos, nível social e capacidade de aprendizado, seria possível se aferir, após uma existência de duração igual, os erros e acertos, ditando-se um veredicto definitivo para cada um, segundo o que houvesse realizado, depois de alcançar uma idade onde a responsabilidade sobre as conseqüências de todos os atos pudessem ser ponderadas e arcadas, dentro de critérios lógicos de Razão, e em pleno gozo de todas as possibilidades físicas e psíquicas.

Acontece, porém, que a vida humana é completamente diferente do que acabamos de enumerar. As disparidades sociais, físicas e psíquicas são a tônica em que se expressa. Temos, de um lado, povos primitivos, vivendo ainda na era da pedra lascada, praticando a coleta de alimentos, algumas vezes o canibalismo, e vários costumes estranhos; outros porém, alcançaram elevado nível de cultura, tecnologia, higiene, saúde, lazer, educação, vida social etc.

As nações do Terceiro Mundo apresentam um brutal contraste social, onde a injustiça se expressa nas diferenças entre as classes miseráveis, que amargam a fome, morando ao relento ou em aglomerações insalubres, sobrevivendo à custa de esmolas pura e simplesmente, ou com salários aviltados, sofrendo elevada taxa de mortalidade infantil, sem acesso à mais mínima possibilidade de educação, chegando a coletar restos de alimentos atirados nos depósitos de lixo, com se fossem animais; e as classes abastadas, que esbanjam luxo, têm acesso aos mais sofisticados colégios, recursos médicos e hospitalares, vivendo em mansões ou apartamentos ricamente decorados e mobilados, onde se podem encontrar toda a gama de engenhos elétrico-eletrônicos criados pela tecnologia e podendo desfrutar de lazeres variados.

Os indivíduos, por sua vez, apresentam-se nos mais diferentes aspectos morfopsicológicos, os quais vão da beleza mais deslumbrante à mais repulsiva fealdade; da higidez exuberante ao mais precário estado de saúde; do uso completo das faculdades mentais à loucura extrema; da inteligência brilhante à idiotia; do pleno uso de sentidos e membros às mais diversas formas de deficiências físicas etc, além das mutilações provocadas por acidentes incontornáveis.

No plano moral, distribuem-se os homens numa variada gama entre o mais elevado altruísmo e a criminalidade mais perversa; a honestidade mais resoluta e a inescrupulosidade mais cínica; o pacifismo entranhado e o belicismo criminoso; o mais acendrado respeito pelos direitos humanos e a perversão torturadora mais repulsiva; a virtude mais acendrada e a viciosidade mais torpe; o amor sublime e o ódio incondicional; a tolerância e o fanatismo; a fraternidade e o egoísmo; a dedicação completa e a traição vil; e assim sucessivamente.

Num tal complexo fisiopsíquico, onde a maior parte das vezes os desvios morais são o resultado de graves desvios educacionais, por influência de ambientes sociais e familiares distorcidos, e aparentes condições aleatórias hereditárias e existenciais, como estabelecer sentenças definitivas e irrecorríveis ao final de uma existência? Existência que, por sua vez, possui as mais diversas durações, indo do aborto ao natimorto, ou terminando nas idades mais variadas?

A ideologia da unicidade das vidas é a mais grotesca blasfêmia que o cérebro humano concebeu. Faz de Deus um déspota arrogante e cruel, pior do que os mais pervertidos governantes que o mundo conheceu e conhece. Sua propagada Justiça se transforma no arbítrio mais perverso de que se tem notícia, numa farsa inominável. Seu Amor num abjeto jogo de preferências, e Sua Bondade numa mistificação sem limites.

As revelações mediúnicas tiveram o condão de retificar esses conceitos espúrios, nos fazendo vislumbrar, com a reencarnação, que o Criador é, sem dúvida alguma, o Ser com o alto grau de atributos nobres, como os religiosos sempre intuíram, embora seus sistemas desmentissem tal intuição. Com ela, a Misericórdia e a Justiça Divinas passam a ser compreensíveis, por conviverem lado a lado, nas variadas possibilidades de evolução e retificação de desvios que oferece ao Espírito, fadado à perfeição pela sua constituição original, e não ao erro por um pretenso "pecado original", que de original só possui a irracionalidade dos que o imaginaram e se aferram a ele.

Revelações sobre a existência da reencarnação foram inseridas, de forma gradual, nos relatos espirituais. As comunicações recebidas por médiuns como Emmanuel Swedenborg e Edward Irving não tocavam no problema, dando a entender que a evolução espiritual aconteceria no Universo Espiritual, após o decesso físico [143]. O primeiro reproduziu o pensamento dominante no Cristianismo Católico de Céu, Inferno e Purgatório. Segundo o Vidente Sueco, as almas dos mortos iam para a zona purgatória, onde era feita a triagem espontânea dos bons e dos maus, indo os primeiros para o Céu e os outros para o Inferno.

Desde o início das mensagens espíritas houve entidades que afirmaram a inexistência da reencarnação, ou ignoraram sua existência. A esse respeito eis as questões postas e respondidas pelos Espíritos [144]: "Como a alma, que não conseguiu atingir a perfeição durante a vida corporal, pode acabar de se purificar? **Sofrendo a prova de uma nova existência". "Como a alma efetua essa nova existência? É por sua transformação como Espírito? A alma, em se purificando, experimenta sem dúvida uma transformação, mas para isto lhe é preciso a prova da vida corporal"**. "A alma tem, portanto, várias existências corporais? Sim, todos nós tivemos várias existências. **Aqueles que dizem o contrário querem vos manter na ignorância em que eles mesmos estão; é o seu desejo"**.

Esse é o ponto fundamental da discussão sobre o problema. O Universo Espiritual possui uma população tão complexa quanto o Universo Material. Para lá se dirige, diariamente, um expressivo contingente de Espíritos, cada qual no seu nível evolutivo

próprio, carregado de sentimentos, emoções, idéias, crenças, preconceitos etc. A morte não transforma essa realidade, porque "natura non facit saltus" (a natureza não dá saltos). Allan Kardec entendeu isso de imediato, ao começar a lidar com os comunicantes espirituais: "Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo outros que as almas dos homens, não possuíam nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência, e que o seu saber era limitado ao grau de seu adiantamento, e que sua opinião não tinha maior valor do que uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o princípio, me preserva do grave escolho de crer em sua infalibilidade, e me impede de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns" [145] .

Desde que não existe mudança radical na personalidade dos que morreram, não se pode daí chegar à conclusão de que o contato com eles para nada servisse, pelo contrário: "O fato apenas da comunicação com os Espíritos, o que quer que fosse que eles pudessem dizer, provava a existência do mundo invisível ambiente; isto era de logo um ponto capital, um campo imenso aberto às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados; o segundo ponto, não menos importante, era o de conhecer o estado desse mundo, seus costumes, se assim se pode exprimir; vi desde cedo que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvelavam uma fase, absolutamente como se chega a conhecer o estado de um país, interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, cada um podendo nos ensinar alguma coisa, e nenhum, individualmente, não podendo nos ensinar tudo. Cabe ao observador formar o conjunto com a ajuda de documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados e controlados uns pelos outros. Procedi portanto com os Espíritos como teria feito com os homens; eles foram para mim, desde o menor até o maior, meios de me instruir e não *reveladores predestinados"* [146] .

Para que bem se possa entender a diversidade de mentalidade e caráter encontradiços no Plano Espiritual foi construída uma classificação sobre os níveis evolutivos que se podem encontrar nele, que resumimos a seguir: "Primeira Ordem: Espíritos Puros. *Caracteres gerais*. - Nula influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens. *Primeira classe. Classe única*. - Percorreram todos os degraus da escala e se despojaram das impurezas da matéria. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, é para eles a vida eterna, que eles realizam no seio de Deus".

"Segunda Ordem: Bons Espíritos. *Caracteres gerais*. - Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seus poderes para fazer o bem estão na razão do grau que hão atingido: uns têm a ciência, os outros a sabedoria e a bondade; os mais avançados reúnem o saber às qualidades morais. Compreendem Deus e o infinito, e prelibam desde já a felicidade dos bons. Eles são felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma felicidade inefável, não alterável nem pela inveja, nem pelos remorsos, nem qualquer das más paixões, que fazem o tormento dos Espíritos imperfeitos, mas todos têm, ainda, provas a sofrer, até que tenham atingido a perfeição absoluta". "A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares sob os nomes de gênios bons, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância se lhes fizeram divindades benéficas". "*Quinta classe. Espíritos Benfazejos*. - Sua qualidade dominante é a bondade; eles se comprazem de prestar serviços aos homens e de lhes proteger, mais seu saber é limitado: seus progressos se realizaram mais no sentido moral que no sentido espiritual. "*Quarta classe. Espíritos Sábios*. - O que

os distingue, especialmente, é a extensão de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as questões científicas, para as quais têm mais aptidão; mas não enxergam a ciência senão do ponto de vista da utilidade, e não lhe misturam qualquer das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos. *Terceira classe. Espíritos Sábios*. - As qualidades morais de ordem mais elevada formam seu caráter distintivo. Sem possuir conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes dá um julgamento são sobre os homens e sobre as coisas. *Segunda classe . Espíritos Superiores*. - Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem não inspira senão o bem-fazer; é constantemente digna, elevada, geralmente sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos darem noções as mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, nos limites do que é permitido aos homens conhecerem". "Quando, por exceção, eles se encarnam sobre a Terra, é para cumprir uma missão de progresso e nos oferecem então o tipo de perfeição à qual os homens podem aspirar aqui embaixo".

"Terceira Ordem. - Espíritos Imperfeitos. Caracteres Gerais. - Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que se lhes seguem. Têm a intuição de Deus, mas não O compreendem. Não são todos essencialmente maus; entre alguns, existe mais superficialidade, inconseqüência e malícia do que maldade verdadeira". "Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia. Mas qualquer que seja seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos". "Eles não nos podem dar senão noções falsas e incompletas; mas o observador atento encontra geralmente em suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação de grandes verdades ensinadas pelos Espíritos Superiores. Conservam as lembranças e a percepção dos sofrimentos da vida corporal, e esta impressão é geralmente mais penosa do que a realidade. Pode-se dividi-los em cinco classes principais: *Décima Classe. Espíritos Impuros*. - São inclinados ao mal e fazem dele objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, insuflam a discórdia e a desconfiança, e tomam todas as máscaras para melhor enganar". "Nas manifestações, se os reconhece pela linguagem; a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, é sempre um índice de inferioridade moral, senão intelectual. Certos povos fizeram deles divindades malfazejas, outros os designam sob os nomes de demônios, gênios maus, Espíritos do mal. *Nona Classe. Espíritos Levianos*. - São ignorantes, maliciosos, inconseqüentes e zombeteiros. Misturam-se em tudo, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade. Comprazem-se em causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, provocar aborrecimentos, induzir, maliciosamente em erros, por mistificação e travessura.. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados sob o nome de diabretes, trasgos, gnomos, duendes. Eles estão sob a dependência dos Espíritos superiores, que geralmente os empregam como fazemos com os servos. *Oitava Classe. Espíritos Pseudo-Sábios*. - Seus conhecimentos são extensos, mas crêem saber mais do que sabem em realidade. Havendo realizado alguns progressos em diversos pontos de vista, sua linguagem tem um caráter sério, que pode dar falsa impressão sobre suas capacidades e suas luzes; mas são, geralmente, um reflexo dos prejuízos e das idéias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades, respaldando os erros mais absurdos, no conjunto das quais se percebe a presunção, o orgulho, o ciúme, e a teimosia da qual não puderam se despir. *Sétima Classe. Espíritos Neutros*. - Não são nem muito bons para fazerem o bem, nem muito maus para fazerem o mal; se inclinam tanto para um quanto para o outro e não se elevam acima da condição vulgar da humanidade, tanto pela moral quanto pela inteligência". *Sexta Classe. Espíritos batedores e perturbadores*. - Esses

Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta, no que diz respeito a suas qualidades pessoais; podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Eles manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, tal como os golpes, o movimento e o deslocamento anormal dos corpos sólidos, a agitação do ar, etc. Parecem, mais do que os outros, ligados à matéria"[147].

Vai daí que, o simples contatar com Espíritos, através da mediunidade, não oferece a garantia de que se o está fazendo com entidades que possuam todo o saber. É necessário um critério de ratificação das revelações que venham a fazer: "O primeiro controle é, sem contradita, aquele da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que se possui, por qualquer nome respeitável que ela seja assinada, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto e em muitos casos, por causa da insuficiência de luzes de certas pessoas, e da tendência de muitos a tomarem seus próprios julgamentos por único árbitro da verdade". "A concordância no ensino dos Espíritos é portanto o melhor controle; mas é necessário ainda que ela tenha lugar sob certas condições. A mais insegura de todas é a de que um médium interrogue ele mesmo vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é bem evidente que, se ele está sob o império de uma obsessão, ou se é o caso de um Espírito mistificador, este Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferente. Não existe, pois, garantia suficiente na conformidade que se possa obter pelos médiuns de um só centro, porque podem sofrer a mesma influência. *A única garantia séria do ensinamento dos Espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas, espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos países*"[148].

No que se refere ao intercâmbio mediúnico, o primeiro cuidado ao analisar as comunicações espirituais, deve ser o de se buscar enquadrá-las, bem como seus signatários, nos critérios acima expostos, para se chegar a um razoável grau de estabelecimento da credibilidade delas. A análise das mensagens primitivas nos colocam diante de dois fatos principais: o primeiro diz respeito à oportunidade dos Espíritos tratarem de assuntos polêmicos, como a reencarnação, quando estavam tentando chamar a atenção para os fatos, já controversos em si mesmos, da imortalidade e da comunicação entre encarnados e desencarnados; nessas condições, o tratar das vidas sucessivas seria complicar mais ainda as discussões levantadas pelos eventos mediúnicos, criando maior oposição do que já havia. O segundo é que, dada a falta de uma estrutura teórica definindo e normatizando a prática mediúnica, os contatos com os Espíritos se faziam à deriva, geralmente sem qualquer critério, nem preparação psíquica adequada, dando ensejo à comunicação de Espíritos sem maiores conhecimentos; não podemos esquecer que as primeiras manifestações tinham um caráter eminentemente físico, e tais fenômenos são, na sua quase totalidade, produzidos por Espíritos ainda muito ligados à vida física, imbuídos portanto de seus prejuízos e preconceitos.

Foi somente quando se passou a ter - depois de muitas dificuldades, embustes e obsessões -, uma visão mais clara sobre os Espíritos e suas diversidade de conduta moral - bem como pelo aprimoramento das formas de comunicação e pela disseminação das mensagens por via subjetiva, os chamados *Efeitos Inteligentes* -, é que os temas filosóficos e religiosos, tais como a palingenesia, entraram em linha de debate.

Nos países anglo-saxãos a reencarnação já se estabeleceu como doutrina espiritual, há muito tempo. Nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, a tese das vidas múltiplas foi apropriada por psiquiatras e psicanalistas, sendo utilizada como fundamento

terapêutico, na denominada “Terapia de Vidas Passadas” [149], com resultados notáveis na cura de problemas psíquicos, onde os processos associativos tradicionais não conseguem solução efetiva. Na Inglaterra, igualmente, o New Spiritualism já se rendeu à palingenesia, rompendo o tradicional negativismo que ali imperava.

A Transcomunicação Instrumental (TCI), agora em voga nos países continentais da Europa, tem divulgado mensagens afirmativas da existência dos ciclos reencarnatórios para os Espíritos, como podemos verificar pelas amostras exibidas nos diversos livros já escritos sobre o assunto. É bom notar que a TCI apresenta a mesma confusão em termos de conteúdo das mensagens dos Espíritos, como as de TCM (Transcomunicação Medial ou Mediúnica) do período que vai de 1848 até 1857, quando o Espiritismo colocou as coisas nos seus devidos lugares, inaugurando a época da análise racional deles, como acabamos de ver.

Assim, a reencarnação vem sendo confirmada por todas as formas de comunicação com os Universos Espirituais. Fica claro o seu caráter de Lei da Natureza, expressa desde o passado mais longínquo, sendo que os povos da Índia foram os mais fortes difusores da sua existência.

Os Espíritos estão submetidos à Lei de Evolução. Essa Lei especifica que todos os seres e coisas progridem, gradativamente, de uma situação inicial amorfa e simples, para níveis sempre crescentes de complexidade.

Após a morte vem um período de aclimatação à realidade espiritual, no qual o Espírito se readapta ao “hábitat” para o qual voltou. Passado um tempo, variável para cada Espírito, impõe-se a necessidade de retorno à vida física, para seqüência do aperfeiçoamento evolutivo.

Não se poderá evoluir, também, como Espírito, sem a necessidade do corpo físico? Naturalmente que podem ser feitos progressos no mundo invisível, e são feitos em realidade. Tais avanços, todavia, são muito lentos, dadas as leis específicas que vigoram no plano espiritual, sendo a principal a Lei da Aglutinação por Afinidade, a qual, automaticamente, reúne os Espíritos assemelhados vibratoriamente, inscrevendo-os em níveis específicos do Universo Espiritual onde estejam habitando.

As coletividades pois, que ali se formam, o fazem de maneira compulsória, com exclusão automática dos que não se afinem com o seu padrão psíquico médio. Tornam-se, portanto, unidades coletivas onde seus elementos se reforçam, mutuamente, nos defeitos ou qualidades que possuem em comum.

As sociedades espirituais, portanto, impõem um tipo básico de comportamento, com forte repressão dos que entram em conflito com ele. Ajunte-se a isso o fato de que no mundo dos Espíritos é impossível a dissimulação e o disfarce, pois o inconsciente extravasa-se para o meio ambiente , de forma incontrolável, mostrando o que cada qual é, de fato, interiormente. Da mesma forma, a interação telepática se faz com toda a facilidade, podendo-se perceber pensamentos e emoções íntimas, muito facilmente. Tal situação força a manutenção de formas de conduta não naturais, porque fruto da pressão sistêmica. Para clarear o raciocínio: numa cidade espiritual é impossível uma vida mental diferente daquela estabelecida pelo conjunto dos seus habitantes. Os impulsos, as idéias, as emoções e os hábitos menos dignos, comuns na Terra, onde a privacidade mental é impositivo da matéria mais densa, são rigorosamente reprimidos, sendo, inclusive, os que persistirem neles, expulsos sem maior contemplação. É um processo rígido de Seleção Natural, onde os mais aptos moralmente ditam o padrão de comportamento coletivo. A ambiência psíquica da cidade favorece e estimula, por todos os meios e modos, os sentimentos mais nobres do ser,

com repressão vigorosa do seu lado escuro. É, portanto, impossível se aferir se um Espírito nessa sociedade, ou em outras semelhantes, está sendo bom e nobre porque já conquistou tais virtudes, ou se o é, simplesmente, porque o meio o faz ser.

Somente a volta ao planeta, num corpo físico, onde o Espírito têm de viver numa psicosfera negativa, e onde todos os seus impulsos inferiores são constantemente estimulados, pode decidir se ele é possuidor, efetivamente, da conduta enobrecida que o caracterizava quando no mundo espiritual.

A compreensão da palingenesia nas religiões Orientais é diversa da que existe no Ocidente. Aquela é uma visão negativa do destino, por entender a encarnação como um fator negativo, gerando uma atitude conformista estagnante, com reflexos profundamente prejudiciais no desenvolvimento social; esta é dinâmica, por ver a reencarnação como instrumento fundamental de progresso, e a existência física como etapa imprescindível do processo evolutivo. Enquanto o Oriente menospreza a vida corporal, aqui se a valoriza, sem superestimá-la. A conseqüência é que o conceito de existências sucessivas se transforma em fonte de estímulo ao crescimento individual e coletivo, porque explica ao homem que ele é o responsável direto pelos problemas e infortúnios pessoais, bem como da coletividade em que vive, e da própria humanidade como um todo, cabendo-lhe transformá-la para melhor, através de um esforço sistemático de reeducação moral, e cooperação positiva com seus companheiros de jornada evolutiva.

A Lei de Causa e Efeito

Assim como a estrutura física do nosso Universo, a vida espiritual é regida pela Lei de Causa e Efeito, ou Lei da Justa Retribuição. Esta Lei estatui que todos os atos, pensamentos e emoções do Ser Espiritual geram conseqüências, pelas quais se torna responsável de forma automática. No Hinduísmo recebe a denominação sânscrita de carma, palavra cujo significado mais comum é ação, em referência à base de sua especificidade.

Como toda e qualquer Lei da Natureza, a de Causa e Efeito não é boa nem má, sendo, portanto, valorativamente neutra. Ela acompanha de perto o livre-arbítrio individual e coletivo, fixando as responsabilidades individuais no agir existencial. O processo evolutivo, em todos os níveis, é permeado por ela, e podemos mesmo afirmar que a Lei da Justa retribuição é o seu motor principal. Nos estágios primitivos do desenvolvimento espiritual atua de maneira automática, gerando as experiências de matar e ser morto, caçar e ser caçado, alimentar-se e, por sua vez, tornar-se alimento.

Nos planos da autoconsciência, entretanto, sua ação fica submetida ao critério da vontade, o qual pode determinar o grau, extensão ou pura e simples extinção de sua aplicabilidade, no caso de resultantes de comportamentos negativos. Isto significa que ações positivas têm o condão de diminuir, suspender ou fazer cessar os retornos das ações infelizes. É importante notar que semelhante interferência inibitória pode ser de duas espécies: auto ou hetero induzidas, ou seja, o próprio indivíduo pode controlar parcial ou totalmente a aplicação do carma, como outra pessoa pode realizar a mesma coisa. As curas levadas a efeito por Jesus são o exemplo maior que podemos citar, numa série inumerável. Isto acontece porque, assim como no nível físico, existe um imenso cabedal de Leis Espirituais que interagem entre si, produzindo efeitos diversos, sendo a quase totalidade por nós desconhecida, devido à falta de empenho em descobri-las. Podemos exemplificar com uma analogia simples: a Lei da Gravidade, em nosso planeta, estabelece que todos os corpos são atraídos para o seu centro, todavia, as Leis da Aerodinâmica postulam que, em

determinadas condições, aquela pode ser anulada, conforme sabemos. Por outro lado, não podemos esquecer que todas as Leis são estruturadas por complementares antagônicos, como se pode verificar no caso da atração que, automaticamente, gera a repulsão, o que é estabelecido pela Lei do Equilíbrio Fundamental. Da mesma forma, lembremos que as normas jurídicas das sociedades humanas prevêem o indulto, a liberdade condicional e o "hábeas-corpus" como remédios legais, aplicáveis a circunstâncias específicas.

A Lei de Causa e Efeito explica, em parte, os problemas que abordamos no início deste capítulo. Dizemos em parte porque nem toda situação de carência, física, psíquica ou social tem caráter punitivo, mas também de aprendizado, isto porque a Lei de Causa e Efeito não produz fatalismo cego e incontornável. Um Espírito pode escolher renascer numa situação de extrema penúria, para experimentar dificuldades que lhe desenvolvam a disciplina, resistência aos infortúnios, a capacidade de enfrentar obstáculos etc., por uma questão de aprimoramento, e não por causa de erros cometidos quando no usufruto de situação abastada em vidas transatas. Vejamos um exemplo: Uma jovem descobre ao se casar que é estéril. Uma dedução apressada levaria a se entender que isto é uma punição por abortos cometidos em existência anterior. Mas, poderia se dar o caso dela ter solicitado tal condição para desenvolver o sentimento de maternidade com crianças adotadas, isto é, aprender de que o amor materno não é produto de um parto físico, exclusivamente, mas do parto psicológico que os cuidados diários que a criança requer, produz. A esterilidade também pode ser requisito necessário para uma vida de trabalhos importantes em benefício da humanidade, quando deixa de ser um "castigo" para se transformar num sacrifício de amor pelo coletivo.

Além do mais, tenhamos em mente que resgate, prova ou expiação, traduzem situações de aprendizado e crescimento. **É necessário que percamos o hábito infeliz, herdado das religiões dogmáticas, de analisar os problemas existenciais numa perspectiva deprimente de "crime e castigo**".

A Lei de Causalidade Psíquica é também responsável pelas situações de alegria e felicidade que fruímos, por nos devolver, inapelavelmente, o resultado das ações nobres e altruísticas por nós praticadas, tanto nessa como em vidas passadas. Isto nunca será demais enfatizar pois, sem qualquer sombra de dúvida, é o objetivo essencial dessa Lei.

8. Aprendendo o Conceito de Vida Imperecível

Introdução

A única certeza que temos, na existência, é que o nosso corpo vai morrer a qualquer momento. Sendo uma fatalidade inexorável, deveremos buscar conhecer tudo a respeito da hora final. Afinal de contas, é um momento decisivo, uma solução de continuidade em todos os sonhos, projetos e trabalhos. Para o materialista, a morte física significa um desastre, por isso ele lhe tem um indescritível pavor, tudo fazendo para não pensar nela. Da mesma forma, o crente titubeante vive amedrontado por esse "sinistro espectro", que com sua foice terrível pode colhê-lo para um confronto com o "Excelso Tribunal". Esses, muito naturalmente, não haverão de querer nem ouvir falar numa "preparação para morrer".

Enquanto Hamlet dizia: "morrer, dormir, sonhar talvez", o contato com os fenômenos mediúnicos proporcionam a certeza inabalável que a morte do corpo é o momento do despertar para a "vida verdadeira". A encarnação sim, é um estado dormente e, para muitos, um pesadelo de angústias e sofrimentos.

O nosso estudo vem demonstrando o quanto se faz necessário aprender sobre a morte como um processo de mudança de situação dimensional. O ensinamento sobre o que é o Além, e os problemas que enfrentam os moribundos, à luz dos inúmeros exemplos que as comunicações mediúnicas nos trazem, são de extrema valia para uma "educação para a morte", que deveria se tornar prioridade nos cursos, seminários e congressos que as instituições espíritas realizam, constantemente.

Um sem-número de sofrimentos seria evitado, com um aumento de entradas mais tranqüilas, na pátria espiritual, e facilitaria o processo de atendimento dos desencarnantes, por parte das equipes espirituais, dando maior produtividade a seus trabalhos de socorro.

Da mesma forma, melhorar-se-ia a atitude dos encarnados face aos seus parentes e amigos que morressem. Sabemos o quanto os Espíritos em processo de libertação do corpo, ou recém desencarnados, sofrem pelas projeções dos pensamentos de tristeza e desespero dos que ficam. Em geral, por causa da ignorância, nos tornamos em algozes cruéis dos nossos "mortos", torturando-os duramente, num momento em que deveriam receber vibrações de fortalecimento e tranqüilidade.

Por outro lado, a certeza da imortalidade pessoal promove uma profunda mudança na maneira de encarar a existência e seus problemas. A "angústia" do homem face à morte, que aterrorizava Sartre e todos os materialistas, se desfaz e seu lugar é tomado pela tranqüilidade e pela certeza de que sonhos e aspirações, construções e esperanças nunca terminarão bruscamente. O amor igualmente nunca terá fim, mas evoluirá sempre e sempre, deixando os limites estreitos do egoísmo para se universalizar. Mas, para se lograr estes objetivos é preciso fazer todo um trabalho de reformulação de conceitos; reeducar os que já se encontram em plena caminhada existencial e educar os que a estão iniciando.

Reformulação de Conceitos sobre a "Morte"

A época mais indicada para se proceder à educação positiva dos indivíduos com relação à morte é, sem dúvida, durante a infância. Período em que se fixam os hábitos e costumes básicos, que haverão de formar a personalidade desenvolvida, é nele que podemos imprimir no Espírito, que começa uma nova etapa de aprendizado, o conceito de

morte como uma simples transição para um “outro mundo”, bem mais rico em fenômenos e possibilidade, do que este. **A** criança deve ser levada naturalmente a tomar consciência de que a "morte" é um fenômeno tão natural quanto nascer. Que morrer não é uma tragédia, pelo contrário, significa libertação e oportunidade de realizar muito mais em benefício dos outros e, naturalmente, de si mesmo. **Claro está que a implantação dessa visão positiva da morte, deve ser acompanhada de outra: a da valorização do corpo e da oportunidade reencarnatória, para não se incentivar uma tendência ao descuramento da oportunidade da existência atual, nem um relaxamento em relação ao organismo.** É aí que o conceito das "vidas sucessivas" tem um papel importante, pois ensina a valorizar o estágio corporal como oportunidade imprescindível para o crescimento individual, para a construção da felicidade e da harmonia interior.

A meta mais importante, nesse contexto, é colocar a morte como “uma ilusão entre duas expressões da mesma vida”. Conscientizar que só existe, e apenas pode existir, vida. “Morte” é um conceito superado, desde que as comunicações mediúnicas, como tivemos oportunidade de constatar, demonstraram que a individualidade, as emoções, a inteligência e o afeto continuam indenes, após o colapso total das forças físicas. Ora, sendo assim, ter medo de quê? de perder o corpo? Mas, a reencarnação nos mostra que já os possuímos vários, e que a perda deles não nos prejudicou em coisa alguma, simplesmente porque o corpo é uma coisa transitória, de uso breve. A sua importância reside na oportunidade que faculta de aprendermos, na Terra, a exercitar as energias espirituais, num ambiente hostil e constringente como o do planeta.

O maior obstáculo a uma visão clara e tranqüila da morte são os apegos doentios a situações, ambientes, pessoas, posições, propriedades, coisas e às próprias sensações corporais. Valorizando em demasia tais circunstâncias, e a elas se ligando como se fossem um fim em si mesmas, o homem gera sofrimentos, angústias, medos e aflições absolutamente desnecessários. Jesus avisou que onde estiver o nosso tesouro, aí estará o nosso coração e, apontou o meio de nos livrarmos dos problemas oriundos do apego: procurarmos o Reino de Deus, isto é os bens espirituais elevados, e sua retidão pois, em conseqüência, os materiais virão até nós, nos pertencendo sem quais seqüelas. Siddhartha Sakia Muni, o Buda, descobriu que a raiz de todo mal está no desejo, o qual gera apegos que dificultam a evolução. É necessário pois um processo educativo sistemático sobre o uso dos bens e sensações materiais, inteiramente subordinado a condições de aprimoramento e crescimento espiritual. E, como a "raiz de todo mal" está no egoísmo, tanto a família quanto a sociedade deve se reestruturar para fazer desaparecer esta "chaga", tanto do indivíduo quanto da coletividade.

O "medo de morrer" é tão forte em nossa espécie que mesmo aqueles que lidam com a mediunidade, e nela acreditam, costumam criar falácias primorosas para disfarça-lo. Argumentam que “ainda precisam realizar muitas coisas”, tentando iludir-se e iludir aos outros. Na verdade estão é apegados aos problemas materiais, que não desejam abandonar. Outros argumentam: “preciso me preparar melhor”, atestando que estão sem nada fazer com relação à reforma interior, obrigação precípua de qualquer espírita. Desde quando se esteja envidando esforços nesse sentido, a argumentação não procede, porque o esforço empenhando na consecução de tal objetivo já os credencia a uma entrada tranqüila na pátria espiritual. O simples admitir que necessita de preparação maior, como desculpa para o medo de morrer, implica em que não estão se empenhando tanto quanto deviam.

A educação de todos nós para uma "vida permanente" é um grande benefício, principalmente, no momento em tenhamos de deixar o corpo. O conhecimento do que

significa a morte e o morrer fortalece quem passa pelo transe, evitando muitos sofrimentos. É Por causa disto que os tibetanos têm um ritual interessante, descrito no "Livro dos Mortos" de sua crença. Um sacerdote, ao lado do agonizante, lhe explica cuidadosamente o que está acontecendo e o que ele deve esperar, bem como os meios e modos de se proteger. Se pode alegar que muito do que é dito é fruto de superstição, todavia é um importante auxílio no "instante supremo".

De posse do recurso precioso da mediunidade e das comunicações espirituais, temos oportunidade de criar um hábito semelhante ao descrito, onde se explique a quem está em processo de desligamento do corpo físico o que ocorre, incentivando-o a verificar os fenômenos que ocorrem e a fazer da prece um instrumento de pacificação que facilite a libertação.

Origem do "Medo de Morrer"

A constatação de que já vivemos várias vidas, tendo passado inúmeras vezes pela "crise da morte", levanta uma questão interessante: por que, já sendo veteranos em "morrer", os encarnados, em imensa maioria, têm medo da "morte"?

À primeira vista se pensa logo no instinto de conservação da espécie. Sem dúvida que este impulso inconsciente de manutenção da existência é uma realidade, que pode ser comprovada sem muito esforço. Mas se apresenta uma contradição: o Espírito, havendo passado por tantas desencarnações, quantas foram suas encarnações, já deveria ter igualmente um impulso, também inconsciente, de neutralização do medo da morte. Isso contudo não se dá, como sabemos, a não ser em circunstâncias extremas até no mundo animal, onde a força de auto preservação é mais intensa.

Na espécie humana, além de influências externas, pressões psíquicas podem superar o instinto de conservação, tendo como resultado a morte somática. É o caso das obsessões, tanto endógenas como exógenas, que fazem surgir um "complexo de tanatos", o qual leva o indivíduo a matar o próprio corpo, tanto de forma ostensiva, por auto-agressões definitivas, como indireta, pela opção por ações que levam, inevitavelmente, ao decesso físico. O fato de outras condições psicológicas conduzirem ao suicídio é deveras elucidativo. Indica que existe de fato no inconsciente a certeza da continuidade da existência, mesmo que mascarada no consciente pela idéia do "morreu acabou". Acreditamos que os psicólogos espíritas poderiam aprofundar mais a questão, esclarecendo melhor a problemática do suicídio, em suas razões fundamentais.

Os Espíritos afirmam que os instintos pertencem ao corpo. Inquiridos se o homem possuía duas almas, uma espírita e outra animal, e se os maus instintos derivariam da Segunda, responderam: "Não, o homem não tem duas almas. Mas o corpo tem seus instintos, que são o resultado da sensação dos órgãos. Ele tem em si uma dupla natureza: a natureza animal e a natureza espiritual; por seu corpo, ele participa da natureza dos animais e de seus instintos; por sua alma, ele participa da natureza dos Espíritos". "A alma do animal e a dos homens são distintas uma da outra, de tal sorte que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas se o homem não tem alma animal que o coloque, por suas paixões, ao nível dos animais, ele tem o seu corpo que o rebaixa, geralmente, até eles, porque seu corpo é um ser dotado de vitalidade que tem instintos, mas ininteligentes e limitados ao cuidado de sua conservação" [150] .

Fica, então, patente que os instintos estão ligados ao corpo. Cabe agora perguntar como pode ser isso, para que a resposta se delineie a partir de uma ilação lógica.

O corpo físico é formado por trilhões de células, as quais formam os tecidos, que por sua vez dão origem aos órgão, os quais, reunidos por funções, constituem os aparelhos e sistemas.

Particularizando a célula, sabemos que, de maneira geral, é composta de: membrana plasmática, ou ectoplasma, que limita a parte externa do corpo celular; protoplasma, uma substância complexa formadora do conteúdo da célula, cuja parte mais fluida é também denominada de endoplasma, e o núcleo, onde se encontram os elementos essenciais da célula. O protoplasma se divide em duas parte, o citoplasma e o nucleoplasma. O primeiro é o protoplasma que rodeia o núcleo, e o segundo é o que forma o conteúdo do núcleo propriamente dito. No citoplasma são encontrados corpúsculos, como as mitocondrias, aparelho de Golgi, vacúolos, e uma série de inclusões, ou materiais diversos. O protoplasma das células vegetais apresenta algumas diferenças, como a parede celular, formada por substâncias inorgânicas, os cloroplastos, que promovem a síntese clorofiliana, leucoplastos etc. O núcleo guarda, principalmente, os cromossomos, onde se encontram genes, ou moléculas de ADN, responsáveis pela perpetuação da forma, e manutenção das funções gerais do organismo. Naturalmente estamos a falar de um modo geral e sucinto, pois as células têm uma variedade de conformação, e falar delas não é objeto do nosso estudo.

As células que formam os organismos animais e vegetais possuem funções de alimentação, excreção, crescimento, irritabilidade e reprodução. No caso dos unicelulares, como a ameba, devemos enumerar a mobilidade, realizada por extensões provisórias do citoplasma, denominadas pseudópodos. Ora, as funções desempenhadas pelas células, podemos notar, são as funções básicas dos organismos pluricelulares, tanto animais como vegetais. E não podia ser de outra forma, pois a célula é a menor unidade orgânica, ou seja é um organismo complexo, na sua simplicidade ilusória. Como diz o axioma da Biologia: “Todos os seres vivos são formados por células, ou por células modificadas” - os vírus são seres de transição entre o Reino Mineral e o Reino animal.

O corpo humano é formado por microrganismos associados em grupos específicos, desempenhando cada qual um papel especializado; aglutinados, mantêm-no ativo e funcional. A mente, comandando o cérebro, é responsável pela organização celular no complexo orgânico, como já está sobejamente provado pela psicofisiologia.

O organismo é estruturado, como vimos, por unidades vivas, as quais, se bem analisarmos, são mantidas coesas, em regime cooperativista mas, no fundo, não estão preocupadas, o mais mínimo que seja, com o todo orgânico. Cada qual só existe para sobreviver, e luta exclusivamente por isto. Sendo os instintos propriedade do corpo, podemos deduzir que eles são a síntese, se não o somatório, dos micro-instintos celulares, pois elas, como vimos nas funções acima discriminadas, os possuem em forma primitiva e simples.

Acontece que o Espírito está na base de todas as formas materiais, minerais ou biológicas, como enteléquia, conforme a denominação aristotélica, ou monádica, de acordo com o pensamento leibniziano. E, como salientaram os Espíritos Codificadores, quanto mais inferior o Espírito, mais ligado ao corpo estará. O termo *inferior* não designa aqui apenas um posicionamento axiológico de caráter ético, mas também de nível evolutivo. Queremos dizer que, quanto menos evoluído essencialmente, mais o Espírito está ligado ao seu veículo de expressão no mundo material.

Assim, a forma psíquica primária, ou mônada espiritual, tem uma estreita conexão com o organismo no qual está “encarnada”. E isto, desde os primórdios corpusculares da

evolução: " ...mesmo os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; desde que se ensaiam para a vida, e antes de terem plena consciência de seus atos e de seu livre arbítrio, eles agem sobre certos fenômenos da natureza dos quais são agentes, à revelia; eles executam assim mesmo; mais tarde, quando suas inteligências estejam mais desenvolvidas, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. **É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo; admirável lei de harmonia, da qual o vosso espírito, limitado, não pode ainda compreender o conjunto** [151] .

Como vemos, é estabelecido um nexo evolutivo dos corpúsculos básicos aos Espíritos Puros. O que precede o modelo esboçado em A Grande Síntese de cerca de 76 anos [152]. É claro que a educação para uma "vida interminável" deve começar na infância, sendo a criança levada naturalmente a tomar consciência de que a "morte" é um fenômeno tão natural quanto nascer. Que morrer não é uma tragédia, pelo contrário, significa libertação e oportunidade de realizar muito mais em benefício dos outros e, naturalmente, de si mesmo. O Monismo ubaldiano deságua no mais completo panteísmo, ao fazer de tudo uma resultante da substância Divina, que seria, em última análise, a energia formadora de tudo o que existe. Não conseguimos concordar (embora respeitemos seu direito de postular e defender os pontos de vista filosóficos e religiosos que erigiu), no modelo ubaldiano, com a tese, levantada a partir de Deus e Universo, da queda dos anjos, o que não passa de um retrocesso às ultrapassadas elucubrações dos pensadores medievais, que nos parece ferir, frontalmente, a lógica, o bom senso e o conceito que temos de Deus.

O psiquismo imperante nas formas biológicas mais simples é postulado pelo Espírito André Luiz: "Trabalhada no transcurso dos milênios, pelos operários espirituais que lhe magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído". "Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem no líquido protoplasmático, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal" [153] .

A estrutura celular, portanto, não está restrita apenas ao ectoplasma, endoplasma, corpúsculos, núcleo, DNA e RNA , mas possui uma protoforma espiritual a ela vinculada como "campo organizador da forma", ou "modelo organizador biológico". A célula, como uma organização animalizada pelo princípio vital e, de certa maneira, tornada inteligente pela enteléquia espiritual que a administra - e, dialeticamente, aperfeiçoa o informe "perispírito" que a reveste -, deseja preservar sua condição, o que lhe é ditado pelos instintos rudimentares que sua estrutura contém, formados por um "quantum" egocêntrico inerente ao psiquismo incipiente que a coordena.

Imaginemos, agora, trilhões de trilhões de corpos celulares esforçando-se para continuarem ativos e transmitindo ao inconsciente do Espírito encarnado seus anseios de preservação, os quais vão despontar no consciente, ao mesmo tempo em que o complexo orgânico sofre alterações metabólicas, a se expressarem pelos sintomas clássicos que acompanham o medo.

Existem, não obstante, fatores puramente psicológicos que reforçam os aspectos instintivos do medo de morrer. A educação assume fator preponderante no fato. Desde a primeira infância somos levados a acreditar que a morte é um fator negativo e prejudicial.

Expressões do tipo: “Se você não tomar cuidado pode morrer”; “quando eu morrer você vai ver o que perdeu”; “você poderia ter morrido!”, etc., além de outras referências, diretas ou indiretas, que implantam a idéia da morte como algo terrível, destruidor, motivo de perdas desastrosas. Desenvolvemo-nos vendo na morte física o desastre que destrói sonhos, ilusões, esperanças e afetos. Assim, o inconsciente atual passa a bloquear os registros do inconsciente profundo, onde estão gravadas nossas existências passadas e, consequentemente, nossas mortes e entradas no mundo espiritual, prejudicando o afloramento de sensações e intuições que nos poderiam manter tranqüilos diante da passagem obrigatória, tanto nossa como dos nossos entes queridos.

Reeducação para a Vida Imperecível

Existem situações que levam o indivíduo a perder o medo de morrer e, inclusive, desejar que a morte aconteça. Em guerras, por exemplo, depois de passar pela terrível experiência de matar, bem como pela consciência constante de que ela pode advir, pois ocorre randomicamente por todo o campo de luta, deixa de temê-la neuroticamente, embora procure evitá-la, passando por um processo de indiferença, gerado pelas condições do momento. Da mesma forma, quando se está submetido a um processo de sofrimento intenso, muitas vezes se deseja a morte como meio de libertação da dor. Igualmente, os parentes de alguém submetido a uma rotina dolorosa vão, paulatinamente, perdendo o apego e o pavor da morte do ser amado, vencidos pela condição de sofrimento dele e, também, pelo cansaço e angústia de uma situação anormal, indefinidamente adiada, terminando por exprimir o desejo de que descanse, ou seja, que morra o mais rapidamente possível, para que eles descansem.

O ideal é que a perda do pavor da morte se faça de maneira normal, no correr da existência. Isto pode ser conseguido em duas situações especificas: por educação e por reeducação. Começaremos pela segunda alternativa.

Quando se quer aprender Filosofia, não é indicado começar, por exemplo, pela “Crítica da Razão Pura”, de Immanuel Kant, nem “O Ser e o Nada”, de Sartre, o recomendável é um trabalho de introdução à Filosofia, onde se crie familiaridade com os conceitos e vocabulário filosóficos, se tenha uma visão das Escolas, e do desenvolvimento delas através do tempo. Assim, preparado por tal iniciação, deve-se compulsar os trabalhos que estudem e critiquem as correntes de pensamento, desde os Pré-socráticos até nossos dias, finalmente, que se penetre nas elaborações conceituais dos grandes pensadores, nos seus próprios textos, e, ainda aí é necessário seguir uma linha crescente de leitura, dos princípios aos dias correntes. É a metodologia do desenvolvimento progressivo, capaz de dar os melhores resultados.

Um exercício mental necessário para a perda do medo de morrer é se ver, sempre, como Espírito, porque esta é a realidade. Nunca afirmar que “possui” um Espírito, porque não é verdade. Nós somos Espíritos que possuem corpos. Ao dizer que “temos” um Espírito, admitimos, implicitamente, que o corpo é que possui consciência sendo, portanto, primordial. Quem pensa, e tem volição, é o Espírito, elemento fundamental e determinante.

Finalmente, devemos cogitar sobre todos os fatos da existência de uma perspectiva espiritual, que é a única válida, porque verdadeira. **A encarnação é momento muito rápido, vivido pelo Espírito, e tem de ser encarada no seu contexto de temporalidade. Não deve ser descurada, por ser de importância insubstituível para o progresso espiritual, mas não é fim em si mesma, mas um meio para se atingir um fim maior: o**

aprimoramento ético. Os problemas, obstáculos e sofrimentos são, e serão, todo o tempo, passageiros. Em qualquer situação desse tipo mentalizemos, "isto passará", permanecendo firmes nessa certeza, aconteça o que acontecer. "Não há mal que sempre dure, nem mal que nunca se acabe", diz um brocardo popular, analisando as mazelas e dificuldades, como também momentos de alegria e felicidade, na existência física. Manter este aforismo na mente, seja qual seja a situação do momento, nos dará oportunidade de avaliar corretamente a transitoriedade da passagem pelo mundo físico.

Estamos na Terra em vilegiatura rápida. Somos Espíritos que já vivemos muitas existências, acalentando sonhos e ilusões materiais que ficaram perdidos nas brumas do passado e, sem qualquer dúvida, animaremos ainda uma infinidade de corpos, no caminhar evolutivo.

Na medida em que fizermos dos valores espirituais nossa maior preocupação, estaremos nos afastando da materialidade, e nos aproximando daquilo que é nossa vida verdadeira: a do Espírito.

A proposta de Jesus é "estar no mundo sem ser do mundo", é agir no agora, como se fossemos desencarnar em seguida, mas trabalhar no bem, como seres eternos, que de fato somos. É se valorizar a encarnação porque ela é uma oportunidade necessária de aprendizado e crescimento espiritual. Tem-se o dever de preservá-la com empenho, cuidando do corpo e tomando todas as medidas necessárias para mantê-lo sadio, sem se prender a isso de forma neurótica. Nunca fazer nada para se prejudicar, organicamente. Igualmente, usufruir das alegrias e prazeres físicos, sem os transformar em objetivo principal, pois são em geral, atributos da essência da atividade psicofisiológica.

Seguir um processo de "metanóia", como o que estamos sugerindo, é libertar-se do "medo da morte", pois quem se sabe um ser permanente não tem como temer a impermanência. Recordemos Parmênides: "o Ser é, o não ser não é". E nós "somos". Temos a certeza disso pelo exercício do pensamento, através do qual nos descobrimos "sendo". "Cogito, ergo sum", afirmou Descartes, estruturando sobre esta verdade fundamental todo o seu sistema filosófico, sua visão de mundo. Pelo pensamento nos analisamos e ao meio onde estamos inseridos. A mente, matriz do pensar, é um núcleo em perpétuo crescimento, acumulando saber e experiência.

Em a Natureza, sabemos, nada se perde, tudo se transforma. Seria irracional e absurdo se, depois de uma vida sedimentando valores diversos, aprendendo sempre mais e mais, tudo fosse perdido numa crise orgânica definitiva, dissolvendo-se no nada. A Natureza não age dessa forma. Tudo é sempre aproveitado e reaproveitado: é a lei da conservação da energia. O Espírito, onde a mente está localizada, é uma energia vinculada a outro sistema energético, o soma físico. Ele está em elaboração e aprimoramento constante, e não desaparecerá nunca, pois o nada, simplesmente não existe.

Educação para a Vida

Toda família é uma oportunidade para que almas se eduquem no bem, e todo lar, por via de conseqüência, uma escola abençoada onde essa educação se deve realizar.

Quando um homem e uma mulher resolvem construir uma vida a dois, pelo matrimônio, devem saber que estão assumindo uma grave, mas salutar, responsabilidade. A

qual, com toda probabilidade, faz parte de um programa reencarnatório necessário para eles e para os que estarão envolvidos, na qualidade de filhos.

Não constróem um lar para simples deleite pessoal, mas para realizar uma tarefa específica de cunho espiritualizante. O lar estabelecido em tais condições é escola, oficina e templo de almas. As que ali venham encarnar esperam um ambiente onde tenham a possibilidade de desenvolver os aspectos mais positivos que trazem em si, com repressão e transformação dos impulsos e sentimentos infelizes, adquiridos num passado de inconseqüências.

Os cônjuges que cultivam o amor recíproco, a oração e a caridade educam seus filhos nesses mesmos princípios, incentivando-os para o bem, pelo exemplo, de modo a se tornarem cidadãos dignos, verdadeiros "sal da Terra" e "Luz do mundo". O respeito, a tolerância, a paciência, o entendimento e, quando necessário, o perdão, formam o clima normal de convivência.

Todo o lar que almeja equilíbrio e paz deve reservar, pelo menos, uma vez na semana para, reunidos pais e filhos, estudarem e debaterem assuntos referentes à espiritualidade e orarem em conjunto. Isto cria um ambiente psíquico favorável à permanência dos Espíritos Enobrecidos, com exclusão dos perturbadores e perversos. Toda a casa se reveste de luminosidade espiritual, eliminando e afastando as vibrações de cunho negativo e inferior. Uma outra conseqüência desses encontros é que os familiares estreitam mais os laços afetivos e é fácil se perceber quando algum dos componentes está atravessando um momento difícil, podendo se tomar as atitudes necessárias requeridas pela situação.

Num lar assim estruturado a idéia da "morte" não pode prevalecer. Desde a mais tenra infância a criança aprende a se conhecer como Espírito, e que a vida não sofre solução de continuidade. Para ela morrer é um acontecimento normal, sem se tornar um desejo, porque também aprende a valorizar o corpo, sabendo-o uma mordomia concedida por Deus, por um lapso de tempo, a fim de que adquira valores eternos.

A educação espiritual desenvolve o respeito pela vida. A morte passa a ter um qualificativo: física, e com isto o inconsciente passa a trabalhar com um conceito relativo da morte, que se refere somente ao corpo, mas não à individualidade. Toda a educação nas famílias espíritas se volta para a idéia da "**vida imperecível**", e a "morte" ganha o conteúdo emocional específico de desvinculação entre Espírito e Matéria, e a "morte" de um dos seus componentes é vista como simples separação temporária.

Poder-se-ia argumentar que uma situação como a descrita é utopia. Retrucamos que não. Existem muitos lares erguidos em tais bases, pelo Brasil e pelo mundo. Lares erguidos sob inspiração católica, evangélica, espírita, budista, islamita, etc. São oásis de luz, num doloroso ermo de trevas densas.

Infelizmente, nem todos os lares cristãos estão enquadrados nesta categoria. Isto porque alguns ainda não despertaram para a prática da doutrina que abraçam, a partir do próprio círculo familiar.

Os líderes religiosos deveriam promover um esforço de conscientização dos seus irmãos de crença sobre o valor fundamental da família. Reunião de Espíritos em tarefa de reconciliação, é nela que o processo de aprimoramento evolutivo se inicia. Quem aprende a conviver com seus familiares, aplicando os princípios Evangélicos de perdão, tolerância, compreensão, entendimento e amor, facilmente estenderá tais princípios aos demais componentes da imensa família humana.

Conclusão

A morte era considerada megera inflexível, a separar afeições, destruir sonhos e esperanças, produzindo a dor, o desespero e o nada, ou algo semelhante, que são destinos fixos, num céu esdrúxulo e num inferno incongruente, onde amores permanecem afastados em regime de eternidade, por erros momentâneos, em falazes instantes de loucura e ilusão, ela aterrorizava o homem, desde os primórdios da consciência.

"Da morte não se volta para relatar o que se passa", diziam e dizem os ignorantes de sempre, cultivadores da masoquista neurose do morreu acabou, desesperados diante da própria insânia. A mediunidade, desmente a assertiva, demonstrando, insofismavelmente, que se retorna sim, contando sobre o próprio fenômeno da morte, bem como a respeito do seu após. E são descrições que nos deixam estarrecidos, por dizerem que nada é como se descrevia, de acordo com as religiões tradicionais. Morrer só é um momento de agonia e desespero para os despreparados, que possuem a consciência maculada por crimes hediondos ou perversões bastardas. As pessoas comuns, que lutam e sofrem durante a existência, na mesmice monotonamente repetível do cotidiano, não enfrentam um clima de dor e angústia, a não ser quando se desesperam, presas de pânico motivado pela desinformação absoluta ou medos introjetados, irresponsavelmente, pelos pastores e sacerdotes pretensamente conscientes da realidade de Além-túmulo.

Havendo cumprido com os deveres da fraternidade, do amor e da retidão, a alma se liberta do corpo, acolitada por inúmeros mensageiros do bem, amigos e parentes, numa festa de júbilos inexprimíveis. Esta a grande verdade.

Assim, a morte, pois a transforma numa passagem para outra dimensão, onde estaremos entrando na posse da felicidade ou da tristeza, semeadas durante a existência física.

Ao contrário de separação, a morte produz maior integração entre quem parte e quem fica. A presença espiritual se faz constante, e muito mais rica. Além do mais, também passaremos pelo Grande Momento, e nos encontraremos todos, para vivermos as alegrias de um reencontro parcial, pois nunca houve real distanciamento.

O esforço maior que nos cabe é difundir a visão positiva sobre a morte, destruindo mitos multimilenares, a fim de libertar a mente humana de atitudes pessimistas e errôneas, diante da própria morte ou de pessoas queridas.

Quando a alma está se libertando do corpo, se torna muito mais sensível às emissões mentais, do que quando encarnada, pois o corpo oferecia razoável proteção. Os pensamentos dos familiares e daqueles que participam do velório ou do enterro atingem o desencarnantes, produzindo efeitos específicos sobre eles. O desequilíbrio emocional lança vibrações de dor, tristeza ou amargura, produzindo sofrimentos indescritíveis no Espírito em libertação. Entrando na faixa de tempestade emotiva, ele pode se desequilibrar, ao ponto de se fechar para a ajuda dos amigos e parentes desencarnados, permanecendo ligado às pessoas que assim procederam, em regime de obsessão mútua, onde eles e o desencarnado passam a permutar fluidos doentios durante muito tempo, com prejuízos físicos e mentais, impossíveis de relacionar. Naturalmente que os que assim procedem, irão responder diante da Lei Divina pelo crime praticado, sem possibilidade de alegar ignorância, pois nenhuma lei pode admitir uma falsa escapatória desse tipo. Atenuantes, sim, podem ser levados em conta, mais o resgate se fará absolutamente necessário.

Que se sofra a dor da saudade, é muito natural, nem se pede que alguém permaneça impassível diante do esquife onde está o corpo do ente amado. Mas que não haja desespero, nem profundos desequilíbrios emocionais. Em nome do amor, geralmente, fazemos sofrer de forma inaudita os nossos mortos queridos, projetando sobre eles verdadeiros estiletes de dor, que se lhes cravam no corpo emocional, torturando-os impiedosamente.

A melhor forma de auxiliar um agonizante é envolvê-lo em vibrações de prece e de amor. Quando a dor da saudade se nos faça mais intensa, oremos com todo fervor, sem gritos nem lamentações, pedindo ajuda aos Espíritos enobrecidos, para nós e para o nosso que está se desligando do corpo. Mesmo depois do enterro, não guardemos suas roupas e adereços, para o culto masoquista da recordação doentia. Façamos com que eles se transformem, em nome do morto amado, em alegria e auxílio para quantos vivem se debatendo em meio a carências terríveis. Assim, estaremos emitindo vibrações de reconforto e júbilo, que irão ajudar o desencarnado em sua readaptação à nova realidade.

Da mesma forma, os velórios devem ser transformados em oportunidade de oração e práticas outras de cunho espiritual e espiritualizante. Um estudo evangélico ininterrupto, do momento em que se inicie, até que se coloque a lousa sobre o caixão, consumando o enterro. Páginas de conteúdo moral, principalmente recordando Jesus e seus ensinamentos, devem ser lidas e comentadas, produzindo um ambiente espiritualizado, onde os Espíritos do Bem possam desempenhar suas atribuições, auxiliando o desencarnado e os que ficam, com passes e outros recursos, minimizando dores e dirimindo problemas.

Os velórios, infelizmente, são ambientes, de um modo geral, de profundo desrespeito. Muitas vezes, de forma descaridosa, os participantes se põem a confabular sobre os aspectos negativos da vida daquele que se está desligando do corpo, gerando um clima de desequilíbrio vibratório, capaz de ensejar a penetração no recinto de entidades irresponsáveis, provocando situações dolorosas para quem morre e seus entes queridos. Manter a caridade da palavra e do pensamento, contribuindo com orações e pensamentos positivos, para o bem-estar do desencarnante e seus familiares, é um dever de fraternidade, ao qual não devemos faltar. Recordemos que, por nossa vez, enfrentaremos a mesma situação, mais dia menos dia, quer na situação de desencarnado quer na situação de familiar de um. Aprendamos com Jesus a só fazer aos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós.

Afinal de contas, por que devemos nos desesperar ante a morte? ela é uma simples crise de mudança, sem afetar a “vida” no mais mínimo que seja, a qual continua, estuante, em dimensões mais altas e belas. Se fizermos dos ensinos de Jesus nosso roteiro existencial, a vida para nós será superabundante, pois o Mestre afirmou que tinha vindo para que tivéssemos vida, e vida em abundância. E isto de fato aconteceu, desde o momento em que Ele esvaziou o túmulo onde seu cadáver havia sido colocado, para reaparecer, materializado, pleno de vida, na mais notável demonstração de imortalidade de que se tem notícia.

Notas

[1] Alan Gauld, The Founders of Psychical Research, Schocken Books Inc, 1968, p. 20.
[2] A Crise da Morte, FEB, 4a Edição, 1962, p. 9.
[3] Le Livre des Esprits, "Introduction a l'etude de la Doctrine Espirite", item XIII.
[4] Parnaso de Além-Túmulo, FEB.
[5] Questão 607
[6] Alan Gauld, The Founders of Psychical Research, pp. 22 e 23.
[7] Les Livre des Esprits, questão 244.
[8] Ler sobre o assunto a Introdução de O Sermão do Monte, trad. do grego e comentários, Djalma Motta Argollo.
[9] Nos Domínios da Mediunidade, André Luiz (Espírito)/Francisco Cândido Xavier (Médium), Feb, 6ª edição (46º ao 50º milhar), 1970, p. 17.
[10] Sobre o caráter do Espiritismo como revelação, ver A Gênese, cap. I.
[11] Revista Espírita, trad. Júlio Abreu Filho, Edicel, sem ano de edição, 1º vol. p. 15.
[12] Le Livre des Esprits, questões 100-113.
[13] Le Livre des Esprits, questão 473.
[14] Idem, questões 282-283 e 419-421.
[15] Mecanismos da Mediunidade, 3a. edição, FEB, 1970, pp. 44 e 45.
[16] Historia de las Religiones, Carlos Cid y Manuel Riu, Editorial Ramon Sopena S.A., Barcelona, 1965, p. 11
[17] Assim denominados porque seu primeiro exemplar foi descoberto no vale (thal) do Rio Neander, na Alemanha, no verão de 1856.
[18] Origens, Edições Melhoramento/Editora Universidade de Brasília, 3ª edição, 1981, p. 125. Destaque nosso.
[19] Conf. A Evolução humana, Richard E. Leakey, Melhoramentos - Círculo do Livro - Universidade de Brasília, 1981, p. 153.
[20] Consultar Antropologia Cultural, Felix M. Keesing, Editora Fundo de Cultura. 1961, 2º vol., pp. 490-499.
[21] Historia de las Religiones, Clássicos Bergua, Madrid, 1º vol., 1964, p. 70.
[22] Novos Rumos à Experimentação Espirítica, edição do autor, 1960, pp. 16 e 17.
[23] Le Livre des Médiums, Allan Kardec, Librairie Leymarie, 1972, resposta à questão 11, inserta no item 73.
[24] O Espírito e o Tempo, EDICEL, 6ª edição, 1991, p. 24.
[25] Para aprofundamento do assunto consultar A Evolução Humana, pp. 158 e 159.
[26] Le Livre des Esprits, questões 84-86.
[27] La Gènese, cap. XI, item 37.
[28] Idem, item 16.
[29] Idem, item 11.
[30] Carlos Cid e Manuel Riu, op. cit., p. 239.
[31] Diálogos: A República, Platão, Editora Globo, 1964, pp. 310 a 317.
[32] Biografos y Panegiristas Latinos, Aguilar, S. A. de Ediciones, 1969; Suetônio. - Vida de los Doce Cesares, pp. 187 e 188.
[33] Idem.
[34] Idem.
[35] Idem, pp. 193 e 194.
[36] Idem, p. 301.
[37] Idem, p. 305.
[38] Idem, p. 348.
[39] Idem, p. 390.
[40] Patrología, J. Quasten, três vols., 3a. edição, Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1984, volume I, p. 398.
[41] Idem, pp. 398 a 401. Isto se refere também à passagem anteriormente citada. A tradução é nossa.
[42] Jo 3.
[43] "Excertos tirados de: O Mundo dos Espíritos: segundo o que lá foi visto e ouvido, de Emmanuel Swedenborg, trad. de Sérgio Luiz R. Medeiros, Razão Social, SP, 1992, pp. 25 a 29.
[44] The Founders of Psychical Research, p. 20.

[45] Idem, p. 20.
[46] O Mundo dos Espíritos: segundo o que lá foi visto e ouvido, p. 20.
[47] Arthur Conan Doyle, Historia do Espiritismo, Pensamento, p. 65.
[48] "The Spirit World", Florence Marryat, p. 128, Apud "Desdobramento, fenômenos de bilocação", Ernesto Bozzano, Edição Calvário, 1972, p. 94.
[49] A Crise da morte, p. 20.
[50] Le Livre des Esprits Le Livre des Esprits, questão 155.
[51] Idem, questão 150.
[52] Idem, complemento da questão 150.
[53] Allan Kardec, Le Ciel et l'Enfer, Union Spirite, Farciennes, Bélgica, s/data, 2a parte cap. I, número 4.
[54] A Crise da Morte, p. 17.
[55] Pierre Monnier (espírito)/Sra. Monnier (médium), Au Dela de la Mort, Fischbacher, Paris, 1983, p. 9.
[56] Le Livre des Esprits, questão 161.
[57] A Crise da Morte, p. 24.
[58] Idem, p. 30.
[59] Le Livre des Esprits, desdobramento da questão 155.
[60] Le Ciel et l'Enfer, p. 308.
[61] Espíritos diversos/Francisco Cândido Xavier (médium), Vozes do Grande Além, FEB, 4a edição, 1990, pp. 30 a 34.
[62] Le Ciel et l'Enfer, p. 192, número 6.
[63] 8a. edição, 1978, pp. 13 e 14
[64] Ver "E a Vida Continua...", André Luiz (Espírito)/Francisco Cândido Xavier (Médium), FEB.
[65] Vida Depois da Vida, Nórdica, 12a edição, sem data, p. 34.
[66] Parnaso de Além-Túmulo, FEB, 11a. edição, FEB, 1982, p. 258.
[67] Le Livre des Esprits, comentário à questão 165.
[68] Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, FEB, 2a edição, 1949, p. 56.
[69] Idem, pp. 26 a 29.
[70] Platon, obras completas, Aguilar S. A. de Ediciones, Madri, 2a. edição, 1974, "Defensa de Sócrates", p. 217.
[71] Obreiros da Vida Eterna, FEB, 13a edição, 1983, pp. 296 e 297.
[72] A Crise da Morte, p. 25.
[73] Idem, p. 21 e 22.
[74] Evolução em Dois Mundos, pp. 93 e 94.
[75] Cartas de uma Morta, p. 15.
[76] Além da Morte, 5a. edição, 1991, pp. 20 e 21.
[77] Alquimia da Mente, Publicações Lachâtre, 1994.
[78] Cartas de uma Morta, p. 15.
[79] Os Mensageiros, FEB, 21a edição, 1987, pp. 120, 121 e 122.
[80] Cartas de uma Morta, pp. 16 e 17.
[81] Além da morte, pp. 23, 25
[82] Idem, pp. 27 e 28.
[83] Le Livre des Esprits, comentário à questão 165.
[84] Evolução em dois Mundos, pp. 26, 27 e 28 (destaque nosso).
[85] Ver Recordações da Mediunidade, FEB, cap. 4.
[86] Ver, nesse sentido, principalmente, as obras de Allan Kardec.
[87] Le Livre des Esprits, comentário à questão 70 (destaque nosso).
[88] Obreiros da Vida Eterna, FEB, 13ª edição, 1983, p. 259.
[89] Idem, pp. 260 e 261.
[90] Le Livre des Esprits, questão 607 e seguintes.
[91] Posthumous Humanity, Wizards Bookshelf, 1981, pp. 70 e 71.
[92] Idem, p. 80.
[93] Os animais têm alma?, Ernesto Bozzano, Editora ECO, p. 31.

[94] Idem, p. 117.
[95] Idem, p. 117 e 118.
[96] Os animais têm alma?, p. 119.
[97] Idem, p. 120..
[98] Idem, pp. 153 a 156.
[99] No Limiar do Etéreo, FEB, 3a. edição, p. 130.
[100] Raymond, Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1939, p. 121.
[101] Nosso Lar, FEB, 35a edição, 1988, p. 46.
[102] Idem, p. 183.
[103] Conf. Memórias de um Suicida, FEB.
[104] Ponte Entre o Aqui e o Além, Hildegard Schäfer, Pensamento, 1992, p. 245.
[105] Philocalie, 1-20, Sur les Écritures et La Letre a Africanus sur l'Histoire de Suzanne, Marguerrite et Nicolas de Lange, Les Éditon du Cerf, pp. 192 a 194. Marguerite Harl et Nicolas de Lange, Les Éditions du Cerf, pp. 192 a 194.
[106] O Mundo dos Espíritos: segundo o que lá foi visto e ouvido, pp. 13 e 15.
[107] Idem, 1992, p. 16.
[108] Idem, pp. 16 e 17.
[109] Idem, pp. 66 a 68. (Destaques nosso)
[110] História do Espiritismo, Arthur Conan Doyle, Pensamento, pp. 38 e 39.
[111] Idem, p. 68.
[112] The Founders of Psychical Research, Schoken Books, 1968, pp. 21 e 22.
[113] Le Livre des Esprits, pp. X a XII.
[114] No Limiar do Etéreo, FEB, 3a. edição, pp. 127 a 130. (destaque nosso).
[115] Au Dela de la Mort, pp. 20 e 21.
[116] Raymond, Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1939, p. 119, 120 e 121.
[117] Idem, p. 127.
[118] Idem, pp. 141, 142.
[119] A Vida Além do Véu, FEB, 4a, edição, pp. 50, 58, 59, 76, 77.
[120] Crônicas de Além Túmulo, FEB, 9a. edição, 1981, p. 18, 151 e 152.
[121] Nosso Lar, p. 10.
[122] Idem, cap. 11.
[123] Idem, cap. 1.
[124] Idem, cap. 2.
[125] Idem, cap. 8.
[126] Idem, cap. 9.
[127] Idem, cap. 12.
[128] Libertação, cap. IV.
[129] Nosso Lar, cap. 22.
[130] Idem, cap. 22.
[131] Le Ciel et l'Enfer, p. 391.
[132] Evolução em Dois Mundos, FEB, 8a. edição, 1985, pp. 127 e 128.
[133] Mecanismos da Mediunidade, FEB, 10a edição, 1987, p. 171.
[134] Ver sobre o assunto: Espiritismo e Transcomunicação, Djalma Motta Argollo.
[135] Do grego Pantakou, cujo significado é: que está em toda parte.
[136] Evolução em Dois Mundos, cap. XIII
[137] A Gênese, cap. XI.
[138] A Caminho da Luz, cap. III.
[139] Recordações da Mediunidade, 6a. edição, FEB, 1989, cap. 8, pp. 128 a 132.
[140] A Crise da Morte, FEB, 4ª edição, 1962.
[141] Idem, pp. 79 e 80.
[142] Idem, p. 84.

[143] Sobre o conceito de Universo Espiritual ver "Possibilidades Evolutivas", Djalma Motta Argollo.
[144] Le Livre des Esprits, questão 166 e desdobramentos. Destaque nosso.
[145] Oeuvres Posthumes, Allan Kardec, Dervy-Livres, p. 243.
[146] Idem.
[147] Le Livre des Esprits, questões 100 a 113.
[148] L'Évangile selon le Spiritisme, Allan Kardec, La Diffusion Scientifique, 1974, Introdução, número II, p. 13.
[149] Hoje rotulada de "Terapia Regressiva a Vivências Passadas; eufemismo para burlar a proibição do Conselho de Psicologia que, alias como todos os "Conselhos" da área de saúde, preferem o faz-de-conta e engodos como esse, a terem de enfrentar um estudo sério e desapaixonado da problemática espiritual e suas aplicações terapêuticas.
[150] Le Livre des Esprits, questão 605 e sua complementar.
[151] Idem, questão 540. Destaque nosso.
[152] Editado pela Federação Espírita Brasileira, em 1939, tradução de Guillon Ribeiro.
[153] Evolução em Dois Mundos, 8a. edição, FEB, 1985, pp. 31 e 32.

Bibliografia

Aguilar

Biografos y Panegiristas Latinos, Aguilar, S. A. de Ediciones, 1969.

Andrade, Hernani Guimarães

Novos Rumos à Experimentação Espirítica, edição do autor, 1960.

Morte, Renascimento e Vida, Editora Pensamento, 1989.

Argollo. Djalma

O Sermão do Monte, trad. do grego, Editora "Mnêmio Túlio", 1993.

Possibilidades Evolutivas, Editora Mnêmio Túlio, 1994.

Espiritismo e Transcomunicação, Editora "Mnêmio Túlio", 1994.

Bergua, Juan B..

Historia de las Religiones, 4 vols., Clássicos Bergua, 1964.

Bozzano, Ernesto

Animismo ou Espiritismo, FEB, 1951.

A Crise da Morte, FEB, 4ª edição, 1962.

Os animais têm alma?, Editora ECO.

Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, FEB, 2ª edição, 1949.

Cid, Carlos e Riu, Manuel.

História de las Religiones, Editorial Ramon Sopena S/A, 1965.

D'Assier, Adolphe

Posthumous Humanity, Wizards Bookshelf, 1981.

Delanne, Gabriel

O Fenômeno Espírita, FEB, 3ª edição, 1977.

Diversos

Patrología, três vols., 3a. edição, BAC, 1984.

Doyle, Arthur Conan

História do Espiritismo, Editora Pensamento.

Edge et al.

Foundations of Parapsychology, Routledge & Keegan Paul.

Findlay, Arthur J.

No Limiar do Etéreo, FEB, 3a. edição.

Franco, Divaldo Pereira (médium)

Gonçalves, Otília (Espírito)

Além da Morte, LEAL, 5a. edição, 1991.

Gauld, Alan

The Founders of Psychical Research, Schocken Books, 1968.

Gibier, Paul

O Espiritismo, Faquirismo Ocidental, FEB, 3ª edição, 1980.

Goldstein, Karl W.

Transcomunicação Instrumental, Editora Jornalística FE,1992.

Harl, Marguerite et De Lange, Nicolas (trad. E coment.)

Philocalie, 1-20, Sur Les Écritures et La Lettre a Africanus sur l'Histoire de Suzanne, Les Éditions du Cerf, 1983.

Jürgenson, Friedrich

Telefone para o Além, Civilização Brasileira, 1972.

Kardec, Allan

Le Livre des Esprit, Librairie Leymarie.

Le Livre des Médiums, Librairie Leymarie, 1952.

L'Évangile selon le Spiritisme, La Diffusion Scientifique, 1974.

L'Évangile selon le Spiritisme, FEB, fac-símile da 3ª edição de 1866.

La Genèse, La Diffusion Scientifique.

Le Ciel et l'Enfer, Editions de l'Union Spirite.

Oeuvres Posthumes, Dervy-Livres, 1978.

Revista Espírita 12 vols., EDICEL, sem ano de edição.

Felix M. Keesing, Felix M.

Antropologia Cultural, 2 vols., Editora Fundo de Cultura. 1961.

Keller, Werner

La Parapsychologie Ouvre le Futur, Éd. Robert Laffont, 1975.

Leakey, Richard E.

A Evolução Humana, Melhoramentos - UNB, Brasília 1981.

Leakey, Richard E. e Lewin, Roger

Origens, Edições Melhoramento/Editora UNB, Brasília, 3ª edição, 1981.

Lodge, Oliver

Raymond, Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1939.

Locher, Theo e Harsch, Maggy,

Transcomunicação (A comunicação com o Além por meios técnicos), Editora Pensamento, 1992.

Miranda, Hermínio

Alquimia da Mente, Publicações Lachâtre, 1994.

Monnier, Sra. (médium)

Monnier, Pierre (Espírito)

Au Dela de la Mort, Fischbacher, 1983.

Moody Jr, Raymond A.

Vida Depois da Vida, Nórdica, 12a edição

Owen, G. Vale

A Vida Além do Véu, FEB, 4a edição.

Paula, João Teixeira de

Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo, Cultural Brasil Editora Ltda, três Vols., 2ª edição, 1972.

Pereira, Yvonne A.

Memórias de um Suicida, FEB, 14ª edição, 1987.

Recordações da Mediunidade, 6ª. edição, FEB, 1989.

Pires, J. Herculano

O Espírito e o Tempo, EDICEL, 6ª edição, 1991.

Platão

Obras Completas, Aguilar S. A. de Ediciones, Madri, 2ª. edição, 1974.

A República, Editora Globo, 1964.

Schäfer, Hildegard

Ponte entre o Aqui e o Além, Editora Pensamento, 1992.

Swedenborg, Emanuel

O Mundo dos Espíritos: segundo o que lá foi visto e ouvido, Editora Razão social, 1ª 1992.
Xavier, Francisco Cândido (médium)
Campos, Humberto de (Espírito)
Crônicas de Além Túmulo, FEB, 9ª. edição, 1981
Diversos Espíritos
Parnaso de Além-Túmulo, FEB, 1ª. edição, FEB, 1982.
Vozes do Grande Além, FEB, 4ª edição, 1990.
Deus, Maria João de
Cartas de uma Morta, LAKE.
Emmanuel (Espírito)
A Caminho da Luz, FEB.
Luiz, André (espírito)
Nosso Lar, 1988, 35ª edição, FEB - Brasília - DF - Brasil.
Os Mensageiros, 1984, 17ª edição, FEB - Brasília - DF - Brasil.
Obreiros da Vida Eterna, 1984, 17ª edição, FEB - Brasília - DF - Brasil.
Entre a Terra e o Céu, 1990, 13ª edição, FEB - Brasília - DF - Brasil.
Nos Domínios da Mediunidade, 1984, 13ª edição, FEB - Brasília - DF - Brasil.
Mecanismos da Mediunidade, , 13ª edição, FEB, 1983